

O CONTADOR DE MENTIRAS

Francis Ivanovich

EDITORA MULTIFOCO

Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.
Av. Mem de Sá, 126 – Lapa
Rio de Janeiro/RJ
CEP 20230-152

CAPA:

Aline Marion

DIAGRAMAÇÃO:

Eloísa Fróes

O contador de mentiras – 1ª Edição

Março de 2010

IVANOVICH, Francis

ISBN:

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução deste livro com fins
Comerciais sem prévia autorização dos organizadores
e da Editora Multifoco.

FRANCIS IVANOVICH

O contador de mentiras



UM SELO DA EDITORA MULTIFOCO

EDITORA MULTIFOCO
Rio de Janeiro, 2010

*A Cristiane, Victória, Raquel e Armando:
minha mulher, filha do coração e queridos irmãos.*

Quando quis tirar a máscara, estava pegada à cara.

Tabacaria – Fernando Pessoa

Quando abri meus olhos, pensei tratar-se de um pesadelo. No entanto, tudo o que eu sentia era real. Levantei-me e fui ao banheiro, apoiando-me nos azulejos frios, mirando o sanitário, onde meu rosto cobria o pequeno leito reflexivo. Nesse exato momento, sob o impulso dos rins e da bexiga, vendo minha face desaparecer sob a urina, apareceu em meu espírito a ideia que me manteve vivo até o dia de hoje. Voltei para o quarto, sem pressa, e perguntei-me se o pensamento era absurdo e concluí que *absurdo* é este mundo. Quis dormir, no entanto, a ideia me sugava os sonhos, fazendo meu coração saltar como carneiros e o corpo rolar sobre a cama de casal. De repente, um cantor mandou tudo para o inferno no rádio-despertador, e com um tapa no *off* calei o cantor, constatando que já eram seis horas da manhã do dia primeiro de abril, o *dia da mentira*. Era tempo de me levantar e ir para o escritório. Sentei-me na cama, como um Buda, com esperanças na ideia recém-nascida, e lembrei-me do calendário de parede guardado na estante da sala. Ao abri-lo, dele saltaram flores de outono mal impressas, azaléias e begônias, jasmims-do-cabo e buganvílias. Estudei o calendário, caminhando até a janela da sala, abrindo-a lentamente, e vi, sem surpresa, a vila repleta de mesmices, com nove casas, lado a lado, pintadas de rosa claro, num comboio de moradas próprias e alugadas, das quais, há 18 anos, eu comprara a última. Espiei desanimado para os baixos coqueiros, fila verde empertigada que ia dar quase no portão da vila, onde o velho

Manuel Antonio, morador da primeira casa, cedo estava, como sentinela, a admirar as mulheres que passavam pela rua. Suspirei triste com a bizarra cena e baixei os olhos para o chão da vila, dando com o gato esparramado sob o sol que se estendia. Senti inveja do felino ensolarado. Julgava-o feliz. Não tive dúvidas de que eu tinha pouco tempo para a ideia; em breve a *verdade* ia aparecer. Guardei o calendário florido, vesti-me amarrotado e fui para o escritório dar início ao plano. Demorei a girar a maçaneta. Finalmente avancei e acendi a luz. Dei com a mesa de Catalina. Fechei a porta e fui me ver com a secretária eletrônica engasgada por excesso de mensagens. Ao ouvir os recados, sabia distinguir as ligações perigosas, mesmo que nada pronunciassem do outro lado da linha. Aquilo mexia com os meus nervos. Peguei o telefone e passei o dia comunicando aos pequenos clientes que procurassem outro escritório de contabilidade. Menti a eles, evidentemente, dizendo que Catalina deixou a cidade; e que eu estava muito doente. *A declaração do imposto de renda, Severo Pena?* Procurem outro escritório, ora bolas! Ao final do dia, a Severo Pena Contabilidade estava encerrada. Faltava apenas comunicar ao Jairo, o dono da gráfica, um dos clientes mais antigos, e de quem eu gostava, a decisão do fechamento; seu telefone somente transmitia o sinal de ocupado. Bastavam-me livros-caixa, entradas e saídas, anotações trabalhistas, fiscais javardos, cálculos e vencimentos dos pequenos comerciantes, daqueles que conferiam ao escritório a reputação de lugar insuspeito. Catalina era quem cuidava dos pequenos comerciantes, permitindo-me exclusiva dedicação aos negócios do *chefe*, atividade principal do escritório. Catalina desaparecera no dia 23 de março, quando me enviara um *e-mail*: *Eu te odeio. Já sei de tudo. Você é mau e o homem*

mais chato deste mundo. Você nunca mais vai me ver. Fiquei chocado. Catalina, além de minha secretária há quase 20 anos, era a minha amante há 18. Tenho lido a mensagem como quem lê uma oração, sem querer acreditar no seu poder. O que me aborrece mesmo é o trecho em que ela afirma com veemência que sou o homem mais chato deste mundo. A maldita frase vem me torturando, provocando um profundo estranhamento de mim mesmo, não permitindo mais saber quem realmente sou diante do espelho. Catalina me acusa de ser maçante, o primeiro deste mundo. Pode existir maior ofensa a um homem? A acusação me provoca muita raiva, sentimento que se aguça em meu espírito, num duro golpe a minha condição de homem. Sinto-me humilhado, um nada, e talvez eu seja mesmo um nada, além de um homem bem ridículo. Após ter recebido o *e-mail*, fiquei prostrado por dias, sem sair de casa. Em meio à depressão de homem-contador, foi quando apareceu, de madrugada, a santa ideia: encerrar o escritório, ter tempo exclusivo para procurar Catalina e, ao encontrá-la, colocar minhas mãos no seu pescoço branco como leite e, antes de esganá-la, arrancar-lhe a explicação do porquê de me considerar o homem mais chato deste mundo. Eu tinha minhas suspeitas. Essa obsessão me serviu como oxigênio e alimento nesses últimos dias. Ao encerrar o escritório, encontrei na estante o dicionário da língua portuguesa. Coloquei-o diante de mim, como um prato de comida, e devorei as definições do adjetivo **chato**: *de superfície plana, sem relevo; liso; vulgar; rasteiro; pronto; importuno, maçador; inconveniente; espécie de piolho...* Espécie de piolho... A gente sempre quer se ver livre dos piolhos. Fechei o livro e o atirei contra a mesa de Catalina, vendo-a atrás do móvel, como um fantasma. Como esquecer

Catalina? Ela que nesses anos todos desempenhou o papel da mais perfeita amante e secretária que um homem-contador pode desejar. No escritório, era a contadora e secretária dedicada aos pequenos comerciantes; em minha casa, aos domingos, representava a esposa que não existe mais: limpava, lavava e passava minhas roupas, deixando-as perfumadas e tornando-me engomadinho, sem contar que cozinhava os meus pratos favoritos e também me servia erva-mate, de que tanto gosto, com pedras de gelo tilintando o copo de vidro. E no mesmo gesto de recolher o copo vazio, segurava minha mão e me arrastava para o quarto, onde nos entregávamos às delícias do amor. Com Catalina aprendi a amar. Nesses domingos casados, às vezes íamos à praia, geralmente quando estava calor, ou ficávamos em casa, quando ela colocava as coisas em ordem e saciava os meus instintos. Sentia-me o mais feliz dos homens nesses domingos e o mais feliz dos contadores, de segunda a sexta. Nos sábados, ela ficava em casa e pertencia ao marido que não tinha nome. *Tenho meu marido misterioso, você tem o seu cliente misterioso*, brincava ela comigo. Uma das coisas que mais me agradava em Catalina eram as nossas conversas, sobre os mais variados assuntos. Durante uma das conversas, ocorreu-me de torná-la minha sucessora na contabilidade do *chefe*, caso me acontecesse algo, como morrer, por exemplo, fato corriqueiro nesta vida. Pensei com a minha pastinha preta: ela é de confiança, é competente, está comigo há tanto tempo. De início, não revelaria a identidade do *chefe*, somente mais tarde, quando estivesse pronta, o apresentaria, carimbando dessa forma o seu passaporte. Os planos para Catalina não paravam por aí. Havia a casa da praia. O sonho da casa me apareceu num desses domingos, casados, quando fomos ver o mar, dentro

do carro vermelho que lhe dei de presente. Imaginei a casa sob coqueiros, e nós dois sentados em cadeiras floridas, sob o guarda-sol amarelo, tomando erva-mate, felizes para sempre. Jamais contei que havia comprado a casa, porque queria lhe fazer uma surpresa. Pelo menos não lhe dei esse prazer. Inserido nesses dias de calmaria e Catalina como a melhor das companhias, dentro desse contexto de homem apaixonado, foi que abri o cofre do meu coração. Não foi por acaso que encerrei o escritório. A ideia me levou a isso. Além do mais, ele se tornou o símbolo do meu infortúnio, não suportava mais ver a mesa de Catalina, que agora se parecia com um altar de sacrifícios, cujo sacrificado era eu mesmo. A mesa que ela ocupou por tantos anos. O fato é que eu precisava me concentrar inteiramente no plano, que crescia em meu coração como que envolvido por fermento. Alisei a mesa de Catalina e soquei-a até machucar os meus punhos. Quebrei-a e por pouco não acendi uma fogueira no meio da sala. Olhei para cada canto do escritório, objeto, livros contábeis e tive a certeza de que a minha vida apresentava um balanço negativo. Estava em débito para sempre. A mensagem enviada por Catalina me trazia à luz o mais transparente resultado: *escravo de dois senhores*. Como é possível um homem ser feliz quando está acorrentado? Senti profunda tristeza ao constatar tal condição. O primeiro escravo era o contador, o que vendera a alma ao *chefe*; o segundo, o homem Severo Pena, o que entregara o coração aos grillhões da paixão, cuja senhora era Catalina, a mulher que o odiava e o considerava o mais chato deste mundo. Chorei e num impulso quebrei todo o escritório. Quando peguei a secretária eletrônica para arremessá-la contra a parede, o telefone retiniu sobre a mesa. Fiquei paralisado, ouvindo-o. Não

| 14 atendi, destruí o aparelho e arbentei os fios. Estraçalhei a secretária eletrônica sob os meus pés, chamando-a de Catalina. Acalmei-me, e sentei no chão do escritório. E, olhando tudo a minha volta, tive a certeza de que em breve a minha vida ia ruir. A ideia tinha de dar certo.

Um telefonema me despertou de raro sono. Arrebentei os fios do telefone, puxando-os da parede. Retirei as baterias dos meus telefones móveis. Tornei-me incomunicável. Depois de beber café preto e comer a omelete, com gestos pesados, fui me reportar ao calendário de flores, agora dependurado na parede da sala, ao lado da porta. Desenhei uma cruz no dia primeiro de abril; ele estava morto como eu. Tinha pouco tempo para decifrar o mistério do paradeiro de Catalina, além das razões da minha vida sem relevo. Vou sair à caça, disse para o calendário, e refazer caminhos possíveis, encontrar pistas pelas ruas. De uma coisa eu tinha certeza, para o exterior ela não fugiu. Catalina tem medo de avião, sente-se sufocada dentro da cápsula pressurizada, talvez seja um dos poucos medos que tenha na vida. Minha intuição dizia que ela ainda estava na cidade. Onde? Decidi começar as buscas pelo terminal rodoviário, o mesmo em que eu desembarcara, cheio de esperanças, aos 23 anos de idade. Porém, antes, necessitava de um banho, há mais de 24 horas não me via com a água, notadamente cheirava mal e a minha alma estava encardida. Fiquei nu diante do espelho: a pele morena, a magreza, o rosto com sulcos de expressão, rugas dependuradas sob os olhos. *Você está ficando velho*, disse para o homem. Girei a torneira, e a água fria bateu impiedosa no meu corpo, fazendo-me estremecer, e uma boa sensação me tomou por inteiro, era o milagre da água. Esfreguei o sabonete na pele e senti o rosto áspero, uma rala barba

crescia desordenada. O barbeador enferrujado arrou a face com dificuldades, guiava-o pelo tato, não queria ver mais minha cara ao espelho. Filetes de pelo e espuma escorriam pelo peito, até que um filete de sangue manchou a água. Cortara o sinal no rosto, ao lado da boca; sempre me esqueço dele. A visão do sangue escorrendo pelo azulejo me deu medo. Não era medo de morrer, mas medo de fracassar na ideia, de não conseguir encontrar Catalina e lhe fazer falar por qual razão sou um piolho. Na toalha, nas entranhas do tecido felpudo, senti o cheiro do amaciante escolhido por Catalina, flores do campo. A erva daninha sempre gostou de flores, tanto que sugeriu ao Jairo, o dono da Gráfica, imprimir calendários com flores das quatro estações, como brinde de fim de ano. O mesmo calendário dependurado ao lado da minha porta, com flores de outono e uma cruz no dia primeiro de abril. Com a cara enfiada na toalha, sentindo o perfume do amaciante, meu coração sem perfume se enrijecia ainda mais. Enxuguei as dores e os pensamentos, rumei para o quarto, a fim de me vestir e sair à rua. Foi quando tropecei numa calça suja, largada ao pé da cama, caindo com a cara no chão. Lembrei-me do dia em que sofri uma queda humilhante.

Foi há um ano. Você pode ir à cidade pegar documentos para sua Catalina? Sentada em meu colo, a voz melosa que amiúde produzia quando desejava algo. Cheguei à Faculdade de Filosofia na hora marcada. Deveria procurar um professor chamado Maurício Batista. Ele caíra na chamada “malha fina”, a teia negra do imposto de renda. O prédio da faculdade estava em ruínas, mofo nas paredes, a pintura muito suja, mas a construção era bonita. No hall, perguntei a uma bonita jovem, que parecia uma índia, onde ficava a sala do professor. Não conheço, disse-me ela. Subi a escada que serpenteava em direção ao teto, até o primeiro andar, onde encontrei a secretaria da faculdade. Empurrei a porta de vidro, dando no balcão de informações, atrás do qual uma mulher analisava papéis. Preciso falar com o professor Maurício Batista, disse-lhe. Ele está no auditório, respondeu, conduzindo-me até o lugar. É aquele, e apontou-me o professor sentado à mesa dos debates. Ela praticamente me fez entrar, com um leve empurrão, dizendo que não havia problema em assistir ao evento enquanto esperava. Entrei, contrariado, temendo que aquele imprevisto pudesse tumultuar o meu dia, que estava devidamente organizado na agenda de trabalho. Devia fazer umas operações importantes para o chefe. Ao entrar no auditório, senti-me deslocado e sem saber onde me sentar. Acabei escolhendo uma cadeira próxima à porta, velho costume. Pousei sobre o colo a minha inseparável pastinha preta de documentos e tentei prestar a atenção ao evento.

O tema da palestra era Deus na Filosofia, ser que julgo superior a tudo e a todos, até mesmo ao chefe. À mesa, três pessoas: o professor Maurício, um escritor português convidado e um filósofo, com óculos de lentes grossas e ares de gênio ensandecido. Na plateia, cerca de vinte gatos pingados, como diz o povo, contando comigo. As exposições sobre Deus prosseguiram monótonas, e não tardou para que eu me sentisse entediado. Para falar de Deus, basta-me a missa de domingo, que julgo mais emocionante, mas que, infelizmente, deixei de frequentar. Volta e meia, eu consultava o relógio. A hora avançava impiedosa, para minha agitação. Não havia como arrancar o professor da mesa dos debates. Abri discretamente minha agenda e comecei a reorganizar o meu dia; estava disposto até a sacrificar o encontro com Catalina. Almoçávamos, segundas e sextas, num quarto de fundos do segundo andar do Hotel Caribe, a 20 minutos do escritório, de táxi. Pensava sobre isso, quando ouvi o filósofo dizer algo que me fez estremecer. Deus morreu; Deus segue morto; matamos Deus. Imediatamente, lembrei de minha mãe. Olhei para a plateia, esperando alguma contestação. Nada. Pelo contrário, havia sim, inclusive no professor Maurício, ar de aprovação. Minha mãe certamente não ia aprovar aquelas palavras. Não tive dúvidas, levantei-me e deixei o auditório, sem olhar para a mesa. Não vou trabalhar para um ateu, disse à minha pastinha preta, alcançando as escadas, mas minha perna direita, sempre ela, escapuliu do meu controle, traindo-me, e rolei os degraus, sob o coro assustado dos estudantes. Caí aos pés da índia, no hall da faculdade, a pastinha preta se abriu, e os documentos se espalharam. Com os olhos arregalados, o coração disparado, eu me sentia bem ridículo, afinal, a queda de alguém neste mundo, muita vez, é deleite

para os que estão de pé. Recolhi os papéis, e os devolvi à pastinha preta. O vigia cochichou em meus ouvidos a notícia mais terrível: Sua calça está aberta nos fundilhos. A minha vergonha aumentou. Indicou-me o banheiro masculino, no pátio externo, próximo ao café e à livraria. Caminhei até ele, sob os olhares dos estudantes, com a pastinha cobrindo os fundilhos, tal qual um calouro envergonhado. Escondi-me no interior de uma das casinhas do banheiro, cuja porta não tinha trinco. Só queria respirar fundo e fugir dos olhares. O maldito banheiro cheirava a creolina. Não entendo como isso foi me acontecer!, disse para a minha pastinha preta. Senti raiva do professor Maurício, do escritor português e do filósofo com cara de louco que afirmara que Deus estava morto. Alguém bateu à porta da casinha. O senhor é o contador? Soube da sua queda. Era o professor Maurício. Saia da minha frente!, disse com rispidez, tirando-o do meu caminho e deixando-o sozinho no banheiro fedorento dos filósofos. Atravessei o hall da queda, a índia ainda ria e o vigia exibiu uma expressão debochada. Cheguei à rua humilhado, com os fundilhos à mostra. De repente, surge-me uma cigana, dessas com dentes de ouro e vestida com roupas coloridas. A mulher segurou minha mão e se pôs a ler suas linhas como que diante de uma carta. Fiquei surpreso e em silêncio, esperei-a terminar a inusitada leitura. Foi quando ela ergueu os olhos negros como a noite e me disse sem cerimônia: O senhor vai ser picado por uma serpente. A mulher me cobrou pela leitura, paguei sem reclamar e jamais comentei com Catalina o ocorrido. Um ano após a queda, recebo o e-mail de Catalina anunciando seu ódio e minha chatice, confirmando o vaticínio da cigana, de que o meu coração foi picado pela serpente, e nele injetara o seu veneno.

Atravessei a vila como um fantasma. O velho Manuel Antonio estava no portão. Ao passar por ele, sentindo o seu cheiro de velhice abandonada, disse-me: *Cuidado*. Não quero ficar desse jeito, largado como um traste, não mesmo, falei para a caixa de correspondência, ao lado do portão, cuja portinha de metal se via levantada, indicando excesso de cartas. *Sou um homem incomunicável*, disse para o velho, mas não me ouviu, prestava a atenção numa jovem que passava. O dia bonito consolou-me daquele cheiro desagradável; o morno sol de outono sobre a cabeça, a visão do morro muito verde, com as torres de comunicação fincadas sobre ele, como foguetes prontos para a atmosfera. Pensei em tomar um táxi, mas preferi o coletivo; sabia que eu estava sendo vigiado. Havia uma linha que parava na porta do terminal rodoviário. Caminhei até a parada e, estendendo o braço, solicitei que o ônibus me engolisse. Ouvi disparos vindos de um dos morros de miséria que cerca o bairro. Lembrei do alcance de um fuzil, até três quilômetros, o mesmo modelo que minha habilidade contábil fazia chegar à cidade. Procurei não pensar nisso. Embarquei. A viagem foi agradável, a brisa fresca circulando no interior do coletivo, gente do povo de todas as cores, com os seus dramas e a falta de dinheiro, embarcando e desembarcando. Cheguei ao velho terminal rodoviário às 13 horas. Mostrei a foto de Catalina a várias pessoas, mas não obtive nenhuma informação. O terminal, as ruas e os prédios em volta degradaram-se como eu.

Ao lado dele, instalaram-se boates com nomes sugestivos, como “Mama”, “Hot” e “Paraíso”. O lugar decadente é frequentado por marinheiros e viciados em drogas. Há também na área pardieiros que funcionam como ponto de encontros com as prostitutas. O lugar fede a urina, triste hábito de nossos concidadãos. A paisagem urbana, que no passado me causou deslumbramento quando ali cheguei aos 23 anos de idade, perdeu o seu vigor, tornando-se irreconhecível. O lugar está doente, entupiram-se as artérias, adoeceram os órgãos internos e a droga, em especial o *crack*, encontrou ambiente adequado. Percebi, sem esforço, que ali não havia pistas sobre Catalina e os meus piolhos. Estava com fome. A omelete com café preto, em casa, pela manhã, não me supriu. Antes de partir, procurei pelo terminal um lugar decente que pudesse iludir o meu estômago. Era o que devia fazer antes de deixar para sempre o lugar fedorento e viciado. Enxerguei uma lanchonete ao lado de uma das boates. Atravessei a rua e me aproximei do balcão, que tinha uma vitrine engordurada. Dentro dela estavam expostos salgados à base de carne e frango; sardinhas tostadas na farinha de rosca; ovos cozidos tingidos de azul e rosa; um pedaço de pernil; uma tigela de alumínio com miúdos repugnantes; potes de vidro com azeitonas pretas e verdes, e o queijo parmesão com sua grossa capa cor de bronze. Completavam o banquete algumas moscas teimosas. Atrás do balcão estava o funcionário, um mulato que trajava camisa azul fina e puída, em cujo peito letras bordadas em vermelho anunciavam o nome do estabelecimento: “*Lanchonete Terminal*”. O mulato era simpático e tinha nas mãos um pano encardido, com o qual espantava as moscas que, em voos rasantes, tentavam invadir a vitrine toda vez que ele corria a portinha de vidro. O que o senhor deseja?,

E respondi sem pensar: *Ovo cozido*. Rosa ou azul?, perguntou-me, correndo a portinha. Não sei, deixe-me pensar. E me ocorreu o seguinte pensamento, o mais esdrúxulo. *Não sei de onde veio esse costume de pintar os ovos*, pensei, olhando para dentro da vitrine, sem a intenção de ser engraçado, porque na verdade eu estava pensando em voz alta. Para minha surpresa, ele repercutiu o meu pensamento tolo por toda a lanchonete, tal metralhadora giratória. *Alguém sabe de onde veio essa mania de pintar os ovos?* Uma gargalhada generalizada cobriu o balcão, e as moscas ficaram mais agitadas. Não sabia o que fazer e, como diz o povo, onde enfiar a minha cara. *Azul!*, disse bem alto, com a esperança de que a minha escolha pusesse fim ao deboche. Optei pelo azul porque é a cor de que mais gosto, também é a cor dos olhos de Catalina, e a que lembra o céu da minha infância, quando me sentava à beira-mar, contando estrelas, utilizando um graveto como se fosse uma varinha mágica, evitando o uso do dedo indicador, porque minha mãe dizia que apontar estrelas faz nascerem verrugas. O mulato pegou um pequeno prato e o pousou sobre o balcão engordurado, de dentro da vitrine retirou dois ovos azuis, rolando-os no pratinho. Duas moscas invadiram a vitrine, pousando sobre o pernil. Ele me ofereceu o saleiro, colocando-o ao lado dos ovos celestiais. Para beber?, quis saber o mulato simpático, com um palito no canto da boca, entre os dentes muito brancos, sem esconder a expectativa pela minha nova resposta. Isso me deixava bem nervoso, confesso. Pensei comigo, dessa vez em silêncio: *Erva-mate não!* Não conseguia definir o que ia beber com os ovos azulados. Nada combinava. O mulato me ajudou. *Uma dose de conhaque vai lhe cair bem*. Fiquei calado e surpreso, já que não sou adepto do álcool e não via sentido na combinação.

Observei-o pegar a garrafa de conhaque de alcatrão, com destreza, e ao mesmo tempo um copo de vidro, que pousou ao lado do saleiro. Balançou a garrafa várias vezes, com a boca para baixo, despejando o conhaque, que tingiu de cor de caramelo o copo. Ele sabia exatamente quantas vezes tinha de sacudir a garrafa, a fim de acertar a dose. Quando atingiu o nível, concedeu-me uma sacudida extra, acrescentando volume e o seguinte comentário: *Esta dose é por minha conta... O senhor é gente boa, não é um desses chatos que aparecem por aqui.* E afastou-se para guardar a garrafa de conhaque e depois lavar pratos e copos, de costas para o balcão. Olhei para o fundo dourado do copo e bebi num só trago, movido pela perplexidade provocada por aquela declaração amistosa, que negava a acusação da serpente de que eu era um chato terminal. O líquido anestesiou a minha garganta, ardeu o estômago e me deixou mais confuso. Dispensei os ovos azuis, paguei pela bebida e dei uma boa gorjeta ao mulato simpático, que ainda me disse: *Vou descobrir para o senhor quem inventou essa mania de pintar os ovos.* E sorriu. Cheguei a cogitar em mostrar-lhe a fotografia de Catalina. Desisti. Julguei que ele não merecia beber o veneno de uma serpente. Prossegui com a minha busca, caminhando em direção à Avenida Principal. Enquanto caminhava, ouvia duas vozes dentro da minha cabeça, como um esquizofrênico em surto. De um lado, Catalina me acusando de ser um piolho; do outro, o mulato simpático dizendo que eu era gente boa. Sentia-me tonto com o falatório. E o meu estômago gritava como nunca!

Sentei-me num modesto restaurante, na Avenida Principal. Escolhi o *fettuccine* com tomate, creme de leite, manjeriçã, mussarela, orégano, pimenta-do-reino branca, manteiga e pouco sal. Para beber, água mineral. Implorei rapidez ao velho garçom. O meu estômago continuava gritando. Enquanto esperava, observei pela janela um camelô do tempo. Ele vendia relógios de vários modelos: santos, adornos, escudos de time de futebol, flores, animais, mecanismos engenhosos, de parede, de cabeceira e de pulso. A banca do camelô vendia o tempo que a cidade não tinha. Os relógios estavam sincronizados e marchando como soldados rumo à morte: 02 de abril, 15 horas e 30 minutos. O camelô do tempo era gordo, tinha barba selvagem, a testa oleosa, calçava alpercata, e chamava a atenção de quem passava gritando: *Olha a hora!* O garçom trouxe a água mineral e, ao despejá-la no copo, disse-me algo inusitado: *Tudo nesta vida é uma questão de tempo.* Retirou-se como um fantasma, sumindo pela porta de acesso à cozinha. Fiquei impressionado com a frase, parecia ter lido os meus pensamentos. Bebi água, desconfiado e, ao mesmo tempo, senti um pouco de alívio no estômago, agredido pelo conhaque de alcatrão. Esperei pela comida sem conseguir deixar de observar o camelô, ele espanava a poeira dos relógios. Foi quando uma velha chegou à banca. Finalmente, o garçom serviu o *fettuccine* e, pude reparar melhor em suas mãos enrugadas e trêmulas, ouvir a respiração irregular, a expressão fatigada, os gestos imprecisos. *Bom*

apetite, desejou-me, com a voz rouca, e se afastou, mais cansado. Levei à boca a massa, quase em desespero, que se revelou pouco saborosa, o que me deixou ainda mais desgostoso com a vida. Junto à banca, a velha olhava indecisa para dois modelos. Eu engolia o *fettuccine*, ela mastigava os relógios. Nada comprou. Partiu, quase sem tirar os pés do chão da avenida. O camelô do tempo lhe fez careta. A cena aconteceu tão rapidamente quanto a refeição nada saborosa que engoli para silenciar o meu estômago. O garçom se aproximou e recolheu o prato. *Satisfeito?* Café sem açúcar e a conta, respondi, quase irritado, e lhe mostrei a foto da serpente. *É bonita, mas nunca apareceu aqui no restaurante*, respondeu secamente, devolvendo a foto. E o assisti voltar à cozinha, com o seu andar desanimado. O vendedor de relógios arrumava a banca, trocando de lugar os modelos que a velha recusara. *Olha a hora!* O garçom retornou e, próximo à mesa, parou, de repente, e olhou para o teto, trincando os dentes, deixando a bandeja cair, produzindo um estrondo semelhante a um trovão, desabou. Já tinha visto cena semelhante. O gerente do restaurante curvou-se sobre o funcionário, tentando reanimá-lo, massageando o seu peito, mas foi inútil. Não respirava. O gerente desculpou-se dizendo que deixássemos o local sem esquecer nossos pertences. *Tudo nesta vida é uma questão de tempo*, ouvi nitidamente o garçom falando dentro da minha cabeça. Deixei o restaurante, indo parar ao lado da banca do camelô do tempo. O que houve?, perguntou-me. *O garçom morreu*. Mostrei-lhe Catalina, mas sequer olhou para a foto, correndo para ver o morto através da janela do restaurante. Na banca, pude reparar a mercadoria e um dos modelos de relógios chamou minha atenção, ele tinha o formato de um coração, talvez simbolizasse o tempo do amor.

Enfiei o relógio-corção no bolso da calça e fugi, sumindo entre os pedestres. *Não roubarás*. Lembrei-me do oitavo mandamento, que eu aprendera na aula de catecismo na igreja matriz da minha cidade. O pecado ressecou minha garganta, molhou minhas mãos, deixou meu o coração mais agitado do que a Avenida Principal repleta de carros e gente acelerada. Quando dei por mim, havia chegado a uma loja especializada em erva-mate 100% natural. Pedi um copo 500 mL. A moça entregou-me a nota fiscal, verifiquei-a, por instinto: a razão social, o cadastro nacional da pessoa jurídica, a inscrição municipal, o endereço, o valor pago, o troco, a data e a hora: 02 de abril: *Tudo nesta vida é uma questão de tempo*, ouvi outra vez o garçom falar dentro de mim. A erva-mate me foi servida em copo de plástico; Catalina me servia em copo de vidro. Mostrei a foto da serpente à balconista. *Não lembro ter visto*, disse, devolvendo-me a foto da minha bebida amarga. Fui para a porta da loja respirar e espiar o movimento da avenida, enquanto bebia. Do outro lado, uma construção antiga, numa rua estreita, atraiu meu olhar. No letreiro lia-se *Wiskeria*. Um homem estava à porta, lendo jornal, cujo tamanho do físico chamava a atenção. Chegavam ao lugar homens sozinhos ou em pequenos grupos; alguns cumprimentavam o grandalhão, outros o ignoravam; ele parecia não se importar. Eu bebia o último gole da erva-mate, quando levei um tremendo susto. Catalina, após cumprimentar o porteiro, entrou na *Wiskeria*. Atravessei correndo a Avenida Principal, aproveitando o sinal vermelho para os carros. Alcancei a calçada, ofegante. Parei na esquina, de modo que podia ver com nitidez a fachada decorada com bandeiras de vários países. Ao baixar os olhos, notei o homenzarrão me encarando, o que me intimidou.

Decidi me afastar, caminhando de volta pela Avenida Principal. *É Catalina! Só pode ser ela!* Disse para o relógio-corção. Ele ficou mais agitado. Passei a mão sobre o mostrador, como se fosse a cabeça de um cão, mandando-o ficar quieto. Reparei que eu estava outra vez em frente ao restaurante e à banca do camelô do tempo. Fiquei nervoso e imaginei o velho garçom estendido sobre a mesa marmórea, sem a roupa de trabalho, aguardando para ser reconhecido; e o camelô do tempo procurando inutilmente o relógio-corção. Não sabia se fugia ou voltava para perto da Wiskeria. Fui é para casa, precisava pensar no que ocorrera. O relógio estava mais calmo, mas o garçom não parava de falar comigo: *Tudo nesta vida é uma questão de tempo.*

Os acontecimentos do dia anterior funcionaram como calmante. Acordei ao meio-dia incrivelmente disposto. Tomei banho e me vesti apressado. Nós somos assim, um dia acordamos mais mortos do que vivos, noutra somos o próprio sol, tanta é a nossa energia. O sol que penetra a profundidade das coisas e dos seres, tecendo luz em nosso espírito, barrando a escuridão, removendo a morte, tornando-nos brilhantes, e, com seu bálsamo dourado que recende a nossa esperança, transformando nossa frágil carne em fogo, cuja chama exala, como incenso, a luz da própria vida. A perspectiva de reencontrar Catalina era a fogueira acesa em minha alma. Ao passar pela sala, ouvi o relógio-coração agonizando sobre a mesa, com os ponteiros se arrastando tal qual um jovem soldado baleado. As pilhas estavam fracas dentro da vulgar carcaça. *Deixe-me morrer em paz, contador.* Disse-me o moribundo. Ao abrir a porta, a luz do sol invadiu a sala com força, energizando-me ainda mais. Fixei a terceira cruz no calendário de flores dependurado ao lado da porta, um cemitério se formava. Fazia sentido. Benzi-me, coisa rara, mas precisava, e tomei rumo em direção à wiskeria para surpreender Catalina. No táxi, aconteceu a coisa mais absurda. Pedi ao motorista que fosse o mais rápido possível até o centro da cidade. Pelo caminho, ficamos em silêncio. De repente, um rato saiu debaixo do banco traseiro, em direção aos pedais do carro. O motorista não teve dúvidas em breicar o automóvel bruscamente, quase provocando um en-

gavetamento na radial. O homem sofria de uma espécie de fobia. Desceu e foi se alojar no teto do táxi. Cena patética. O ratinho parecia ser dotado de alguma inteligência. Também desceu e se posicionou na rua, de maneira que pudesse observar sua vítima. O rato pagou caro pela artimanha, foi esmagado por um caminhão que passava, transformando-se numa pasta vermelha que encerava o asfalto. Foi quando vi que um carro me seguira, parado próximo, com três homens nos observando. O motorista que tinha medo de rato retornou ao volante como se nada tivesse acontecido, levando-me até o centro. Ao chegarmos, despediu-se da seguinte maneira: *Desculpe, senhor. Prefiro encarar uma cobra a um rato.* E arrancou com o táxi, deixando-me pensativo com o seu comentário. Fazia sentido. Catalina era a serpente, eu era o rato. O carro que me seguia sumiu da minha vista. Cheguei à esquina. O homenzarrão não estava à porta da wiskeria, isso me animou. Entrei. Dei com o gigante descendo as escadas. Não havia como fugir. Ficamos frente a frente, o monstro ainda maior, parado nos degraus acima. *Seja bem-vindo,* disse-me, dando passagem. Suspirei e subi, lentamente. Todo o lugar era banhado por uma luz vermelha. Parecia que eu entrava num laboratório fotográfico. Um cheiro de eucalipto se espalhava pelo ar. Sou alérgico a eucalipto. No entanto, estava suportável. A ansiedade em estar ali era grande. As escadas davam num pequeno saguão, onde funcionava a recepção. Debruçada sobre o balcão, estava uma mulher morena e grande, cigarro enfiado entre os lábios grossos, unhas enormes e folheando uma revista sobre televisão. A mulher, ao ver-me, ergueu o tronco, revelando o colo avantajado. Sorriu-me como um comerciante que recebe novo freguês. Atrás da recepcionista, colado na parede, um cartaz avisava:

Não aceitamos cheque. É a primeira vez que nos visita? Sim, senhora, respondi de maneira tão tímida que a mulher me beliscou a bochecha, como se eu fosse um garoto, e pediu-me com a voz melosa, parecida com a de Catalina quando queria algo, que a chamasse de “*você*”. E beliscou a outra bochecha. Não fosse o lugar banhado pela luz rubra, ela perceberia o quanto eu havia corado. Pensei em ir embora do lugar, mas a mulher mudou o seu tom de voz, o que me fez desistir da fuga. Ela passou a me explicar o funcionamento da casa. *Tome a chave. Prenda em seu pulso. No armário você deve guardar suas roupas e pertences. Dentro, há roupão e chinelos. A entrada em nossa casa custa 50 reais, pague na saída. Deitar com alguma garota, por 40 minutos, custa 100 reais.* Ouvei atentamente suas recomendações, e ela finalizou apontando-me o acesso ao bar e à sauna, de onde escapava o cheiro do eucalipto. Dessa vez beliscou o meu queixo, dizendo que eu era um doce, e voltou a ler a revista de mexericos televisivos. Dirigi-me à sala dos armários, perdido, arrastando os meus pés, tamanha era a minha insegurança. A sala dos armários era iluminada por lâmpadas fluorescentes. Não havia ninguém. Percebi algo que me fez mal. Eu era o primeiro cliente do dia. Fiquei angustiado, mas não podia ir embora, precisava encontrar Catalina. Ao mesmo tempo, começava a duvidar se a mulher que tinha visto no dia anterior era mesmo a serpente. Sentei-me no banco entre as duas fileiras de armários, olhando desanimado para a chave numerada em minhas mãos. Ouvei alguém se aproximando. Levantei-me e me dirigi ao armário 001, com a intenção de disfarçar o meu constrangimento. Quando, para meu desgosto, ouvi alguém me chamar com grande entusiasmo. *Severo Pena!*

Temeroso, voltei-me e dei com Walmir Santos na sala dos armários. Não era possível. Fiquei confuso. Que dia é hoje? Perguntei-me. Reencontrá-lo era assustador. Sua presença indesejável reconduzia-me ao passado, quando dividimos o mesmo escritório na *Travessa FS*. Não conseguia disfarçar o constrangimento em revê-lo. *Como vai, Severo Pena?*, Abraçou-me, e por pouco não me deu um beijo. *Grande contador! Que alegria!*, disse. Aquele momento não era alegre, mas um pesadelo. Compreendi que não fazia nenhum sentido eu estar na wiskeria com a pulseira de número 001, porque Catalina jamais estaria ali. *Por que eu tinha ido lá?* Não sabia. O cheiro do eucalipto se tornara mais intenso e me provocou náuseas. Preciso sair daqui, disse de maneira agoniada, como alguém que fica preso num elevador. Walmir propôs que fôssemos embora e nos sentássemos num lugar limpo, para pôr as notícias das nossas vidas em dia. Não queria que ele me acompanhasse. Paguei à mulher peituda pela entrada. Descemos as escadas rumo à rua, passando pelo porteiro gigante. Corri à rua, precisava respirar. O cheiro do eucalipto me envenenara tanto quanto Catalina. Ergui os olhos para os céus da cidade em busca de oxigênio. Walmir segurou em meu braço e me conduziu pela Avenida Principal, a mesma onde o conheci há quase 20 anos. *Está com algum problema?*, perguntou-me o indesejado. O eucalipto não me fez bem, sou alérgico, respondi enjoado. Caminhamos até a confeitaria. Sentamo-nos sob os lustres de cristais, em

meio aos espelhos antigos, o lugar parecia ressuscitar o passado da capital. Flutuavam no ar os espíritos dos homens, das mulheres e das crianças do começo do século 19, discutindo a vida e o futuro. Do lado de fora, a cidade século 21 se desintegrava em deselegância e desumanidades. Frente a frente, eu e Walmir Santos. Considerava o reencontro um castigo. Uma mocinha veio à mesa, com o bloco de pedidos nas mãos. Walmir não perdeu tempo. Quer casar comigo?, a mocinha o ignorou, apenas me olhava. Quero café com leite, omelete e torradas. Quero o mesmo, mas sem a omelete, prefiro o queijo branco, disse-me Walmir. A mocinha me sorriu e partiu. Walmir ficou admirando o seu andar ligeiro. Amigo Severo Pena, há quanto tempo! Como você está, Walmir? Assim, assim, uma tremenda dor no pescoço. E você, grande contador? Os olhos de Walmir me analisavam. E minha aparência não estava nada boa. Não fizera a barba e já não me vestia engomadinho, como no passado; era como se tivesse abdicado do ferro de passar, da lâmina de barbear e do espelho, o que era verdade. Sem contar as olheiras típicas de quem não dorme, além da magreza que se acentuara. Severo Pena, você sabe que não sou santo, mas o que fazia naquele *antro*? Walmir utilizou exatamente a palavra *antro*, lugar de criminosos, corrupção e vício. A palavra me chamou à realidade. Apesar de considerar Catalina uma criminosa, roubara o meu coração, a mulher que tinha visto entrar na wiskeria não era ela e eu sempre soube disso. *Por que fui ao lugar?*, perguntei ao espelho da confeitaria. O mistério da minha ida ao antro só aumentava. Antes que pudesse responder, voltei ao passado, revendo meu convívio com Walmir Santos no escritório da *Travessa FS*. Walmir foi importante na minha trajetória como contador; o escritório facilitou os meus negócios

com o *chefe*. Quando nos conhecemos, tinha eu 23 anos e Walmir 26. O escritório que compartilhamos possuía divisória que terminava junto à porta de entrada. A sala funcionava da seguinte maneira: à esquerda, a representação comercial Walmir Santos; à direita, a contabilidade Severo Pena. O escritório era simples, silencioso e bem iluminado. O telefone ficava em sua mesa, e de vez em quando ele anotava os meus recados. Mandamos imprimir cartões de visitas padronizados, mudando apenas nome e função. Em seis meses, a contabilidade era prosperidade; a representação comercial, marasmo. Walmir estava preocupado, sua herança e economias foram tragadas pela má fase no pôquer. Outro equívoco que cometeu foi ter assumido uma representação de peças para guindastes, imagine só. Conheceu na mesa de jogo um fabricante e se meteu no ramo. Ele que nada entendia de guindastes. Walmir não tinha coragem de me revelar seu desânimo. Já devia três meses de aluguel da sala, condomínio, além do atraso da conta de luz e telefone. Eu não pagava pelo uso da sala, era cláusula do contrato que assinamos, cujo termo descrevia escambo: os meus serviços de contador para a representação comercial em troca de uma mesa no escritório. Esse contrato foi muito vantajoso para mim, sem dúvida. Nós nos conhecemos quando fui à Avenida Principal divulgar os meus serviços contábeis. Lá chegando, numa tarde escaldante, encontrei a avenida tomada por metalúrgicos em greve, vigiados pela polícia e seus cães, exigindo aumento de 10% nos salários. Eu destoava daquela gente, e era indiferente ao seu drama, preocupado sim em distribuir os meus cartões de contador aos homens de boa aparência que supunha serem promissores comerciantes. Interpelei Walmir Santos, bem-vestido,

o físico apumado, e lhe entreguei o cartão, quando uma bomba de efeito moral explodiu próximo, e a correria tomou a avenida. A greve se transformou em batalha campal. Walmir desapareceu em meio à fumaça, e retornei ao hotel “Flor de Espanha”, já que o dia não estava propício à sondagem comercial. Não demorou muito para que Walmir aparecesse no meu endereço impresso no cartão. Para sua surpresa, era o de um hotel-residência que exalava pobreza, o que o deixou desconfiado. Quando se retirava, fui ao seu encontro. *O senhor! Eu lhe dei meu cartão na Avenida Principal, na confusão dos operários, não foi?* Disse-lhe, estendendo a mão para um cumprimento, na intenção de acalmá-lo. Aceitou o convite de nos sentarmos à mesa do feio salão de refeições do hotel, até então, minha residência e meu escritório de contabilidade. Do salão se via através da janela os casarios antigos com sacadas servindo como varal de roupas, onde mulheres e crianças magras espiavam a rua. Servi-lhe uma xícara de café e expliquei-lhe que o hotel era meu cliente, desarmando Walmir de qualquer desconfiança. O elegante me contou que pretendia abrir uma representação comercial, porque pressentia que a cidade em desenvolvimento ia necessitar cada vez mais de novidades técnicas, como modernos guindastes. Confesso que considerei ingênua sua fala, que não combinava em nada com um homem de negócios; ele parecia mais um idealista do que um empresário. *Quem é você, Severo Pena?*, repreendeu-me o cartão de visita que ainda me disse: *Você é um contador, e cabe a ele colocar os pés dos sonhos do empreendedor no chão, através de contratos, taxas e impostos.* Informei a Walmir que abriria a representação com rapidez, entreguei-lhe a lista de documentos necessários. Combinamos o preço pelo serviço, Walmir me confidenciou que esta-

va apertado. *É possível o senhor me conceder um desconto?*, perguntou-me, sem jeito. Disse-lhe que poderia dar 10%. Ele sorriu e me informou o número do seu telefone, alertando-me ser provisório, que em uma semana já devia estar com as chaves do novo escritório e provavelmente com telefone novo. Ao ouvir a justificativa, percebi que diante de mim uma nova porta se abria. Não pensei duas vezes e lhe fiz a seguinte proposta. *Sou recém-chegado à capital, também estou à procura de um escritório. Por que não fazemos um acordo? Troco, temporariamente, os meus serviços de contador para a representação comercial, já que o senhor está apertado, pela ocupação de uma mesa em sua sala.* Calei-me esperando por sua decisão. Houve um breve silêncio sobre o café frio na xícara com a feia logomarca do Hotel “Flor de Espanha”. Por um momento pensei que o homem ia recusar, mas sorriu. Afinal, era um bom negócio para ele também, teria à disposição um contador instalado dentro da empresa. *Aceito, é melhor do que um desconto de 10%.* Apertamos as mãos e firmamos prazo para a assinatura do contrato e minha mudança para o escritório na *Travessa FS*. Dessa maneira conheci Walmir Santos, representante comercial de peças para guindastes, viciado em pôquer. O escritório facilitou em muito os negócios com o *chefe*. Entretanto, mais que uma sala, Walmir é responsável direto por um fato que ia mudar para sempre a minha vida. Apresentou-me a serpente Catalina, há 19 anos.

Manuel Antonio bateu à porta para cobrar os três meses de aluguel em atraso. Walmir, quando o viu, quase desfaleceu. Como é, seu Walmir? Pagas ou não pagas? Senão, rua! Fui ao socorro do inadimplente. Qual é o total da dívida, meu senhor?, Quem é, seu Walmir?, Meu novo sócio, respondeu o inquilino e lançou-me um olhar malicioso. Devem três meses, desconheces?, replicou Manuel Antonio olhando-me com extrema desconfiança. Pedi que me esperasse à porta, fui à minha gaveta e retornei em seguida com dinheiro vivo. Saldei os três meses de aluguel e antecipei 50% do próximo vencimento. Walmir tinha no rosto uma expressão de incredulidade. Os olhos do português faiscavam como estrelas. Vejo que os negócios estão a voltar às boas, disse com a voz mais macia, confirmando-me que o dinheiro é a única língua compreensível entre os homens. O português foi embora, metendo o dinheiro no bolso das calças. Voltei à mesa, sem nada dizer, preocupado com aquele esforço financeiro. Walmir se sentou diante de mim, com os olhos marejados, e abriu o jogo, reproduzindo o gesto de quem mostra as cartas na mesa do pôquer. *Estou falido, nem um guindaste pode me reerguer.* Eu sabia que a razão da falência era o baralho, mas Walmir preferia ocultar o vício. Fiz-lhe nova proposta. Passava a ser o titular no escritório, assumia as contas e ele continuava na sala, sem nada pagar, entretanto, o telefone saltava a divisória, e eu anotaria os seus recados. Disse que não tinha problema o telefone ficar na minha mesa,

porque somente a namorada ligava para ele. Walmir Santos ficava pouco tempo no escritório e, quando aparecia, era com o intuito de me pedir dinheiro emprestado. Não podia lhe negar os empréstimos, que iam diretamente para a mesa do pôquer que ele frequentava toda sexta à noite, acompanhado pelo barbeiro Celso, cuja barbearia funcionava em frente ao prédio onde ficava nosso escritório, na *Travessa FS*. Nesse meio-tempo, Manuel Antonio se afeiçoou por mim, e perguntou se eu não queria comprar o escritório, em suas prestações assumidas em promissória. Fechamos negócio. Walmir afirmou que eu fizera péssima compra. Dei de ombros. No modesto escritório eu trabalhava dia e noite, sozinho, muita vez dormindo sobre o colchonete, inclusive sábados e domingos. O *chefe* já me ocupava bastante com as transações com madeira de lei. Manuel Antonio dizia que me admirava. Aluguei dele a casa 09, pintada de rosa claro, na vila monótona, onde moro até hoje, tornando-se seu vizinho, ele que morava na casa 01. Manuel Antonio, bom comerciante, não tardou para me perguntar se eu não queria comprar a casa que eu alugara. Não tenho pressa, respondi. A casa é sua quando a quiser, disse-me com uma das mãos pousada em meu ombro. Nesse período compreendi que precisava de alguém trabalhando comigo no escritório. Pensei numa secretária. Analisei o faturamento, as perspectivas, as despesas. Conteí a Walmir da intenção da contratação de uma assistente. Ficou eufórico e me disse que conhecia a pessoa certa: *Catalina!* Quem é? Moça direita que sabe datilografia, e jamais me deu confiança, completou, com seriedade. Exigi sinceridade, julgava não haver segredos entre nós. *Vou ser franco, tenho interesse em Catalina, mas é guerra perdida. É bem casada. Ajudá-la e vê-la agradecer-me será*

uma vitória, justificou a indicação, olhando para as mãos como se segurasse um chapéu pela aba. Fiquei curioso em conhecê-la. Gostei daquele nome: *Catalina*. Dei-lhe esperança. Walmir era do tipo que gostava de se vangloriar dos seus feitos. Uma semana depois, apresentou-a para a entrevista. Quando a vi, nos seus tenros 20 anos, realmente fiquei impressionado. A pele branca com delicadas sardas, cabelos longos, lisos e ruivos como o fogo, os olhos azuis como estrelas, o corpo bem desenhado, a boca vermelha com lábios grossos, e um sorriso encantador. Tinha mesmo ares de secretária, dessas que trabalham numa grande empresa, não num modesto escritório com divisória no segundo andar de um pequeno prédio na *Travessa FS*. O bonito vestido florido a tornava ainda mais atraente. Esta é a senhora Catalina, profissional de primeira, amigo contador. Anunciou Walmir Santos, parecendo um político num palanque. Apertei sua mão e estremei. Walmir consultou o relógio, e informou que estava atrasado para uma importante reunião de negócios. Depois cumprimentou Catalina, desejando-lhe sorte e me chamou ao corredor, perguntando-me se era possível lhe emprestar algum dinheiro. Emprestei. Durante a entrevista de emprego, Catalina contou-me que datilografava, lia e escrevia bem nosso idioma, e desejava aprender contabilidade, o que me fez sentir-me bem motivado com sua presença. Disse-lhe que estava aprovada, tinha as qualificações necessárias para auxiliar-me. Propus-lhe um salário mínimo, para começar, e um período de experiência de noventa dias, devidamente registrado em carteira de trabalho. A senhorita concorda? Chamei-a dessa maneira esperando que ela me corrigisse, a fim de confirmar se era de fato casada. Concordo sim, senhor, respondeu-me, sem contestar, com a voz

melosa, e um lindo sorriso. Creio que, se não estivéssemos separados pela mesa, eu a teria beijado e teria estragado tudo. *O senhor não vai se arrepender*, disse-me a serpente. Ah! Uma bola de cristal! Como nos faz falta em certos momentos da vida. Quando a levei à porta, para nos despedirmos, não resisti e perguntei-lhe se era casada, como Walmir havia me contado. *Sou sim, senhor*. Ao fechar a porta, senti o peito quase explodir. Cheirei minha mão que ela duas vezes apertara. Senti seu perfume, flores do campo. Passado quase um ano da contratação de Catalina, Walmir veio ao escritório para despedir-se. *Vou para o Sul do país, apareceu boa oportunidade de trabalho. Peço-lhe que encerre a representação comercial. Quando eu me estabelecer, vou pagar a você pelo serviço e tudo o que lhe devo*, assumiu o compromisso, apertando minha mão. Despediu-se de Catalina, que mal o olhou. Levei-o ao corredor e ele me pediu mais dinheiro emprestado, como de costume. *Dessa vez não posso, Walmir. Comprei a sala, aluguei uma casa e agora tenho funcionária*, disse pausadamente, valorizando cada investimento. Notei desgosto em seu rosto. Não disse nada, desceu as escadas, eu o acompanhei até a *Travessa FS*. Assisti-o partir, e fui ao barbeiro melhorar a minha aparência. Nunca recebi de Walmir uma moeda de volta. Reencontrá-lo era algo impensável. Era como um fantasma que voltava do passado para assombrar a minha complicada vida. Cessei as lembranças e retornei ao café com leite. Quando cortava uma fatia da omelete, Walmir perguntou-me de maneira cortante: *Como está Catalina?* Senti-me dilacerado. Esbarrei na xícara de café com leite, que se quebrou no chão da confeitaria.

Caminhamos até a Grande Praça e nos sentamos num dos seus bancos, em frente à Biblioteca Pública, próxima ao Teatro Centenário, como dois vagabundos. O fim de tarde estava esplendoroso, com a luz cerzindo a arquitetura da cidade, um vento suave vindo do mar e atravessando a Praça. Havia no ar a alegria do outono, mesmo com a agitação de toda a gente. Walmir, calado, esperando-me romper o silêncio sobre a serpente Catalina. Entretanto, a paisagem banhada pelo sol morno pedia quietude. Ficamos os dois, longo tempo sem nada dizer, observando o movimento da cidade, sentados no banco da praça. Mulheres apressadas, homens falando ao telefone, as árvores ensolaradas, o céu muito azul, pombos em bandos, som dos carros e dos ônibus, o metrô sob nossos pés, a vida. Walmir acendeu um cigarro e deu uma baforada. A lembrança de Catalina me queimava por dentro como brasa, a presença de Walmir me oprimia. Continuamos quietos. Walmir se levantou e foi até uma amendoeira. Espetou o cigarro ao pé da árvore como se fosse uma estaca, mania antiga que eu verificava acesa. Esticou a coluna, alongando-se, e massageou o pescoço como se quisesse consertá-lo. Aproveitei e também me pus de pé e anunciei partida. Ele insistiu que conversássemos. Recusei. Você ainda mora na vila?, perguntou, e lhe confirmei o endereço, que ele bem conhecia. Walmir me prometeu breve visita. Tremi. Antes de nos separarmos, abraçou-me e reivindicou volta à wiskeria. Fingi concordar.

| 44 Apertamos as mãos, e cada um seguiu o seu destino. Voltei para casa realmente indisposto. Walmir era um castigo.

Fiquei a maior parte do dia em casa, deitado na cama, dormindo e despertando, como numa brincadeira de morto-vivo. Enterrei a quarta cruz. Decidi nesse dia fazer buscas pelo outro lado da cidade. Quando me vi, estava à beira do canal, desanimado, as mãos enfiadas no bolso da calça, olhando para a lua mergulhada nas águas sujas correndo em direção ao mar. Pensava no *e-mail de Catalina*, de como ele revelara em mim tristeza e servidão. As águas do canal se quebravam como vidro, a lua decompondo-se impressionista ao ritmo da corrente. De repente, um canto rasgou a noite, cobrindo o murmurar das águas, fazendo-me erguer os olhos para o outro lado da rua. Vi Catalina entrando numa casa antiga, cuja fachada estampava um pentagrama com notas musicais. Vinha lá de dentro, como de pulmões sadios, o canto poderoso. Atravessei a rua, sem olhar para os lados, quase fui atropelado. O lugar era um centro cultural dedicado à música. Subi a pequena escada, dando num amplo salão com quase todas as cadeiras ocupadas por homens, mulheres e crianças. Ao fundo, o palco, tendo à direita um piano e o pianista com ar de garoto, graças às bochechas coradas. *Bom recital*, desejou-me uma senhora de cabelos brancos, à porta do salão, entregando-me o programa da noite. Aconteceria a récita dos alunos. Uma luz fria banhava o ambiente, e havia no ar a expectativa pela apresentação. Sentei-me numa das cadeiras e fingi ler o programa. Eu procurava pela serpente, e meu coração estava bem agitado. Reparei que, por detrás de

uma porta, ao lado do palco, havia uma sala onde algumas pessoas estavam reunidas. Um canto comprido e afiado fugiu da sala, dilacerando o murmúrio da plateia, o mesmo canto que havia saído para a rua e se deitara nas águas sujas do canal. Os cantores aqueciam a voz, em gorjeios crescentes, dentro dessa sala que a porta revelava quando aberta. Lá dentro estava Catalina, vestida de preto, e o cabelo ruivo. Fiquei bem nervoso. No programa constavam canções eruditas e populares de compositores que nada significavam para mim. Ao lado deles, o nome dos cantores. Não achei o nome de Catalina. Mudou o nome, disse para o programa. Finalmente, a porta foi aberta, e os cantores surgiram, todos vestidos de preto, numa fila respeitosa que seguia o maestro em direção ao palco. Procurei-a, quase me levantando, e para minha decepção a mulher vestida de preto e ruiva não era ela, mas uma das alunas cantoras que ia se apresentar naquela noite. Fiquei desolado. O maestro deu início ao evento explicando que seus alunos iam apresentar canções em estilos vocais devidamente classificados, que a audição tinha um caráter didático sobre a arte do canto lírico. Suspirei e me senti bem ridículo em estar naquele mundo de partituras, que nada me dizia. A minha partitura eram os livros-caixa do *chefe*. Involuntariamente, vasculhei na memória alguma canção que havia marcado minha vida. Não consegui lembrar nem de um cântico das missas aos domingos quando garoto. A música não fazia parte dos meus dias; eles eram surdos e mudos. O único som que conhecia era o da calculadora, que a cada operação revela a inconfundível nota maior ou menor das receitas e despesas. Catalina era quem gostava de música. Tinha o costume de ouvir o rádio no escritório, enquanto me auxiliava nos afazeres contábeis, cantarolando

em especial a canção italiana, que não me lembro como era... Até a música da minha vida era a música da minha senhora. Eu era de fato um escravo. Respirei, controlando-me do desgosto, tentei prestar a atenção ao que o maestro dizia. No entanto, a memória me fugia ao controle e me conduzia a um certo dia, em que ela me convidou para sair: *Quer ir comigo assistir ao show de Roberto?* Não posso, Catalina. Preciso terminar este complicado relatório, respondi friamente, com meus olhos enfiados no documento contábil. Catalina disse, num tom irônico: *O relatório do seu cliente misterioso.* Pegou a bolsa e saiu, mas, antes de bater a porta, me comunicou que ia convidar o marido sem nome. Sorri. O maestro anunciou a primeira atração da noite. A cantora ruiva, justamente a que eu confundira com Catalina, ia presentear a platéia com uma conhecida canção italiana. Tremi: *Dio come ti amo.* Antes que ela subisse ao palco, fugi da récita, e do portão da casa pude ouvir a primeira frase: *Dio come ti amo.* Justamente a canção que Catalina gostava de cantarolar no escritório da *Travessa FS.* Atravessei a rua, sem olhar para os lados, um carro freou: *Quer morrer?* Esbravejou a mulher ao volante do veículo, que logo sumiu numa curva. À beira do canal, vislumbrando a lua flutuando sobre as águas sujas, ouvindo a cantora ruiva, pensei em me matar. O meu coração batia desafinado com a vida. *Dio come- ti amo; . Dio come- ti amo; Dio come- ti amo...*

Sonhei com Catalina. Fugira com meu pai e eles haviam roubado minha mãe. Levantei-me com o desejo de ver a fotografia de Dona Maria. A foto amarelada estava guardada dentro da velha lata de biscoitos finos. Vejo minha mãe muito magra e triste, ao lado de uma mesa de escritório, surpreendida pelo fotógrafo. Não temos fotos juntos. Entrei naquela fotografia, pequenino ainda, como que atravessando um portal e fiquei na altura dos seus frágeis joelhos. Revi meu passado. Minha mãe me contou que meu pai se chamava *Heleno Reis*, que havia morrido vítima de cirrose hepática, quando ainda eu era bebê, porque era um boêmio convicto e vivia de tocar violão afinado à aguardente em festas na cidade. Nem fotografias ele deixou, disse minha mãe quando eu quis saber como ele era. Minha mãe tinha a doença de Chagas, mesmo assim era muito disposta para o trabalho. Não parava. Além de cuidar da casa, lavava a roupa das madames e fazia limpeza no único escritório de contabilidade da cidade. Nossa miserável casa era amarela, com um quarto e goteiras no teto, cuja rotina era alterada pela missa aos domingos. Dona Maria era muito católica. No dia da celebração da primeira comunhão, aos dez anos, desejou ver-me padre. Os padres não passam fome, meu filho, aconselhou-me em sua ingênua sabedoria. No entanto, não estava em mim o espírito da batina, e nem a fé em Deus que ela tinha. Morávamos num bairro pobre, em que as famílias tinham muita dificuldade para comer e cuidar da saúde.

Entretanto, havia entre aquela gente bondade e muitas vezes dividíamos os mantimentos. Mesmo pequeno, reparei que nem todos passam fome neste mundo; isso me impressionou profundamente. Não vou passar fome, decidi ainda menino. Apesar das dificuldades, minha infância não foi um poço de infelicidades. Brincava na rua com alegria, tinha um cachorro chamado Totó, que durou dez anos, frequentava a escola de Dona Erotilde, que me ensinou as quatro operações à base da palmatória, e mais tarde entrei para a escola pública, enfrentando com tranquilidade a adolescência repleta de mudanças púberes, berço dos sonhos. Aos 19 anos, aí sim, minha vida tomou rumo, quando me foi aberta uma porta. Pobre é o homem que jamais viu uma porta aberta diante de si nesta Terra. A porta aberta foi justamente a do escritório de contabilidade, onde minha mãe fazia faxina. O dono do escritório se chamava Ataliba Martins. O contador perguntou à minha mãe se eu podia trabalhar no escritório como *office-boy*. Essa porta eu agarrei com força, como se estivesse me afogando e ela passasse ao meu lado flutuando como uma balsa. Não demorou um ano para que Seu Ataliba convocasse outra vez minha mãe para uma conversa e me abrisse a segunda porta. Seu filho tem responsabilidade e talento, quero ajudá-lo a progredir na vida. Vou matriculá-lo na escola técnica de contabilidade. Minha mãe não se conteve, chorou. Em um ano, o dono do escritório percebeu o meu progresso, e passei a fazer as anotações nos livros contábeis. Caprichava na caligrafia, e as minhas anotações tornaram-se admiráveis. O formidável é que realmente a *Arte do Patrimônio* me agradava. Vendo minha dedicação e interesse, Seu Ataliba se queixou dos filhos à minha mãe, que segurava uma vassoura. Meus filhos não são como o seu,

só se interessam em gastar dinheiro, suspirou com pesar, voltando à mesa de trabalho. Notadamente eu era um discípulo, a ponto de copiá-lo no modo de se vestir. Mas minha mãe reprovou esse comportamento, e parei de imitá-lo. Quatro anos depois, quando eu já tinha concluído o curso técnico de contabilidade, aos 23 anos, minha mãe morreu vítima da doença de Chagas. Lamentei muito sua morte e nunca me senti tão só no mundo. Havia lutado para estender sua vida e para isso melhorei as condições da casa amarela, tornando-a salubre, e encerrei sua carreira de faxineira no escritório de contabilidade, o que Ataliba Martins aprovou com entusiasmo. Mas a doença lhe roubara as forças e destruíra o seu coração. Antes de fechar os olhos, minha mãe chamou-me ao pé da cama para dizer que sentia orgulho de mim e que morria em paz. Depois olhou-me nos olhos e pediu que eu encostasse meu ouvido em sua boca, porque queria me contar algo importante. Ouvi-a atentamente, e calei-me. Menos de uma semana depois do sepultamento de minha mãe, Ataliba Martins deixou este mundo de contas a pagar. Morreu vítima de um infarto, sentado à mesa de trabalho, diante de mim. Depois do enterro do contador, os filhos tomaram de assalto o escritório, como chacais, fazendo-me compreender que eu era carta fora do baralho, como diria Walmir Santos. Na verdade, o escritório pertencia à sua mulher, Ofélia Martins, filha de políticos tradicionais da região, que quando jovem se apaixonou por Ataliba, casando-se com ele, contra a vontade dos pais, salvando-o da pobreza. Comuniquei aos chacais que me pagassem o que eu tinha direito. Pagaram contrariados e menos do que eu merecia. Não me restou alternativa senão arrumar minhas coisas, que cabiam numa mala, e partir para a capital.

| 52 Viajei repleto de esperanças de conseguir montar o meu próprio escritório de contabilidade. Olhando a foto de minha mãe, durante a viagem, prometi-lhe jamais ser um escravo. Eu era jovem.

Também na lata de biscoitos finos encontrei o cartão de visitas com o endereço do Hotel “Flor de Espanha”: *Severo Pena – Contador. Rua da L.* O cartão me remetia aos meus primeiros dias na capital. O terminal rodoviário era movimentado. Ao deixá-lo, comecei a descobrir a paisagem da cidade em crescimento, o que me deixou eufórico. Havia um clima de progresso pelas ruas, o que pude constatar ao caminhar devagar pela Avenida Principal, abobalhado e com a mala atropelando os que cruzavam meu caminho. A cabeça erguida para os altos prédios que nunca vira em minha cidade, onde a igreja matriz ainda é a construção mais elevada. Sentia-me entusiasmado com a visão da capital, com o seu cheiro de fumaça e barulho. Pedi informações sobre hotéis baratos e me indicaram o “Flor de Espanha”. Eu tinha economias suficientes para viver por dois meses na capital, tempo que julgava necessário para me estabelecer como contador, acreditava. A confiança típica de quem tem 23 anos, confiança que jamais deveríamos perder quando nos tornamos mais experientes. A confiança tinha razão de ser. Eu possuía algo mais valioso do que talento e economias: *sorte*. Sempre procurei crer nisso. Pobre é o homem que desde cedo amarga os fracassos e tem o seu espírito contaminado pelo sentimento de derrota; a este a sorte sequer há de lhe relancear o olhar. Não era o meu caso. Ao chegar ao hotel, sugeri ao proprietário, um espanhol chamado Frederico Ruiz, com jeito de camponês, um mês de hospedagem adiantado, com direito a

10% de desconto, café-da-manhã e sopa à noite. O espanhol me olhou de cima a baixo, aparentando surpresa pela minha coragem e aceitou sem resistência. Não é todo dia que ouço proposta como esta, seja bem-vindo, disse Frederico Ruiz sorrindo e conferindo o dinheiro, após entregar-me a chave do quarto 22. Subi as escadas e acomodei-me no pequeno aposento com bolor nas paredes, onde havia uma cama perto da janela, que dava para a *Rua da L*, e uma pequena mesa e cadeira junto à porta. Não perdi tempo, saí à rua disposto a achar uma tipografia barata para confeccionar cartões de visita com meu nome e ofício em letras itálicas: *Severo Pena – Contador. Rua da L*. O mesmo cartão que encontrei dentro da lata de biscoitos finos. Paguei à vista pelos cartões ao dono da gráfica, o Jairo, obtendo desconto de 10%, além da promessa de entrega pela manhã do dia seguinte. Deixei a gráfica e caminhei pela cidade, a fim de entender os seus mistérios comerciais e abrir uma poupança no banco do governo. Levei nas mãos um pequeno bloco, onde desenhei os mapas das ruas, anotei endereços e nomes de possíveis clientes. Andei o dia inteiro, até calejar meus pés oprimidos dentro do meu único par de sapatos. Foi a partir desse dia que adquiri a mania de frequentar engraxates; eles me acalmam ao massagearem os meus pés através do couro. Fiquei muito admirado com os automóveis da moda e também com a desenvoltura das moças pelas calçadas, numa dança de quadris que jamais testemunhara. Naquela época, aos 23 anos, tinha tido apenas uma namorada, se é que eu podia considerar a infeliz Fátima dessa forma. Fátima era uma mãe solteira que morava no meu bairro e vendia o sexo para alimentar a filha. Com ela me deitara algumas vezes, mas de maneira tão atrapalhada que não havia dúvidas de que não conhecia a arte

de amar. O amor não me preocupava naquele momento da vida, de jovem contador recém-chegado. O que me ocupava mesmo era conseguir clientes, meios para montar o meu escritório. A contabilidade era a quem eu devia fidelidade, somente ela poderia me conduzir à independência. Aí sim, imaginava, poderia comprar um daqueles carros último modelo e encontrar uma boa mulher. Infelizmente encontrei Catalina, o meu desastre. Ao final do dia, voltei para o hotel “Flor de Espanha”, onde a sopa me aguardava, fria, é bem verdade, mas generosa em batatas. Dormi pensando nos cartões de visitas, que pela manhã chegaram e foram recebidos por Frederico. O espanhol leu o cartão que estampava o pequeno embrulho pardo: *Severo Pena – Contador – Rua da L.* Não mandei imprimir nos cartões o telefone do hotel, evidentemente. Quando desci para o café, o proprietário me interpelou junto à porta de acesso ao feio salão de refeições. Trazia o pequeno pacote nas mãos, o que raparei imediatamente. A defesa estava pronta: *Mandei imprimir o endereço do seu hotel no cartão, porque tenho certeza de que em 30 dias vou conseguir clientes para o meu negócio, obtendo assim meios para locar o meu próprio endereço contábil. Mando fazer novos cartões.* Entretanto, para minha surpresa, não foi preciso dar explicação alguma. O espanhol trazia uma expressão de alívio em seu rosto rude e perguntou-me se podíamos tomar café juntos. Frederico colocou o pacotinho de cartões ao lado do açucareiro e disse que tinha sido Deus quem me enviara ao hotel. Com sotaque carregado, revelou-me que estava à procura de um contador há semanas, que o seu morrera e estava preocupado com os negócios. Completou dizendo ter percebido em mim alguém com atitude e coragem, que lhe agradava os modos de apresentar-me e que, ao ler o cartão

de visitas, não teve dúvidas em contratar-me. É formado? Fiz curso técnico em minha cidade, respondi ingenuamente. Fechamos acordo. Apertamos as mãos sobre o pão com manteiga. Contive a emoção. Não ficaria bem demonstrar felicidade, porque um contador tem função similar à de um médico, já que deve analisar o corpo da empresa e localizar as doenças que lhe corroem a saúde, sem transmitir emoção ao cliente, a fim de não lhe perturbar o espírito. Peguei o pacotinho pardo e cheguei a pensar em dar um dos cartões de visita ao espanhol, meu primeiro cliente na capital, mas seria, no mínimo, ridículo. Guardei o velho cartão de visitas na lata de biscoitos finos, sob a foto amarelada de minha mãe, e fui me ver com o calendário de flores dependurado ao lado da porta da sala. O cemitério de cruzes só aumentava. Permaneci em casa nesse dia. Queria rever fotos, reler cartas, pensar com calma onde poderia estar Catalina. À noite, ao espelho, após o banho, vi-me diante de uma surpreendente questão. *Quando eu saía à rua estava realmente procurando por Catalina ou estava fugindo de mim mesmo?* A pergunta me tirou o sono.

Ao despertar, o calendário de flores estava ao meu lado. Observei-o com desconforto e enterrei a sexta cruz. Tive a impressão de que os dias se moviam de carro vermelho dirigido por Catalina, tão velozes estavam. Voltei ao espelho e não consegui me encarar, mesmo assim, instruí o homem que estava nele: *Quando você sair à rua, é para procurar pela serpente Catalina. Ouviu bem?* O outro nada disse. Como diz o povo, quem cala consente. O curioso é que, mesmo com essas preocupações, acordei com o desejo de ver o mar. Ninguém vai ver o mar quando tem de resolver um grave problema, como achar uma serpente e arrancar-lhe a cabeça. Pelo menos é o que penso. Estar diante do mar é bem diferente de estar diante de uma víbora. O mar, aquele ser imenso, deitado sob o céu, arrastando-se pela praia com sua língua de espuma. Tomei um táxi, que subiu a *Serra da F.* Eu nascera numa cidade banhada pelo Atlântico, mas crescera com a alma seca. *Nunca aprendi a nadar*, fazia questão de dizer, e completava que o mar e os rios me serviam apenas para banhar os olhos, que me sentia agoniado quando envolvido por águas; que não fazia sentido mergulhar como que querendo ser animal marinho, forçando os pulmões a armazenar mais ar do que é possível e depois subir à superfície com os olhos esbugalhados e a boca aberta como presa pelo anzol. Outro hábito que jamais me permiti foi o de me sentar sob o sol, por horas quentes, não fazendo nada, tostado como carvão. Catalina criticava com veemência essa indiferença.

Quando passamos a brincar de casados, aos domingos, algumas vezes ela insistiu que a acompanhasse à praia. Chegou a ameaçar que abandonaria o escritório caso eu não fosse. A ida à praia tornou-se um ritual aborrecido para mim. Subíamos a *Serra da F*, dentro do carro vermelho que lhe dei de presente, admirando os tons de verde e flores, em especial os exibidos *flamboyants*, vencendo as curvas acentuadas, em silêncio, ouvindo o motor e os pneus gritando como araras nas curvas mais exigentes. Catalina gostava de correr. Ao vencermos a serra, surgia o mar turquesa e as ondas espumantes abraçadas pelo vento. O sol tornava a paisagem impressionante. O carro era estacionado próximo à areia, de maneira que era possível descer dele e, sem perder tempo, chegar à beira-mar. Catalina abria o porta-malas e retirava os apetrechos necessários, como duas cadeiras dobráveis coloridas, o guarda-sol amarelo, o pequeno regador vermelho que enchia de água salgada, além da garrafa térmica com erva-mate. Depois de acomodados, ela se entregava ao sol, com a pele protegida por loção e os olhos azuis sob os óculos escuros. Foi num desses domingos que aconteceu um evento assustador. Catalina insistiu que entrássemos no mar, ela queria me dar um abraço salgado. Avançamos na direção de ondas, de mãos dadas, como dois namorados, sentindo a água gelada e toda a insegurança, e meu instinto de sobrevivência me alertando sobre o que eu estava fazendo: *Severo Pena, você não é peixe*. Parei, de repente, como que lançando uma âncora, mas Catalina me arrastou para o fundo. Não sei por que cedi, talvez porque tivesse muita confiança nela. Tateava os pés no fundo a fim de me precaver contra um buraco que pudesse me tragar. Não sei explicar o que aconteceu, apenas que uma força invisível laçou o meu corpo, arrastando-me na direção

do horizonte. Fui pego por uma correnteza marítima, dessas que nos entregam às profundezas. Estava certo de minha morte naquele dia. A praia se tornava diminuta, o céu cada vez maior sobre a minha cabeça. A correnteza brincava comigo como gato e rato, e vez por outra me dava água salgada para beber. Perdi os sentidos. Quando acordei, estava deitado na areia da praia, com Catalina fazendo a respiração boca a boca, sob os olhares curiosos dos banhistas. Voltamos para casa, em silêncio, outra vez cortando a serra. Sentia-me bem constrangido, e ela estava irritada comigo. Olhei para o relógio e entendi sua raiva, não ficamos na praia nem duas horas. Eu olhava para a floresta por olhar, na verdade estava buscando palavras para me desculpar por ter estragado, com o meu afogamento, a ida à praia. Queria mesmo dizer para ela que, se quisesse, podia manobrar o carro e voltar, que eu concordava. Ao mesmo tempo, não queria mais ver o mar, o ser que tentou me capturar para o seu aquático abismo. *Catalina, quem me salvou?* Fiz a pergunta quando fazia uma curva. Você se salvou, disse, para meu espanto. Perguntei como seria possível se não sabia nadar. Sorri e concluí que foi ela, só poderia ter sido ela a minha guarda-vidas. Catalina se calou. Fiquei pensando como poderia fazer-lhe um agrado contábil, afinal, todos nós temos contas a pagar nesta terra cercada por águas. Decidi trocar o carro por um modelo mais novo, mas mantendo a cor vermelha. A partir daquele dia, não fomos mais à praia juntos. Preferia ficar em casa esperando por ela, quando se tornava somente minha, aos domingos, na casa 09 da vila monótona, amando-me, cozinhando, passando, e me servindo erva-mate. Durante a semana, ela também era minha, no escritório e no hotel Caribe, o que dava a impressão de que realmente éramos casados.

O táxi me deixou exatamente na parte da praia em que Catalina gostava de tomar sol. Fazia mormaço e de vez em quando o sol espiava a praia entre as nuvens, que estava com poucos banhistas. Comprei água de coco numa barraca e mostrei a foto de Catalina ao homem que me serviu. Ele me apontou uma mulher tomando sol à beira-mar, na direção do horizonte. Larguei o coco e caminhei até a mulher, como que hipnotizado. Nem meus sapatos se enchendo de areia foram capazes de interromper o trajeto decidido. Enxergava-a deitada, óculos de sol, despreocupada com a vida, bronzeando-se. A mulher que roubara o meu coração. Antes de estrangulá-la, iria perguntar: *Por que minha vida é sem sal?* Ao chegar perto da mulher, fiquei decepcionado. Não era Catalina. A mulher fitou-me assustada, erguendo os óculos escuros, pedi desculpas. *Pensei que fosse uma conhecida.* Voltei para a barraca do vendedor de cocos, irritado. *Não é a mulher da foto!* Ele me respondeu num tom agressivo, segurando o facão de abrir cocos, que não havia me apontado ninguém, além dos golfinhos que saltavam no mar, num bonito espetáculo marítimo. Ele não queria mais falar comigo. Retirei-me da praia, caminhei pela calçada, aborrecido com o mundo, mais de um quilômetro, sob o mormaço. Era a terceira vez que confundia alguém com Catalina. Estava mesmo obcecado. *E se eu matar alguém por engano?* Perguntei assustado ao mar, foi quando uma onda se quebrou na areia. Estremeci.

Os ombros e os braços ardiam. Parecia que eu tinha sido atirado numa fogueira. Mal consegui dormir, tamanho foi o desconforto quando rolava sobre os lençóis. Fiz um esforço e fui me ver ao espelho. Tinha a face corada, minha aparência melhorara. A longa caminhada pelo calçadão da praia, sob o mormaço, assara-me. O calendário me chamou e pediu mais uma cruz em seu cemitério. Sete cruzes para o sétimo dia. Duvidei outra vez se realmente estava à procura da serpente. A dúvida me atormentava. Tinha dinheiro suficiente para contratar detetives, o jornal está repleto de anúncios. Não tinha dúvidas de que um profissional me apresentaria um relatório detalhado sobre os últimos passos de Catalina, e talvez onde ela estivesse. *Tem de ser eu*, disse para a sétima cruz, tentando me convencer de que eu era o caçador. Não tinha a mínima ideia de onde procurá-la. O interfone soou. O meu coração quase parou. O interfone insistiu, não quis atender. Esperei por um momento, pensei que a pessoa tivesse desistido. Soou outra vez, dessa vez impaciente. Quem é? *Bom dia, o senhor gostaria de ouvir a palavra de Deus?* Perguntou-me uma mulher, com a voz típica de quem supõe ter o coração salvo dos pecados. *Não, obrigado. Sirvo a outro chefe.* Recoloquei o interfone no gancho. Graças à religiosa me surgiu uma lembrança importante sobre a serpente. Ela frequentava um grupo que se dedicava a conversar com os mortos. Contara-me que bastava fazer perguntas ao espírito que ele respondia movimentando um objeto de vidro

sobre letras e números, formando palavras e frases. Puxei pela lembrança, olhando o calendário de cruzeiros, e acontecia uma reunião espiritual exatamente no dia sete de abril, à noite. Havia um problema, eu não sabia o endereço, então decidi retornar ao escritório; lá, talvez, o encontrasse. Quando abri a porta, fiquei assustado. O escritório estava em ordem, inclusive a mesa de Catalina. Olhei para o número na porta do escritório, gravado em placa de metal: 22 – *Contabilidade Severo Pena*. A secretária eletrônica também intacta. Nela pulsava a luz vermelha indicando mensagens em espera. Fechei a porta, desconfiado, e senti um forte aperto no pescoço. Uma sensação de pânico foi crescendo dentro de mim e comecei achar que estava caminhando para a loucura. Sentei-me à mesa, olhando para a secretária eletrônica, em dúvida se ouvia as mensagens gravadas. Apertei o botão, liberando as vozes para a realidade: *Severo, os móveis novos do escritório chegaram. Cuide bem da minha mesa. Beijos. Sua Catalina*. Não acreditei e mesmo assim liberei outra mensagem: *Como vai grande contador? Estou telefonando para pedir a você um dinheiro emprestado. Preciso comprar um remédio para o meu pescoço. Abraço. Walmir Santos*. Arranquei a secretária da mesa, arrebentando os fios, esmaguei-a sob os meus pés, pulando sobre ela, chamando-a de Catalina e Walmir. Fui à mesa da serpente, joguei o computador no chão e a destruí outra vez. Uma das gavetas caiu virada para baixo e o dinheiro se esparramou pelo chão. As notas exibiam a esfinge de Catalina com a coroa de louros, o sorriso de Monalisa, serpentes enroladas nos braços. Foi então que despertei do pesadelo, com o corpo ardido de sol e o coração pegando fogo. O pesadelo tinha um ingrediente real. A ida de Catalina ao lugar aonde se falava com os mortos. Sabia o endereço, tinha

a acompanhado certa vez. Catalina sempre se sentiu atraída pelo além. Cheguei ao centro espírita às 19 horas. A casa ficava às margens de um rio, numa rua sem saída no Bairro do Conde. No lugar se praticava a filantropia. Um quilo de alimento não-perecível para os que sobrevivem nos morros era o ingresso para a arguição aos mortos. Levei um quilo de sal. Não conseguia aceitar a minha vida sem sal. Tinha consciência de que não ia encontrar Catalina, minha intenção era perguntar ao espírito onde ela estava escondida. Quando cheguei, um rapaz estava ao portão, vestido de branco, recebendo os alimentos e anotando o nome dos visitantes numa lista. Meu número era 22, o mesmo do pesadelo e do quarto que ocupei no “Flor de Espanha”. Quase não acreditei. Entrei e encontrei um ambiente discretamente iluminado, uma espécie de arena, tendo ao centro uma mesa redonda com 12 cadeiras a sua volta. Sobre a mesa, uma espécie de mapa dividido ao meio por uma linha negra. Um lado era azul e estava escrito céu; o outro vermelho, inferno. Equilibrada sobre a linha, uma esfera de vidro, em repouso. Em ambos os lados, estavam impressos letras do alfabeto e números de zero a nove. Todos que chegavam à sala ficavam sentados em cadeiras que formavam um semicírculo externo, onde esperávamos pelos acontecimentos. O silêncio das pessoas só era rompido quando alguém tossia ou uma das mulheres cruzava a sala com sapatos de salto alto. As pessoas esperavam pacientemente, segurando seus números nas mãos e mal trocavam olhares. Uma sineta deu abertura à sessão, e um homem vestido de branco surgiu para anunciar os sorteados para compor a primeira mesa da noite. Fui sorteado. Sentei-me próximo à porta, como de costume, e o homem sentou-se ao lado de uma cadeira vazia. Ele explicou como

funcionava a comunicação com os mortos. Escrevam uma pergunta no pedaço de papel, destinada a um ente querido. Escrevi o nome de minha mãe. *Maria, onde está Catalina?* Depois deveríamos entregar o papel à médium que estava para chegar. Quando ela se sentasse, todos dariam as mãos, fechando o círculo, o que seria fortalecido com uma oração. Após a reza, a médium estaria pronta para a comunicação etérea. A primeira pergunta foi de uma mulher: *Posso me casar outra vez?* A esfera de vidro começou a se mover no lado azul, rolando sobre cada letra, até que formou a frase: *Seja feliz.* A mulher abriu um largo sorriso, e todos pudemos escutar um suspiro de alívio. O novo marido estava sentado no círculo externo, logo atrás. Abraçaram-se e saíram da sala. Depois foi a vez de um homem perguntar ao filho morto num acidente de carro: *Devo vender a casa onde você nasceu e cresceu?* A esfera de vidro, no lado azul, escreveu: *Nada é eterno.* O pai se levantou contente da mesa, saindo da sala, livre para tratar da venda da casa. Finalmente, chegou minha vez: *Maria, onde está Catalina?* A esfera parecia estar em dúvida entre o céu e o inferno. Foi impressionante quando a esfera deslizou equilibrada sobre a linha negra pelo menos por duas vezes. Sempre acreditei que minha mãe estava no céu, mas a esfera optou rolar pelo lado vermelho e agitada escreveu a mensagem mais infame: *Tire a máscara.* Dei um soco na mesa, e a esfera caiu no chão e se quebrou. A médium arregalou seus olhos, despertando assustada. Todos na mesa me recriminaram. Baixei a cabeça e pedi desculpas, abandonando a sessão espírita. Voltei arrasado para casa. A noite foi um inferno.

Tire a máscara. Parecia um novo *e-mail* de Catalina. Dormi muito mal por causa disso e sonhei com a víbora. Eu estava sentado numa caverna, imagens eram projetadas nas rochas e me revelavam o seu paradeiro. O sonho nada me disse e saí sem destino, não estava suportando ficar em casa, que me oprimia com sua cozinha cheirando a azedo, o lixo e a poeira, o banheiro desagradável, o telefone quebrado, a angústia. Saí também, porque sentia necessidade de andar até cansar. Finquei no cemitério de abril a oitava cruz. Na rua, um homem estava na esquina lendo jornal, mas ele me observava. Procurei ficar calmo. Caminhei até a parada de ônibus. O homem não me seguiu. Na parada de ônibus fiz uma brincadeira. Fechei os olhos e ergui a mão para o primeiro carro que ouvi se aproximando. Embarquei sem saber para onde ia, deixando o veículo levar-me para onde tinha de ir, entregue às rodas, sentado num dos bancos, olhando as ruas pela janela trepidante e translúcida. Tentei esvaziar o meu coração da infelicidade, largando o meu corpo a fim de permitir que os solavancos do ônibus o embalassem e misturassem dentro de mim todos os sentimentos, na esperança de que me surgisse um novo sabor diante do dia. Após 10 minutos de viagem, um cansaço tomou conta de mim e os meus olhos se fecharam. Tive o mesmo sonho: a caverna escura, a projeção nas rochas, o paradeiro de Catalina. Senti alguém tocar meu ombro. O motorista me avisava que o ônibus havia chegado à parada final. Onde estou?, perguntei, ainda so-

nolento, com as vistas semelhantes a parabrisas embaçados. *Na estação ferroviária*, respondeu, dando-me as costas e descendo do veículo, com um sanduíche de mortadela nas mãos. Há muitos anos eu não colocava os pés ali. Na verdade, nem lembro ao certo se algum dia viajei num dos seus trens, talvez. No interior da grande estação, cheia de ruídos e gente, reparei os painéis eletrônicos que informavam chegadas e partidas e o povo aglomerado sob eles, interessado se os trens estavam trafegando na hora. Odores circulavam pelo ar, como o do pastel de queijo, da batata frita, do milho cozido, dos sanduíches, da pipoca. Na estação, vi a face cansada do povo, de gente que acorda muito cedo, que se aperta dentro dos transportes coletivos, sofre. A minha face estava corada de sol. Na cúpula da estação, os sons se misturavam numa confusa música do cotidiano e os ponteiros do relógio informavam que passava das 13 horas. Horário intermediário, quando os trabalhadores aproveitavam para se alimentar nas marmitas frias ou, debruçados no balcão, comer um barato salgado acompanhado de aguado refresco. Homens e mulheres, velhos e jovens, negros e brancos, o ar cansado de quem sobrevive com dificuldade. Nunca fui de pensar no povo, mas, andando por ali, pude notar que as pessoas contavam moedas na palma da mão, o que acontecia com frequência, averiguando se tinham dinheiro para comprar o bilhete da passagem ou algumas das frituras expostas dentro das vitrines. Locomover-se e comer mal, a contabilidade do povo. Eu, que também tinha sido pobre como aquela gente, escapei de ser como eles. Agora manipulava fortunas que eles nem podiam sonhar. Eu caminhava pela estação ferroviária, com tais pensamentos, cada vez mais inquieto, e, ao ver aquela gente correndo para embarcar ou comer sal-

gados gordurosos e frios, percebi que a minha vida era um trem descarrilado de toda a decência. Naquele momento, surgiu-me na mente a imagem de um cancro, desses bem agressivos que destroem a vida. Indiretamente eu os roubava quando fraudava e lavava dinheiro. Uma angústia acendeu-se no meu coração, como um fósforo que é riscado e se revela em chama. E, quando uma menina de aparência faminta me pediu apenas um real para comer, dei-lhe 50 reais e mesmo assim não me senti melhor, mas um cancro, porque, talvez, há um mês havia fraudado o fisco em mais de três milhões. A menina faminta sumiu entre o povo cansado. Sentei-me num dos bancos da estação e não consegui mais encarar o povo empobrecido. Cabisbaixo e atezado, tinha a impressão de que minha mãe, Dona Maria, que tinha sido faxineira e morrido por causa da doença de Chagas, observava-me do alto do prédio, muito infeliz. Naquela estação ferroviária me sucedeu algo de humano que há muito não experimentava, e isso talvez tivesse a ver com a ausência de Catalina em minha vida. Não consigo bem definir o que era, quem sabe fosse piedade por mim mesmo ou culpa, ou uma espécie de lucidez, ou peso na consciência, não sei ao certo, mas algo que caiu dos céus como um raio e entrou diretamente pela minha cabeça, indo se alojar no meu coração, tornando-me sentimental. Naquela tarde, quando a oitava cruz fazia a oitava sombra no cemitério florido de abril, sentia-me bem confuso de quem eu era de fato. Olhei para um dos painéis, onde a luz vermelha, semelhante a da minha secretária eletrônica, pulsava anunciando a partida de um trem para um lugar que jamais tinha ouvido falar: *Distância*. Comprei o bilhete de viagem. Eu só queria desaparecer.

O vagão tinha umas trinta pessoas, cada qual sentada com seus pensamentos, sacolejadas pelo trem, que reproduzia seu lamento sobre a malha. A princípio, o trem lamentava: *quanta dor, quanta dor, quanta dor*. Depois: *aguenta dor, aguenta dor, aguenta dor*. Mais adiante: *contador, contador, contador*. Reparei que um dos homens não combinava com aquela gente, ele não estava corado com eu, mas melhor vestido do que os demais, sentado do outro lado, fingindo ler jornal. Surpreendi-o observando-me por sobre o exemplar do dia, a que ele voltou a deter-se quando nossos olhos se encontraram. Isso me incomodou bastante. Troquei de vagão, atravessando a porta de ligação, uma espécie de sanfona, cujo piso de aço era rasgado nas laterais, permitindo que se vissem os dormentes dos trilhos sobre a brita engolida pela máquina. Desagradável é a sensação de ter alguém em nosso encalço; é como uma sombra que não é nossa e insiste em colar no nosso corpo. Rouba-nos a tranquilidade e nos cega para a paisagem durante a viagem. O homem também trocou de vagão. Agora estava diante de mim. Sorriu-me. Tentei retribuir o sorriso, mas me foi impossível, a minha face toda se franziu. Levantou-se e sentou-se ao meu lado. *O senhor não é o contador Severo Pena?* Por pouco neguei. O senhor não se lembra de mim?, perguntou-me, olhando bem nos meus olhos. Desculpe, não me recordo. Sou o irmão de Jairo, o dono da gráfica, Garcia. Fingi que me lembrava e perguntei pelo irmão, o gráfico que imprimiu os calendários

floridos a pedido de Catalina, e meus primeiros cartões de visita de contador na capital. Como está o Jairo? Meu irmão, infelizmente, se matou, disse Garcia, baixando a cabeça e contando-me que o irmão andava nervoso, que a gráfica estava falida. As dívidas, sejam elas quais forem nesta vida, são capazes de nos trazer grandes sofrimentos e vergonhas. Muitos homens não as resistem e metem uma bala na cabeça. Disse Garcia que não se parecia em nada com o irmão. Jairo tinha o rosto coberto por uma barba branca, a pele morena, os óculos de grau, a calvície acentuada, a barriga protuberante. Esse Garcia era magro como graveto. O trem sacolejou e parou na estação do Garcia, que, antes de descer do vagão, olhou para mim e disse o que eu não queria ouvir. Mande lembranças a Dona Catalina. Ela vai ficar muito triste quando souber. A porta se fechou, e o homem sumiu para sempre das minhas vistas. Eu não havia conseguido avisar o Jairo que procurasse novo contador quando encerrei o escritório. Seu telefone emitia apenas o som de ocupado. Mesmo que tivesse comunicado o fim da contabilidade, não faria a menor diferença.

A viagem até Distância durou duas horas. Não era para o campo que o trem me conduzia, mas para o resquício do que um dia foi o ambiente rural, quando havia índios, escravos, barões cortando as serras em lombo de burro. Apesar daquela paisagem me acalmar, o suicídio de Jairo me engelhara o dia. O trem chegou à estação do pequeno município. A praça, igreja com torre e sino, a farmácia, a delegacia, o mercadinho, a padaria e o fusca vermelho, que me lembrou Catalina. Consultei o relógio, já passavam das 16 horas. Soube na estação de que havia duas partidas programadas de volta: 18 e 20 horas. Até lá, teria tempo mais que suficiente para conhecer o lugar, porque a cidade era pequena. A placa fixada em frente à saída da estação saudava os visitantes: *Seja bem-vindo à Distância. Um dos melhores climas do país.* Considerei curioso o nome da cidade, ele avultava ainda mais a possibilidade de esganar a serpente. Imagine se Catalina estaria em Distância!, exclamei à placa receptiva. Deixei a estação e fui até a padaria tomar café com leite. Cruzei a praça, onde havia um busto de bronze. Parei diante dele e descobri que pertencia ao Barão das terras distantes. Daí o nome da cidade. Por pouco não mostro a foto de Catalina ao Barão. À porta da padaria alguns homens me observavam. *Boa tarde.* Em coro os quatro homens responderam. Eram todos velhos, agasalhados, as faces coradas, as mãos nos bolsos, conversando sobre a vida. Um deles tinha pregado no bolso do agasalho um crachá que o identificava como

motorista de táxi. Por favor, uma xícara de café com leite e pão com manteiga, pedi à senhora que atendia no balcão da padaria. O taxista se aproximou. *Caso o senhor queira conhecer a casa do Barão, estou à disposição.* Casa do Barão? A 20 minutos daqui. Preciso estar de volta às 18 h. Dá tempo e sobra, senhor. Paguei pelo café com leite e embarquei no fusca vermelho rumo à casa do Barão. Como o senhor se chama? Severo Pena, respondi enquanto lia a placa de identificação pregada no painel do carro, junto ao rádio: *Ahmed Farid*. O homem devia ter 60 anos, a barriga imensa, quase imprensando o volante, ralos cabelos brancos; apesar do nome árabe, lembrava um polonês. O motor do carro parecia que ia falhar a qualquer momento, ele forçava a aceleração, enquanto eu circunvia a região e a estrada amarela que ficava para trás. A foto da família estava colada no painel, sob a imagem magnética de uma santa católica. Nela se via Ahmed ao lado da mulher, e uma jovem, talvez a filha, sentada e que aparentava sofrer de alguma doença, pois tinha os olhos tristes, a boca semiaberta entre um sorriso e uma expressão de dor. O entardecer aprazível, o outono generoso em luz, um frescor. No entanto, Ahmed transpirava e sua respiração irregular não combinava com o ar saudável que transparecia. Após uma curva, a casa do Barão alicerçada sobre um morro, semelhante a uma fortaleza. Uma densa vegetação cercava de maneira formidável a construção. O carro quase não conseguiu vencer a subida, mas chegou ao pátio externo da casa, que, de perto, se revelou ainda mais interessante, coberta que era de trepadeiras lenhosas envolta de mais de 40 janelas. Descemos do carro, e um homem velho e magro aproximou-se e nos cumprimentou. O velho se chamava Moacir e era o vigia do imóvel secular,

que havia sido transformado de maneira improvisada num museu. Eu era o único visitante do dia, informou-me o vigia, que ainda esclareceu que era proibido tirar fotografias dentro da casa e que o ingresso deveria ser pago a ele. Paguei-lhe e entrei na casa sozinho. Ahmed preferiu ficar conversando com Moacir, encostados no velho fusca vermelho. Ao entrar, fui recebido por uma mulher vestida como no século dezenove, que me cumprimentou com alegria. *Seja bem-vindo. Acompanhe-me, por favor, vou lhe mostrar a casa e depois tomaremos um chá.* Considerei divertida aquela maneira de recepcionar o turista, utilizando o talento de uma atriz. A atriz me conduziu primeiramente à sala vermelha e me explicou que na parede estavam finos e raros papéis de parede franceses, cuja estampa era de pequenos ramos de flores reunidos como arranjos. Também nas paredes estavam dependurados quadros a óleo retratando a região e membros da família do Barão. Na sala amarela, encontrei um piano antigo e de valor. *Aqui nos reunimos para os bailes,* disse a atriz e dessa vez me conduziu à outra sala, toda azul, onde havia um assento comprido, estofado e coberto por veludo azul celeste, com braços dourados, sobre um tapete persa. *Aqui recebo senhoras para bordar, ler e falar sobre as famílias,* disse a atriz, a voz bem postada e com a postura de uma nobre. A casa era muito luxuosa e estava evidente que o Barão tinha sido um homem muito rico. Aquele imóvel era bem valioso e considereei um desperdício transformá-lo em museu, avaliando que ele renderia um bom hotel. *Baronesa,* disse-lhe, imaginando que a atriz representava a mulher do Barão... Mas a mulher me lançou um olhar desconfiado e sumiu por uma porta, deixando-me só, sem que me permitisse concluir o que ia lhe perguntar. *O que houve?*, perguntei ao lustre suspenso do teto repleto

de brincos que se assemelhavam a lágrimas de cristal. Não ousei ir atrás da atriz, preferi apreciar sozinho os outros aposentos, como o escritório do Barão, com uma bela escrivaniinha de jacarandá, onde o homem devia fazer a contabilidade de quantos escravos possuía, os investimentos e o resultado das vendas das sacas de café. Eu estava bem curioso para conhecer a cozinha. Lembrei-me de que a atriz havia dito que um chá seria servido aos visitantes, o que me animou, imaginei que poderia haver erva-mate e bolo de milho. Ao chegar à cozinha, não encontrei ninguém, apenas as velhas peças de barro e cobre, os apetrechos culinários e o fogão à lenha sem vida e empoeirado. Foi quando vi a estranha atriz passar por uma porta vizinha à cozinha, indo na direção de outro aposento. *Pode me dizer onde o chá vai ser servido?* A atriz não respondeu. Desisti de ficar atrás dela e comecei a achar ridícula aquela brincadeira de esconde-esconde. Olhei meu relógio e constatei que estava na hora de voltar para Distância e tomar o trem das 18 horas. Aquela visita me serviu para me distrair por um momento do meu tormento. Deixei a casa e encontrei Ahmed e o velho Moacir conversando animadamente. Deixamos o lugar somente na terceira tentativa de Ahmed girar o motor do carro. *Gostou do passeio, seu Severo?* Achei muito boa a ideia de colocar uma atriz para mostrar a casa, pena que não tomei o chá. Ahmed pisou no freio e por pouco o velho fusca vermelho não desliza por uma ribanceira. O que foi?, perguntei assustado. O senhor viu alguém na casa? A atriz vestida com roupa de época. Ahmed se benzeu. *O senhor viu a alma da baronesa. Ela aparece de vez em quando. Foi assassinada pelo Barão. Ele descobriu que ela se apaixonara por um escravo e que iam fugir. Você está brincando comigo? Não ia brincar com uma coisa dessas.*

Juro pela minha filha, que é muito doente. Ahmed alisou a foto da família, depois a imagem da santa e fez outra vez o sinal da cruz. Vamos para a estação imediatamente. Não quero falar mais neste assunto. Se isto for uma brincadeira com visitantes, não tem graça. Falei num tom agressivo, calando Ahmed. Ficamos em silêncio. Somente o velho fusca vermelho falava durante a viagem. A noite começava a descer sobre Distância. Sentia-me um idiota por ter tomado o trem para esse fim de mundo.

Ao chegar a Distância, paguei Ahmed Farid pelo turismo em seu velho fusca vermelho e caminhei em direção à estação. O taxista tentou me agradar dizendo que tinha sido um prazer minha companhia, que estava sempre por ali. Fechei-me para ele. Nem olhei para trás enquanto falava. Estava irritado com o que ocorrera. Ouvi o carro se distanciando com sua voz rouca e intermitente. Ninguém me tirava da cabeça de que eu tinha sido vítima de uma encenação turística. Entretanto, a história da baronesa assassinada por querer fugir com o escravo não saía da minha cabeça. Viajar tão longe para ouvir aquela história. Desagradável! Ao passar por um poste, reparei um cartaz colado nele, em que havia a fotografia de um homem desaparecido. O rosto desfigurou-se, as feições não podiam ser vistas com nitidez, as intempéries borraram a imagem, fazendo-o sumir mais uma vez. Fiquei a imaginar o seu rosto, seu nome, a angústia dos que o amam e o procuram. De repente, a foto me pareceu ser familiar. Era de Walmir Santos. Não era possível. Era incrível a semelhança. Aquilo me irritou de verdade. Tentei descolar o cartaz puxando uma ponta saliente e arranquei o pescoço do infeliz. Desisti de descolá-lo e rasguei sua cara com raiva. *Neste mundo as pessoas desaparecem a todo instante*, disse para o cartaz enquanto o destruía. O sino da igreja badalou 18 horas, chamando os fiéis para a missa. Ouvi o trem partir. Não me importei. Caminhei para a igreja, cortando a praça do Barão, parecia que ele me observava.

Ao entrar no templo, sentei-me no último banco, próximo à porta, como de costume. A igreja era simples, com a imagem do Cristo pregado na cruz, vitrais coloridos narrando passagens do Novo Testamento. Senta-levanta. Senta-levanta. A missa prosseguia. O que o padre dizia mal se ouvia, vez por outra tossia. Lembrei-me de minha mãe. Reconheci os homens que estavam conversando com o taxista Ahmed na porta da padaria. Também a mulher que me serviu café com leite e pão com manteiga. Terminou a missa, e todos saíram. Permaneci sentado. As pessoas, ao passarem por mim, olhavam-me curiosas, os homens me cumprimentavam com um leve aceno. Uma senhora se aproximou, a que ajudou o padre a rezar a missa. *Deseja algo?* Quero me confessar, disse, sem me levantar. Ela me olhou surpresa. Não sei se o padre vai poder atendê-lo. É hora do seu jantar. Compreendo, mas diga que vou pegar o trem das 20 horas. É caso de vida ou morte. A mulher arregalou os olhos e se encaminhou apressada para a sacristia. Consultei o relógio, 19 horas. Tinha uma hora para me confessar, cruzar a praça do Barão e pegar o trem de volta. A mulher surgiu no altar, fez um sinal me chamando. O padre estava logo atrás dela e se dirigiu ao confessorário que ficava próximo ao altar. Ele lançou-me um olhar comprido e tossiu, sumindo dentro da peça escura, dividida por uma trama de palinha. Entrei no confessorário e pude ver através da trama o perfil velho do padre que tossia. *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Conte-me os seus pecados, filho*, ordenou ele, tossindo ainda mais forte. Confessei-me: Padre, eu sou escravo do chefe. Ele é como o diabo. A ele presto meus serviços contábeis. Fraudo o fisco, fundo empresas fantasmas, fabrico notas frias, envio para o exterior fortunas oriundas do tráfico de armas, madeiras e

pedras preciosas. Mas uma serpente picou-me e envenenou o meu coração. Por isso, não sei mais quem realmente sou. Estou à caça da serpente, de quem me tornei servo e por quem sou... um dia fui apaixonado. Sinto muita falta dela e preciso encontrá-la para matá-la e, sobretudo, forçá-la a dizer por que me considera o homem mais chato deste mundo. Tenho dedicado os últimos dias à caça da serpente, mas tenho falhado na empreitada. Cada dia que saio à rua, parece que não estou atrás dela, mas fugindo de mim mesmo, como alguém que tenta escapar em vão da própria sombra. Isto está um inferno. Já não sei mais o que faço. Saio a esmo pelos dias e me deparo com situações absurdas, aparentemente irreais, que não sei se estão acontecendo comigo ou são prenúncio de loucura. Estou sofrendo muito, padre. Penso em minha mãe, que acreditava muito em Deus. O que devo fazer, padre? O senhor pode me ajudar? Esperei que o padre me dissesse algo, pelo menos me dedicasse uma de suas toses. Pela trama de palhinha pude ver seus olhos arregalados, a boca aberta, o peito paralisado, estava morto. Chamei a velha senhora, ela ficou horrorizada ao vê-lo inerte. Chorando perguntou-me num tom acusador o que eu dissera a ele? Deixei a igreja, calmamente, e cruzei a praça e parei diante do busto do barão. *A baronesa amava outro, não é verdade?* O Barão nada disse, permaneceu em bronze. Embarquei às 20 horas. Dormi pesadamente. Sonhei com Jairo, o suicida.

Acorda! Fora daqui! Abri os olhos e tomei um susto! Dois homens enormes estavam de pé, sobre mim. O que é isso?, perguntei, erguendo-me, num salto. Eram dois seguranças que trabalhavam na companhia ferroviária. Havia dormido dentro do vagão. Quis saber as horas, meu relógio desaparecera do pulso. *A hora de você sumir*, respondeu o maior deles. Os homens me enxotaram, como um vira-lata, até a saída. No relógio da estação vi que já passava das seis horas da manhã. Senti o aroma do café fresco. Encaminhei-me para o bar, onde a caldeira fumegava. Os trabalhadores se exprimiam soprando copos de vidro. Café com leite e pão com manteiga, pedi. Era só o que eu comia nos últimos dias. Pensei na omelete, desisti. Minha carteira também tinha sumido. Haviam-me roubado dentro do trem, enquanto dormia. Vasculhei meus bolsos e só me restaram as chaves da casa nove, do escritório e do mausoléu. Pedi desculpas ao balconista por não ter dinheiro, ele deu de ombros. Como vou para casa?, perguntei às chaves e uma delas me respondeu: *Vá ao cemitério*. Tomei um táxi e pedi ao motorista que me esperasse na entrada, junto à primeira capela, onde acontecia um velório. Ouvi alguém chorando baixinho, senti o desagradável cheiro do jasmim. Lembrei de Catalina. Caminhei até o mausoléu 37 e, próximo a ele, dois homens abrindo uma cova. Fingiram olhar-me indiferentes, mas notei que seus macacões eram novos em folha e que não sabiam usar as ferramentas. Pensei em desistir de entrar no mausoléu.

Respirei funfo e disse para uma sepultura: *Que se danem!* Entrei no mausoléu 37 e a umidade me recebeu como sempre. Peguei a lanterna, escondida num canto, fui até uma das gavetas mortuárias e empurrei a pesada tampa. A luz revelou os pacotes de dinheiro envoltos em sacos plásticos, os documentos e os livros contábeis. Peguei quantia suficiente para me sustentar por um mês. Não queria mais saber de ir a banco, esperar emissão de cartão eletrônico, burocracias e formalidades. Não tinha tempo. Aí me ocorreu o seguinte: *Para quem vou deixar tudo o que tenho, depois de morto?*, perguntei a tampa da gaveta de mármore. Fui para casa e lá cheguei às oito da manhã, o sol estava tímido. O carro que me seguia estava parado na esquina. A primeira coisa que fiz ao entrar em casa foi plantar a nona cruz no cemitério de flores de abril. Quase não acreditei, nem sinal de Catalina. Fui tomar banho. Peguei uma cadeira e a coloquei sob o chuveiro. Fiquei uma hora sob a água quente, pensando no herdeiro que eu não tinha. Depois do longo banho, fui à cozinha e fiz omelete e café. O leite estava azedo. Olhando a coalhada desfazer-se dentro da pia, constatei que a minha vida tinha azedado; não tinha ninguém neste mundo. Deu-me uma tristeza daquelas. Foi quando alguém me tocou o ombro, dando-me um susto! *Grande contador! Vim te visitar!* Era Walmir Santos. Pedi que me esperasse na sala. Inventei que estava de saída, atrasado para um compromisso na cidade. Consultei o calendário, verifiquei que havia encontrado Walmir há seis cruces, na wiskeria. Enfiando uma perna dentro da calça, tive uma nova ideia: *Por que não faço de Walmir Santos meu herdeiro?* Fazia sentido. Afinal, eu devia a ele ter conhecido Catalina. Eu estava decidido e vestido, Walmir seria o meu herdeiro. Era preciso fazer o testamento. Eu

lhe deixaria a casa 09 da vila monótona, o escritório na *Travessa FS*, o sítio na minha cidade, o mausoléu 37, dinheiro da antiga poupança, as aplicações financeiras, além do ouro que eu guardava no cofre do banco. Ah! A casa da praia! A que Catalina não conhecia. Walmir estaria arranjado, sem dúvida. E não me importava nem um pouco se ele torrasse tudo no pôquer. O importante é que era justo. Cruzei a vila e encontrei o senil Manuel Antonio no portão. Como vai, seu Manuel? Nem me ouviu, babava por uma mocinha que passava. Walmir me seguiu e entramos num táxi rumo ao café, no centro da cidade. Era justo torná-lo herdeiro. O carro parado na esquina me seguiu.

Durante a viagem, lado a lado no banco traseiro do táxi, sentindo o frescor da manhã de outono entrando pelas janelas, conversamos amenidades. Estranho estava o motorista, que de vez em quando me lançava um olhar curioso pelo retrovisor. Não me importei. Eu estava mais simpático com Walmir do que há seis cruzeiros. Elogiou o meu bronzeado. Ouvindo-o, elaborava uma história que ia lhe contar, a fim de comunicar-lhe que era o meu herdeiro. No café, inventei o seguinte. *Estou muito doente. Doença incurável. Terminal. Não tenho herdeiros. Escolhi-o como meu beneficiário. Deixo-lhe tudo o que tenho. Bom proveito. Peço apenas que você me enterre junto à minha mãe.* De certa forma, não era mentira. Doente eu estava, do coração, a doença era Catalina, e eu tinha realmente pouco tempo. Walmir ficou paralisado, a xícara de café grudada nos lábios, os olhos petrificados. Walmir se levantou e me pediu licença, precisava ir ao banheiro. Ao vê-lo se encaminhar para o fundo do café, por um estreito corredor que conduzia ao lavabo, percebi que suas pernas bambeavam e massageava seu pescoço como se estivesse com torcicolo. Estranhamente, sentia-me feliz. O café estava delicioso. Walmir demorou uma eternidade no banheiro. Quando retornou, trazia no rosto uma expressão amuada. Sentou-se outra vez e me exigiu ver os exames fatais. Pensei comigo: o homem não aceita o meu destino. Faço bem em lhe deixar tudo, é amigo de verdade. Disse que mostrava os exames assim que eles estivessem comigo. Walmir nitidamente se

encontrava perturbado. Consultou a hora. *Preciso ir.* Dessa vez, fui eu quem lhe exigi o paradeiro. *Walmir, nós precisamos ir ao cartório, ajeitar as formalidades, sacramentar a herança.* Walmir devia estar muito perturbado, gaguejou, construiu reticências, massageou o pescoço outra vez, levantou-se para ir embora. Antes, anotou no guardanapo de papel o seu número de telefone, final 2233. *Que tal aqui amanhã, na mesma hora?* Tomamos café e depois vamos ao cartório. Ele concordou, balançando com dificuldade a cabeça, parecia sentir dor no pescoço. Despedimo-nos e nos abraçamos. Walmir sorria com dificuldade, perdera toda a espontaneidade, nos seus olhos reencontrei a mesma expressão de quando lhe neguei dinheiro, no dia que foi embora para o Sul, quando Catalina mal o cumprimentou. Walmir partiu empurrando a porta do café, sem olhar para trás. Sua reação me tocou. Fiquei sentado à mesa, olhando o número do seu telefone. Pedi ao garçom mais uma xícara de café e omelete generosa. O garçom perguntou se eu me sentia bem. Muito bem, meu rapaz. É muito bom saber que alguém se importa com a gente, disse-lhe. Ele sorriu e foi buscar o meu pedido. Walmir me surpreendera. Imaginei-o feliz ao ouvir que ele seria o meu herdeiro, mas não, ficou triste. Grata surpresa a sua apreensão e a expressão angustiada. O que vi diante de mim foi um homem com o coração oprimido, sem conseguir falar, que se demorou no banheiro porque ali, talvez, encontrou refúgio para derramar lágrimas pela desgraça que atingiu o seu camarada. Como isso fez bem ao meu coração envenenado. Era um consolo, sem dúvida. Também decidi que Walmir jamais saberia da relação que mantive com a serpente. Imagine contar a ele que eu havia mandado derrubar a divisória da sala, só para vê-la diante de mim todos os dias.

Cada um em sua mesa, analisando documentos, e, quando o trabalho se tornava cansativo, erguíamos os olhos e trocávamos sorrisos maliciosos, num jogo sensual, culminando, muitas vezes, numa furiosa troca de carícias e suores. Ainda me lembro de como tudo começou. A serpente já trabalhava comigo há quase dois anos. Era verão, quando as chuvas são intensas. Ficamos presos no escritório por causa de um temporal que parecia que ia destruir a cidade inteira. Aproveitei a oportunidade. *Catalina, eu preciso lhe dizer uma coisa séria.* O que foi, Severo? Algum problema nos livros?, perguntou com uma expressão preocupada, chegando à minha mesa. Levantei-me e disse-lhe, sem rodeios. *Estou apaixonado por você.* Depois de um breve silêncio, ela disse que gostava de mim, mas que tinha sofrido uma grande decepção. Pediu-me paciência, mas que eu tinha chances. Meses depois, nós nos tornamos namorados. Foi assim que tudo começou. E, quando o escritório se tornou desconfortável, passamos a nos amar no Hotel Caribe, a 20 minutos de táxi, sugestão da serpente. Antes de deixar o café, dei uma boa gorjeta ao garçom, que me perguntou outra vez se eu estava bem. Sorri-lhe e deixei o café. Eu queria caminhar um pouco pela cidade, desfrutar da alegria de saber que não estava só no mundo. Tirei o guardanapo do bolso para conferir o telefone de Waldir, final 2233. Ocorreu-me fazer uma aposta no número. Pela cidade é fácil encontrar os anotadores de palpites, estão sempre pelos cantos, aparentemente escondidos, sentados num banquinho, com o talonário apoiado sobre as pernas. Encontrei uma senhora chamada Vanda, negra, os cabelos crespos, óculos e muito simpática. Todos que passavam pela estreita rua a cumprimentavam. *Vanda, qual bicho vai dar hoje?* Se soubesse não te contava!, respondia

Vanda com alegria. Pedi que ela me aconselhasse na aposta do número 2233 anotado no guardanapo. Ela me explicou, com paciência, e optei pela aposta que pagava quatro por um, *milhar na cabeça*, como diz o povo. A mulher anotou e entregou-me a cópia do talão amarelo que tinha gravado o horário do sorteio, às 14 horas. Ao pagar pela aposta, ela me disse que a *cobra* estava bem cotada para o dia. *2233 é número da cobra?*, perguntei, assustado. *Das grandes*, respondeu Vanda. Fique com esta cobra para você, Vanda. Falei, devolvendo-lhe o talão amarelo. Mas se o talão ganhar, meu senhor?, perguntou-me perplexa. O prêmio é seu. Já tenho a minha serpente. Despedi-me de Vanda, que deve ter me considerado um louco. *Obrigada!*, disse, guardando o talão amarelo. Soube no final daquela tarde que o 2233 de fato foi premiado às 14 horas, na cabeça. Vanda recebeu uma pequena fortuna, que ia usar para comprar uma casa, onde acolheria a mãe doente, o filho desempregado e a neta. A notícia correu todos os pontos de apostas da cidade. *Conhece Vanda? Um maluco deu a cobra na cabeça de presente para ela.* Fiquei feliz com a notícia. O fato comprovava que nem todas as serpentes são venenosas.

Naquela tarde de cobra na cabeça, entrei num centro cultural, próximo ao prédio do Ministério Público. O que me atraiu ao lugar foi um cartaz afixado na porta que anunciava uma exposição sobre as ruas do mundo. Fiquei curioso. Nos últimos dias, as ruas tinham se tornado parte da minha vida e minha casa também. Para se chegar à sala da mostra, era preciso subir uma escada de mármore, que terminava em frente a um vitral com o brasão da República. Subi me segurando bem no corrimão. Passei a ter medo de escadas depois do tombo na Faculdade de Filosofia, minha perna direita estava cada vez mais traiçoeira. No teto, uma pintura chamava a atenção, a cega Justiça segurando uma espada sobre a minha cabeça. Uma espada perfeita para se cortar a cabeça de uma serpente, disse para a pintura. Numa das salas, encontrei maquetes, plantas, fotografias de ruas de vários países. Ruas estreitas, largas, compridas, pequenas, íngremes, de terra, de barro, de pedra, asfalto, feias e bonitas. Ruas entupidas, engarrafadas, tranquilas e agitadas; de cidades e do campo, de favelas e vilarejos. Ruas de comércio, de cemitérios, de prostitutas, de lazer, de carros, de bicicletas e de pessoas. A rua é o próprio homem, afirmava um cartaz: Nelas vivemos, andamos, trabalhamos, sonhamos, nos perdemos, nos achamos, nos ferimos, moramos, protestamos, amamos, odiamos, enlouquecemos, nascemos e morremos. Em outra sala, encontrei o meu sonho, o delírio em que eu estava numa caverna vendo imagens projetadas nas rochas. Nessa sala

escura, fotografias desfilavam na parede, fotos de diversas ruas e se ouviam os seus respectivos sons, como vozes, buzinas, motores e música. Um sofá estava no meio da sala, e nele me sentei e fiquei assistindo à projeção: ruas urbanas, passeios públicos, largos, avenidas, praças, vias expressas, estradas. Ruas movimentadas, insanas, precárias, informais, desordenadas, violentas e vivas. Em seguida, uma sucessão de fotografias de gente pelas ruas: brancas, negras, amarelas, vermelhas, vestidas, fantasiadas, nuas, estranhas e esquisitas, bonitas e feias, gordas e magras, altas e baixas, tristes e alegres, ricas e miseráveis, homens e mulheres, crianças e velhos, aglomeradas e solitárias. As imagens se sucediam, quando assisti a algo inacreditável. Catalina numa das fotos, ao lado de um homem numa rua que era bem conhecida. Eles estavam na porta do Hotel Caribe, onde eu e a serpente nos refugiávamos nas segundas e sextas, no horário do almoço, no intervalo contábil. Gostávamos de ocupar um quarto de fundos, no segundo andar, quando vago, evidentemente, não permitindo que escutássemos o barulho das ruas, e que dispensava o uso do elevador, bastando subir um lance de escada, o que era perfeito. Esperei que a sequência de imagens recomeçasse, a fim de confirmar se realmente era a serpente quem estava na fotografia ou se tratava de mais uma das minhas ilusões. O homem ao seu lado, de braços dados, não era eu, disso tive certeza. Quem seria? Aguardei nova sequência, e quando a foto surgiu, ergui-me do sofá e fui ao seu encontro, mas meu corpo cobriu a lente do projetor e o que vi foi a minha própria sombra na parede. Tremi. A sombra era minha, mas não se parecia comigo. Saia daí!, disse para a sombra. Na quarta exibição, ajoelhado no chão, pude reparar melhor a imagem e, mesmo durando

10 segundos, pude confirmar que era mesmo Catalina com o acompanhante misterioso. A cena me causava engulhos. Deixei a exposição e me dirigi ao Hotel Caribe. A fotografia restabeleceu-me o ódio, e disse para a minha sombra, que se arrastava nas ruas quando procurei um táxi, que ia matá-la, mas antes ela teria de me confessar quem era aquele homem e porque eu era o homem mais chato deste mundo. A exposição me deu a certeza de que eu era uma rua sem saída.

Era a primeira vez que eu entrava sozinho no Hotel Caribe, com seu letreiro em néon vermelho, pulsando como um coração sobre a porta espelhada, que refletia a rua, ocultando a identidade dos amantes. Na portaria, detrás do balcão, estava uma mulher negra e gorda falando ao telefone, vestida com um conjunto encarnado mal cortado, simulando um traje requintado, mas o fato é que a toailete não lhe caía bem. Parecia ter os movimentos dos braços enferrujados. Não me lembrava dela, devia ser nova no emprego. Eu e Catalina frequentamos o hotel nos últimos dez anos; foi sugestão da serpente. Olhando para a atendente, fiz mentalmente as contas, mania de contabilista: *duas vezes por semana, igual a oito vezes ao mês, igual a noventa e seis vezes ao ano, igual a 960 dias em dez anos: subtraindo os imprevistos, as impossibilidades corpóreas e as reuniões com o chefe para discutir questões contábeis, igual a 700 dias ou 1.400 horas de alcova, já que cada encontro tinha a duração média de duas horas, entre cama, prato, toalha e peçonha.* Geralmente, as lembranças das intimidades com alguém, com o tempo, tornam-se embaçadas, uma névoa espessa cuja consistência se assemelha à cegueira. Pense aí nos detalhes do ex-amante. Não se assuste se nem se lembrar do seu nome. Comigo sucede o oposto; a cada dia que passa, a minha amante se mostra mais nítida e inesquecível: rui-va como o fogo, mas que se arrasta para se locomover, com guizo na calda e duas presas mais finas que agulhas, donde sai veneno mortal. A mulher gorda e enferrujada desligou o

telefone e cumprimentou-me sorrindo. Acho que a senhora não me conhece. Não conheço. Sim, mas fique sabendo que eu sou cliente antigo, umas 1.400 horas de alcova... A mulher arregalou os olhos. Fique calma, pedi. Foi então que ela ficou agitada e, com dificuldade, mexeu o braço para pegar o telefone, chamando alguém para vir urgente à portaria. Pensei em fugir, mas não fazia sentido, não tinha feito nada de errado, além de ser um cliente antigo. Quando o homem surgiu na portaria, descendo as escadas, ao ver-me, sorriu. *O senhor anda sumido.* A gorda se tranquilizou. O homem que me estendeu a mão era o gerente, um tipo magro e esquisito, parecia um vampiro, não me lembrava dele e se chamava José. Em que posso ajudá-lo, seu Severo? Pedi para conversarmos em particular. Pois não, respondeu e me conduziu ao seu escritório, no segundo andar, no mesmo da alcova. A sala era pequena e desarrumada, sobre a mesa um aparelho de TV mostrava imagens em preto-e-branco da portaria e dos demais corredores que se alternavam. Sentamo-nos, e ele me ofereceu café, que aceitei e me foi servido num copinho plástico. Pois não, seu Severo, o que houve? Estamos aqui para atender bem os clientes, ainda mais um cliente fiel como o senhor. Disse o gerente se reclinando na cadeira, como que empinando um cavalo. Não gostei do seu tom íntimo, mas o homem não tinha culpa da minha desgraça. Ele estava representando o papel de um gerente amável que precisava garantir o seu emprego. Bebi o último gole de café e, num esforço incrível, perguntei-lhe se lembrava de Catalina, a mulher que me acompanhava segundas e sextas quando vinha ao Caribe. Como esquecer?, disse ele, com a expressão maliciosa, a qual não me agradou. Fiquei a imaginar que aquele homem, talvez, fosse um depravado e que

sabia histórias que fariam estremecer até o barbeiro Celso que vivia rodeado de seus rapazes musculosos. Senti-me em desvantagem; uma situação que é capaz de me tirar do sério. Quem sabe se nos quartos também não existiam câmeras escondidas e ele assistia a tudo? Espantei esses pensamentos, tinha de me concentrar no meu objetivo. E num esforço maior ainda, quase gaguejando, sentindo o coração apertado, as mãos molhadas, lhe perguntei se ele lembrava se alguma vez a viu no Caribe com outro homem? O gerente bebeu o café num só gole. Encheu outra vez o copinho e também me ofereceu. Não aceitei. Ele estava pensando no que ia responder-me, aquela pergunta lhe era perigosa. Compreendi. Ser gerente de um hotel como o Caribe deve ser atividade de risco, disse para o copinho plástico que eu segurava. Sentou-se outra vez e disse que não podia revelar nada sobre os clientes. Proferiu o seu discurso. *Peço que me desculpe, mas imagine se alguém, digamos essa senhora que vinha com o senhor ao Caribe, me perguntasse se o vi com outra mulher?* O que o senhor faria no meu lugar? O senhor está vendo essas imagens? Apontou para a tela onde os corredores e a portaria se apresentavam em preto-e-branco. Elas são para a segurança dos clientes. Não para vigiá-los. Aqui dentro do Caribe temos uma lei: *Cegos, surdos e mudos*. A minha vontade era de saltar sobre ele e esbofeteá-lo. Que tipo mais idiota. Queria bancar o moralista, quando todos sabiam que o hotel era um verdadeiro reino de safadezas. O hotel até fornecia garotas de programa para homens solitários. Respirei fundo e pedi-lhe para ir ao quarto que eu e, por pouco não digo *serpente*, minha companheira ocupávamos. Pois não, respondeu o vampiro irritante. O senhor pode esperar na porta do quarto, eu mesmo levo as chaves. Preferia que fosse outra pessoa,

pensei ao deixarmos a sala e chegar ao corredor pouco iluminado e acarpetado que cruzei ao lado da serpente por 700 vezes. Aquilo me doía para valer. Quase desisti de chegar à porta da alcova. Quando fiquei em frente à porta, não consegui encará-la, e baixei a cabeça. Então ouvi um gemido dentro do quarto, que se repetiu e se intensificou. O gerente surgiu outra vez no corredor, trazendo as chaves. Há gente aí dentro?, perguntei, apreensivo. Não, senhor. E me entregou as chaves. Fique à vontade, qualquer coisa que precisar, basta discar nove e falar com a telefonista. Ele retornou à sala da gerência, e, somente quando fechou sua porta, eu abri a alcova. Ao entrar ouvi outro gemido. Haviam deixado a TV ligada no canal erótico, a atriz estava em pleno desempenho. Desliguei a TV, fechei a porta, acendi a luz. Uma tristeza absurda desabrochou em mim, atirei-me na cama e chorei como um menino que tem medo de escuro. Podia distinguir nos lençóis do Caribe o perfume de Catalina. *Onde você está, Catalina? O que eu te fiz, Catalina? Eu te amava, Catalina... Eu te amo, Catalina.* Fui acometido de um acesso de fúria e rasguei o lençol, virei o colchão, derrubei o aparelho de televisão do seu suporte preso à parede, que se quebrou ao cair no chão. Olhei-me diante do espelho de corpo inteiro e não me reconheci, eu não era mais Severo Pena, o contador. Eu havia me transformado num homem estranho a mim mesmo. Peguei a cadeira e preparei para arremessá-la contra o espelho, o telefone o salvou tocando sobre a mesa de cabeceira. *Seu Severo, aqui é José, o gerente. Pensei bem. Posso ajudá-lo, mas é importante que a informação fique somente entre nós.* Respondi que concordava, e o canalha perguntou-me se era possível lhe conseguir algum dinheiro pela informação: De quanto você precisa? Mil está muito bom. Como faremos?

O senhor está com o dinheiro? Não, mas isso não é problema. Então, façamos o seguinte, quando o senhor estiver com o dinheiro, volte ao Caribe e a gente se encontra aí no quarto. Até logo, disse o safado, desligando. Eu me sentei na cama e outra vez me olhei ao espelho, no reflexo que 700 vezes, 1.400 horas, fiquei a admirar a alva silhueta, a nudez e os seus cabelos vermelhos como fogo em contraste com o branco do algodão. Era inegável, amava Catalina mais que tudo. Se a encontrasse, teria coragem de matá-la? Eu era um rato devorado por uma cobra. Fui ao banheiro me ajeitar, estava um traste. Lavei o rosto como se me afogasse, na esperança de renascer. Precisava ir até a minha casa, na vila de rotinas, pegar o dinheiro do gerente e mais algum para pagar o prejuízo que causei à alcova. Eu estava com esperanças de encontrá-la.

A alcova estava inteira. Entrei e me sentei na cama, de frente para o espelho, com o aparelho de TV ligado num programa de ciência que abordava a serpente píton com os seus 8,5 metros de comprimento, encontrada na região indo-malaia. Fiquei a esperar o gerente, segurando o dinheiro e aprendendo sobre os hábitos alimentares do monstro. Bateram à porta. No olho mágico não havia ninguém. Sentei-me e bateram outra vez. Na lente apenas a refração da luz e o corredor fino como punhal. Ao afastar-me da porta, mais uma vez bateram, dessa vez com violência. Abri-a e vi a coisa mais horrível. O corredor coberto por pítons. Fechei a porta, passei a corrente. As bichas batiam a cabeça, forçando a entrada. Pensei em fugir pela janela, não era possível, também estava tomada por cobras. Corri ao telefone, disquei o nove para pedir socorro, ninguém atendeu. Quando me virei, dei com as víboras dentro do quarto, saindo pelo ralo do banheiro. Estava cercado. Não tardou para que elas derrubassem a porta e a janela, tomassem a alcova. Não sobrou espaço livre no aposento, fui coberto pelas serpentes, até o teto. Era difícil respirar em meio àqueles corpos roliços, lisos e frios. Despertei, caindo do sofá da sala. Eram cinco horas da manhã. Dormi nele quando cheguei do Hotel Caribe, estava muito cansado, sentei-me no sofá contando a gratificação do gerente e desmaiei. Olhei para o cemitério de abril, ao lado da porta; ordenou-me a décima cruz. Enterrei-a e lembrei-me que às 10 horas tinha de encontrar Walmir no café,

para irmos ao cartório. Somente depois poderia ir ao Caribe para comprar a informação do gerente José, o vampiro, e pagar pelos prejuízos à alcova. Deitei outra vez. Sentia-me fraco, não me alimentava bem há dias, mas ainda era muito cedo, não encontraria nada aberto. Ouvei a velha vizinha tossir, o vizinho gordo roncar, um galo no morro cantar, um avião, uma buzina, dormi. Mesmo dormindo, eu conversava com a minha sombra. *O dia promete, o gerente vai revelar seu paradeiro.* A minha sombra estava vestida como um padre na hora da missa. Dizia ela: *A esperança é a segunda virtude do cristão, ao lado da fé e da caridade.* Dentro de mim esse sentimento se revigorou, fazendo-me crer que é possível a realização de um desejo. De repente, o padre tirou a batina, ficando nu e com pênis ereto como uma naja, e vi seu corpo todo em brasa, e gritava de dor. Acordei assustado. Para que eu quero encontrar Catalina?, perguntei ao dinheiro do gerente, que segurava. Para arrancar-lhe a verdade sobre sua vida sem valor, responderam-me as notas em coro. Lavei a cara e parti para a cidade, onde pretendia comer, oficializar o meu herdeiro e comprar pistas sobre a serpente píton.

Sentado à mesa do café, nenhum sinal de Walmir Santos. Não estranhei, sempre foi íntimo do atraso. O cartório não ficava distante, em alguns minutos, caminhando, chegaríamos à repartição. Pedi ao garçom um café-da-manhã semelhante ao de um hotel cinco estrelas, não como o do “Flor de Espanha” ou do “Caribe”, esses viviam num céu escuro e seus cafés eram amargos como fel. Pedi suco de laranja, omelete, queijos, pães e bolos, café com leite, jornal. *Pois não*. Disse o garçom tal qual diria José, o frívolo gerente. A prioridade do dia era o encontro com ele, no entanto, não me foi possível desmarcar com Walmir, não me lembrava onde havia deixado o seu telefone anotado no guardanapo de papel, talvez o tivesse esquecido no bolso da camisa, em casa, ou então com a anotadora Vanda. Lamentei. O jeito era esperar pelo herdeiro, com paciência. O garçom me trouxe o jornal e um cesto de pães e brioche. Perguntou, como no dia anterior, se eu estava bem. Não compreendi a preocupação. Estou sim, obrigado. Sorri, se afastou. Há muito eu não lia jornais, nada sabia do mundo, se avião caiu, determinado artista morreu, empresa faliu, assassinato, nada. Na primeira página dos meus dias existia apenas uma manchete: *Contador mata Serpente*. No jornal, um título me chamou a atenção. A Polícia Federal prendera doleiros envolvidos com lavagem. O garçom me serviu o banquete. Pedi que trocasse a omelete, que a preferia mais compacta. *Pois não*. Repetiu, levando-a de volta. Coisa irritante: *pois não*.

Enjoativo mesmo. Tanto quanto a mania do povo de pronunciar: *com certeza*. Comentário; pergunta ou resposta, lá vem: *Com certeza!* Como é possível? Quando ninguém tem certeza de nada nesta vida? De onde vem tanta convicção, persuasão íntima, segurança? Deixe isso para lá, contador, aconselhou-me o jornal. Concentrei-me na má notícia. Ela me dizia respeito. Procurei nome conhecido, mas a polícia não revelou à imprensa a identificação dos prisioneiros, a fim de não atrapalhar as investigações. Eram 10h30min e nada do herdeiro. Teria acontecido algo a Walmir? Tomei um café-da-manhã inesquecível, com prazer. Parecia curado. Não estava. Necessitava de energia, estar preparado para agarrar a cobra e, se preciso fosse, me enroscar a ela, rolar pelo chão, não permitindo que ela quebrasse o que me restava de íntegro, os meus ossos. O jornal é que não me fez bem. Decidi que não ia mais lê-los a partir daquele dia. O mundo e suas notícias não me interessavam mais. Olhei para a porta do café pela última vez. Walmir havia desistido. A ausência era a prova definitiva de amizade, de respeito para comigo. Walmir devia sentir-se constrangido com a minha proposta, sabendo da minha condição de doente terminal. Não conseguira aceitar ser meu herdeiro. Mas eu lhe deixaria tudo em testamento, de qualquer maneira. Começava a achar que eu tinha sido muito injusto com ele, que jamais o respeitara. Isso reforçava uma convicção em meu espírito, eu entendia de contabilidade, mas não entendia de gente. O sintoma era que eu não conseguia distinguir um verdadeiro amigo de uma cobra. Não se tratava de miopia, mas de insensibilidade. Essas reflexões tiraram da minha boca o gosto do excelente café-da-manhã. Era a mais pura contradição. Fiquei mais confuso. Deitei o jornal sobre a mesa e pedi a

conta ao garçom. *Pois não.* Dessa vez o perdoei. Era hora de ir para o Hotel Caribe, para comprar as informações sobre Catalina e seu amante. Temia não suportar a confirmação de que a serpente se enroscava em outro tronco.

Ao chegar ao Caribe, não encontrei a recepcionista gorda e emperrada. Quem estava no balcão era um homem baixo e careca, enfiado num feio terno vermelho e este tinha gestos velozes, parecia ser movido à eletricidade. As vestimentas daqueles funcionários faziam jus ao estabelecimento. Por favor, preciso falar com o gerente. Diga-lhe que é Severo Pena, o contador. *Pois não.* Respondeu o careca, pegando agilmente o telefone. *Botelho, o senhor Severo Pena, contador, está aqui na portaria e quer lhe falar.* Pensei, deve se chamar José Botelho. Olhei para a câmara presa no teto, a lente apontada para o balcão da portaria, e o imaginei me observando, reclinado em sua cadeira, com o seu olhar indevido. O careca ouviu atentamente o seu interlocutor e recolocou o telefone no gancho, num só movimento. *O gerente disse que já temos contador, mas que o senhor pode deixar o seu cartão.* Encarei a câmara, com o intuito de que José melhor me apreciasse, era possível que ele não estivesse me reconhecendo, porque o homem não é como o cão, que tem a capacidade de distinguir o visitante mesmo em preto e branco. Insisti com o atendente careca: estive aqui ontem e combinei um encontro com o gerente. Diga-lhe que trouxe o que pediu. O careca pegou outra vez o telefone, chamou o seu superior e repetiu o que lhe dissera, palavra por palavra, inclusive o tom que eu empregara. Aquilo não me surpreendeu, notei que era como um cão adestrado, bem obediente, e suspeitei mesmo que sequer pensava. Ouviu a resposta e recolocou

cou o telefone no ganho. Ele disse: *Não conheço este homem, nunca o vi mais gordo, não estamos interessados nos seus serviços de contador. Se quiser, deixe o cartão.* Ao ouvir aquele insulto, subi as escadas e invadi a sala da gerência, no segundo andar. Ao empurrar a porta, como numa batida policial, dei de cara com um homem desconhecido, negro e forte, de camisa social branca e uma gravata vermelha pendendo do pescoço robusto. O homem se ergueu e se revelou bem maior do que eu. O que é isso? Quem é o senhor?, perguntou-me com a voz potente, abrindo sua gaveta, o que supus ser o depósito de alguma arma. Isso me intimidou. Peço desculpas, acho que me enganei. Não pense que sou louco. Realmente eu me enganei. Fiquei tentado em lhe revelar que eu era um cliente de 1.400 horas de alcova no Hotel Caribe, entretanto, a circunstância lamentável impediu-me de abrir a boca outra vez. Considerei que a melhor estratégia era desaparecer da frente do gerente que eu não conhecia. Desci as escadas e cruzei a portaria sem olhar para o careca, sentindo que ele me seguia até a porta espelhada, em direção à rua. Deixei o hotel deveras constrangido, necessitava com urgência de uma dose de conhaque de alcatrão. A bebida veio à lembrança sem que soubesse a razão, talvez porque intuía que a bebida pudesse esterilizar a minha vergonha e confusão.

Somente na “*Lanchonete Terminal*” eu poderia tomar a dose de conhaque necessária. Embarquei no táxi amarelo, que cortou a cidade cinza, e pude reparar pela janela a sua beleza dourada. Ao mesmo tempo me sentia assustado com a minha atitude de invadir a sala do gerente. Podia ter levado um tiro, e tudo estaria perdido. A serpente estaria livre. Não podia fracassar. O trânsito lento pelo excesso de carros, os semáforos volúveis, o motorista do táxi disposto ao diálogo. *Desculpe, não posso falar, tenho dor na garganta.* Foi a desculpa estúpida que arranjei para o homem. Funcionou, ele se calou. Pude então apreciar a paisagem da cidade, desfilando pela janela. Os prédios antigos, o teatro centenário, os museus de arte, as galerias comerciais, o formigueiro de gente circulando tonto procurando o doce dinheiro. A luz da tarde, filha do outono, ressaltando a arquitetura de modo admirável, ofertando gratuitamente um dia radiante. Sempre gostei do outono, ele me deixa alegre; não gosto do verão, estação do estio, quando os homens ressecam e se tornam ásperos e a cidade é a própria fornalha. O táxi me deixou próximo à “*Lanchonete Terminal*”, estava ansioso para rever o mulato espantador de moscas. Mas, para minha decepção, tinha sido despedido da lanchonete. Qual a razão?, perguntei, indignado! O rapaz me contou que o mulato fez uma brincadeira com cliente mal-humorado, discutiram, trocaram socos e houve até ameaça de morte. Que brincadeira foi essa?, perguntei, perplexo. *Quis saber do homem se ele sabia pintar os ovos.*

Ao ouvir a razão da briga e a consequente demissão do espantador de moscas, baixei a cabeça e deixei para sempre o lugar, sem nada beber, deixando o rapaz falando sozinho. Lamentei profundamente, sentindo uma dor no estômago. Restava-me caminhar, vagar pela cidade, ser engolido pela sua agitação, ver as horas passarem. Andarilho era no que eu estava me transformando. O que anda muito, o que leva carta e más notícias, lacaio que acompanha os amos, a pé. Era mesmo um lacaio da amargura, um servo de dois senhores, andando por eles, enchendo as minhas pernas de varizes, fazendo brotar calos nos dedos e no calcanhar, marchando sobre o meu próprio coração, a fim de esmagá-lo. Caminhar pisando pregos, vidro e brasa. Andante sem destino. Eu não queria mais pensar. O que ansiava mesmo naquela tarde de *justa causa* era também esmagar o meu cérebro sob a sola dos meus pés, obtendo assim um pouco de paz, esquecendo por alguns instantes a busca recalcitrante pela minha senhora. Ao mesmo tempo, necessitava pensar no assunto, encontrá-la, afinal, acabar logo com tudo de uma vez. Arrancar-lhe a minha verdade e depois lhe apertar a garganta até que morresse. No entanto, nem sinal da serpente. A coisa ia muito mal. Eu começava a vislumbrar a possibilidade de um futuro muito triste. Esse pensamento destruía os meus nervos. Quando olhei o relógio da rua e conferi que já passavam das 16 horas, imaginei que José, o gerente do Hotel Caribe, já tivesse rendido o gerente que não me conhecia. Respirei fundo e disse para mim mesmo: *Severo Pena, não desista. José vai lhe contar onde Catalina se escondeu e quem é o homem ao seu lado, na fotografia.* Era a minha esperança. Quando me voltei, percebi que havia sido seguido. Dessa vez por dois homens. Fiz sinal e entrei num táxi, eles fizeram o mesmo.

Ao chegar ao Hotel Caribe, empurrei a porta espelhada com o coração na mão, olhando para a rua, para ver se tinha conseguido despistar os meus seguidores. Quando me volvei para a recepção, tive uma boa surpresa. Quem lá estava era a gorda vermelha emperrada. Suspirei aliviado. A minha alma se iluminou como um crepúsculo. Boa tarde. Estive aqui ontem, lembra de mim? Como esquecer? O senhor quebrou todo o quarto no segundo andar. Por causa disso mandaram o José embora. Por pouco, também não sou despedida. Disse a gorda com raiva, pegando o telefone. Então ouvi alguém descendo as escadas, apressado. Ergui os meus olhos para a lente da câmara do circuito interno, e não tive dúvidas em escapar do seu enquadramento. Ao chegar à porta espelhada, ainda tive tempo de perguntar à gorda como eu poderia encontrar José. Ela respondeu que não sabia, que não queria saber e que a deixasse em paz, que não podia perder o emprego! O gerente negro e forte surgiu na recepção, com um porrete nas mãos. Empurrei a porta, alcançando a calçada. Fugi do Hotel Caribe correndo pela rua como um ladrão, com justa causa. Fui seguido até em casa.

Ao amanhecer, enterrei a décima primeira cruz no cemitério florido de abril. O cerco se fechava. Mesmo assim, fui à rua, ansioso por achar um telefone. O velho Manuel Antonio não estava no portão, o que me agradou. Caminhei uma quadra e encontrei o telefone numa esquina, sob a amendoeira dourada pelo sol da manhã. A calçada estava coberta de folhas e amêndoas maduras, o inverno parecia se aproximar. Abriguei-me dentro da concha acústica e telefonei para Walmir, o herdeiro. Uma voz mecânica informou que o número estava com defeito. Olhei para os números no guardanapo de papel, que encontrei no bolso da minha camisa, em casa, mais uma vez os disquei e a mesma voz repetiu a mensagem indesejada. Talvez Walmir tivesse anotado o número errado, por estar nervoso ao saber da minha doença. Telefonei então para o Hotel Caribe. Inventei que era primo de José, que havia chegado de viagem e precisava lhe falar com urgência, mas o homem que me atendeu disse que ele não trabalhava mais lá, e não estava autorizado a dar informações sobre ex-funcionários. Coloquei o telefone no gancho com raiva, irritado. Prestei atenção no interior da concha coberta por anúncios vulgares: prostitutas baratas e remédios milagrosos. Um dos anúncios chamou minha atenção. A foto de um índio com um pássaro no ombro. Abaixo da fotografia, o recado: *Trago o seu amor de volta em quatro dias, submisso, e apaixonado. Caboclo Cobra Coral.* Tremi. Já tinha ouvido dizer que a cobra *coral* é tão peçonhenta quanto a

naja, que vive sob folhas e pedras. Aquilo mexeu comigo. Olhando para as folhas da amendoeira sobre a calçada, telefonei para o caboclo e marquei consulta às 18 horas. Voltei para a vila monótona, e dessa vez encontrei o velho Manuel Antonio ao portão. Ao passar por ele, ouvi-o balbuciar: *Cuidado*. Não compreendi o alerta, mas, ao entrar em casa, aquilo fez sentido. Tive a impressão de que alguém tinha estado ali na minha ausência. Tremi. Sentei-me no sofá da sala, angustiado e desconfiado, e analisei o anúncio do Caboclo Cobra Coral. Era bem ridícula a peça publicitária. Duvidei que ele seria capaz de me trazer a serpente de volta, em quatro dias. Mas eu não tinha saída. Fazia qualquer negócio para tê-la. Sentia muita falta do telefone em casa. Cogitei comigo acionar a empresa e solicitar reparo para o meu aparelho. Desisti. Era uma tolice. Deixei como estava, o fio arrebatado dentro da parede, puxado por mim com toda a força, cortando a ligação com o mundo. Foi quando notei que o número para o qual eu telefonava não era o de Walmir, era o meu próprio número, de casa, por isso a mensagem comunicando defeito. Fiquei mais confuso. Mas não quis pensar sobre isso. Estava é com fome, não tinha nada na geladeira. Teria de ir à rua outra vez, além de reservar o táxi para a viagem. Deixei a vila monótona mais uma vez, e um conhecido carro estava parado na esquina. Não recuei, passei ao lado dos homens, que fizeram questão de me olhar, eu não olhei. Caminhei até um bar próximo à vila, onde pedi arroz e feijão com bife acebolado e batatas fritas. Adoro esse prato, minha mãe o fazia com carinho quando eu voltava do escritório de Ataliba Martins. Devorei a comida, sentindo a barriga inchar. Estava mais magro e a calça escorregava da cintura quando caminhava. Saltava em vão os furos do cinto.

A viagem até a casa do Caboclo Cobra Coral era longa, ficava na Serra do Imperador, cerca de duas horas. Passei no ponto de táxi do bairro e encomendei o carro para as 15h30min. Voltei para casa, o carro não estava mais na esquina, sumira, e o velho Manuel Antonio já tinha se recolhido. Eu também queria descansar um pouco, fechar os olhos por uma hora, não pensar em nada. Não consegui. A cabeça era um redemoinho. Os últimos dias tinham sido agitados. E a história de ir ao terreiro de um caboclo bolinava ainda mais com o meu juízo. Estava quase desistindo da entrevista, quando me lembrei de que, no ano passado, pouco antes do vaticínio da cigana, Catalina me fez acompanhá-la a um lugar desses, do outro lado da baía. Fomos à casa de uma avó africana dos tempos da escravidão. Para que você quer ir a esse lugar?, perguntei, rejeitando o destino. Intimidades de mulher, respondeu-me Catalina, intimando-me a estar ao seu lado. Fui e me arrependo. A bordo da barca, cruzamos as águas calmas da baía sob uma lua inesquecível, o brilho intenso, parecia uma medalha de ouro no colo do firmamento. Lembro que, ao vermos a lua, sorrimos e nos beijamos apaixonadamente, e viajamos de mãos dadas. Parecia que ela me amava. Chegamos à casa da avó africana às 19 horas. A construção era simples, pintada de branco, com um jardim bem cuidado, com copos-de-leite sob a Lua. Um corredor, ao lado da casa, levava a um quarto nos fundos, onde a velha entidade fumava o seu cachimbo. A assistente, vestida de branco, pediu que eu esperasse no jardim, enquanto conduzia a serpente até a consulta. A noite estava agradável, não fazia calor, apesar de ser novembro. Aproveitei para estudar a agenda de contador, organizar os compromissos do *chefe*, sob um poste que imitava um lampião a gás. Foi quando o

meu coração quase parou. Um cão enorme e negro estava diante de mim, sentado, olhando-me fixamente. Parecia uma estátua do jardim, sequer piscava os olhos vermelhos. Recordei naquele momento do que minha mãe dizia: *Gente metida com espíritos vê o diabo*. A sua imobilidade me aterrorizava, parecia estar esperando que eu me movesse para atacar-me. Queria chamar a assistente, mas tive medo de que lhe estimulasse a mandíbula. Resolvi ficar quieto, como pedra, olhando apenas para a agenda, torcendo que alguém chegasse ao jardim ou que Catalina terminasse a conversa com a avó africana. Transpirava e gotas salgadas se alojavam nos meus olhos. Não ousei esfregá-los, suportei o ardor, até respirar era difícil. Sentia cada parte do meu corpo reclamar movimento, mas o meu cérebro as impedia. Olhei outra vez para o cão, na esperança de já ter se acostumado a minha presença, mas ele continuava imóvel, sentado, com a expressão de ameaça. Era como um guarda determinado a não perder de vista o seu prisioneiro. Ninguém aparecia para salvar-me. Na terceira olhadela, pude notar como as suas patas eram grandes e os caninos escorriam afiados da boca. Não podia mais com aquilo. Tomei a decisão de me levantar calmamente e caminhar até onde estava Catalina. *Mas se o cão me atacar?*, perguntei a minha agenda. *Você me atira contra o seu focinho*, respondeu ela, solidária. Como um bailarino, com gestos estudados e suaves, fechei a agenda, ajeitei a coluna, pus-me de pé, torcendo para que minha perna direita não me traísse. Respirei fundo. Girei o corpo na direção do corredor, dando as costas para o cão. O difícil foi dar o primeiro passo. Avancei um metro e parei, esperando o ataque. Não ouvi suas garras arranhando o piso. Isso me animou. Prossegui, passo a passo, até chegar ao quarto dos fundos. A porta

estava encostada e a empurrei com delicadeza. *Quem está aí?*, perguntou-me a avó africana, com a voz de velha, mas no corpo de uma mulher que devia ter 45 anos. Estava sentada num banquinho de madeira, vestida de branco, turbante, segurando junto à boca um cachimbo que exalava forte cheiro de fumo, e Catalina sentada à sua frente. Desculpe, mas fiquei preocupado com o cachorro. Catalina me lançou um olhar de reprovação por ter entrado sem ter sido convidado. Conhecia bem aquele gesto, quando ela contraía um dos cantos da boca e erguia as sobrancelhas, arregalando os olhos azuis. Como é o cão?, perguntou-me a velha. Grande e negro. *He! He!*, cantou a avó africana. Isso não é bom: *He! He!* Compreendi que o seu comentário significava algo de ruim. Foi quando ela me disse que eu era teimoso. Claro que não, respondi. Catalina deu um risinho e completou. É teimoso sim, vó. Não sou não! Devolvi. É sim! Insistiu Catalina. Estou vendo um velho nas suas costas. *He! He!*, disse a velha africana. Olhei para trás, assustado, mas só vi a parede pintada de branco. Aquele *He! He!* não me agradava. Parecia censura, sem contar que me acusou de carregar um velho nas costas. O único velho que conhecia era Manuel Antonio, senil morador da primeira casa, abandonado pelo neto. Catalina interveio, notando minha irritação. Estamos indo, vovó. E a serpente me olhou outra vez com reprovação. A consulta terminou, e a mulher retornou ao mundo dos mortais e para os seus 45 anos, pousando o cachimbo sobre a mesa tomada por imagens de santos, velas e flores. Passou a se ocupar do seu livro-caixa, cobrando pela consulta, confirmando-me que nem a crença prescinde da contabilidade. Eu paguei pela consulta. O pior estava por vir. Tive de ter paciência com a serpente, ela reclamou a viagem inteira, a

| 116 bordo da barca, que eu havia lhe atrapalhado, quando a africana ia lhe responder questão importantíssima para a sua existência. O que é?, perguntei. Mas ela não quis falar e se despediu de mim, sem me beijar. No dia seguinte, Catalina me disse que a avó africana lhe telefonou dizendo que naquela casa não havia cão negro, mas um velho vira-lata branco e magrelo e que eu era muito teimoso, e que eu estava condenado. Fiquei muito irritado com aquilo. Não quis falar mais no assunto e disse a Catalina que nunca mais a acompanharia a reuniões com os mortos, ou a consultas com entidades. Deitado em minha cama, lembrando da história, perguntei-me se também não valia a pena uma visita à velha escrava. Afinal, eu era um escravo e ela disse que eu estava condenado. O interfone soou, era o motorista do táxi que eu havia encomendado para me levar até à casa do Caboclo Cobra Coral. Eu que não queria mais ir a lugares como esse.

Segunda Parte

Não cheguei à casa do Caboclo Cobra Coral, na Serra do Imperador. Fui preso pelos federais no dia 11 de abril, às 16h30min, dentro do táxi. Eram eles que vinham me seguindo. Fiquei incomunicável numa pequena cela durante dois dias e duas noites. Tive febre e delirei. Walmir me visitou na cela, sentou-se na cama e contou que perdera Catalina no jogo de pôquer. Despertei agoniado e tonto, acho que sete da manhã. Serviram-me café com leite e pão com margarina e me levaram à presença do delegado e do jovem promotor público federal, com cara de garoto, terno, a cara rapada, os óculos de quem sabe o código penal de cabo a rabo. Esclareceram que eu vinha sendo monitorado há seis meses. A operação da polícia foi batizada de “*Cabeça da Serpente*”. Por que esse nome?, perguntei, assustado. Porque queremos cortar a cabeça do *chefe*, disse o velho delegado, com o cigarro aceso. Revele quem é ele, onde está, e em troca lhe oferecemos vida nova, disse o delegado, a voz pigarreada, ares de bêbado. *Identidade nova e paz até o fim dos dias*, tudo o que eu mais queria, num lugar distante, talvez até em outro país, não ser mais Severo pena. O jovem promotor federal confirmou a oferta. Aceitei a proposta, sem olhar para o meu rosto no espelho da sala de interrogatório. O promotor entregou-me o acordo por escrito, mas nele havia a cláusula de que, se eu mentisse, me enterrava vivo. Entregaram-me um caderno com uma serpente na capa, ordenaram que eu anotasse todos os detalhes que sabia sobre o *chefe* e a organização da qual

eu era o contador. Olhei a serpente no caderno por um bom tempo, em silêncio. Algum problema?, perguntaram. Não gosto de cobras. Eles riram. Não compreendiam. Escreva como organização surgiu, o número das contas, os pontos fracos, como manda para o exterior madeira, pedras; e quem lhe fornece as armas que vende no mercado interno. Queremos tudo, inclusive o nome dos doleiros que lavam o dinheiro: débito, caixa e crédito, disseram como se fossem dois auditores fiscais. Um fumando sem parar, o outro ajeitando os óculos. Talvez seja necessário mais que um caderno, disse-lhes. Não seja por isso, tome dois. Pedi a palavra. Esclareço que, apesar das circunstâncias, sou um homem igual a vocês. Riram outra vez. Não me intimidei e continuei a dizer o que pensava. Sou um homem de um tempo sem ética e decência, de acordos, fraudes aos livros contábeis, que registram miragens. Um tempo de esperteza, falácia e lucro fácil, em que só sobrevive aquele que tem poder de compra. Um tempo em que tudo e todos são mercadorias, nada mais. *Tempo de serpentes*, e olhei a capa do caderno, e eles desta vez me olharam seriamente. Pedi que eu me sentasse num lugar tranquilo, com erva-mate e sem espelhos. Nenhum mesmo. Conduziram-me ao bem decorado gabinete do promotor público federal. Vigiado, sentei-me à mesa de jacarandá, sorri com isso. Escrevi no caderno a verdadeira história de Severo Pena. Eu agora me lembrava perfeitamente de tudo. Na abertura do livro, registrei uma espécie de justificativa.

O Caderno da Serpente

Ouvi dizer que somente as paixões são dignas de fé. Sempre acreditei nisso, de verdade. Sem paixão, nada faz sentido na vida. Eu sou um homem que foi obrigado a beber azeite, um homem azougue por sobrevivência, cuja garganta não engoliu certas injustiças que me foram servidas. Conclusão: ressentimento. Diz-se que ressentido é o fruto que principia a apodrecer. Eu, ainda jovem, compreendi que era fruto anômalo para a árvore que me gerou, que fui tolerado por conveniência e covardia. O resultado é este: uma sombra que me persegue a todo lugar que eu vá. É hora de contar a verdade, chega de mentiras.

Severo Pena.

Quando abri os olhos, sabia que não era pesadelo coisa nenhuma; tudo era bem real. Catalina desaparecida desde o dia 23 de março, o barbeiro Celso disse que a perdeu de vista, e os federais atrás de mim. Tive a ideia enquanto fui ao banheiro. Procurar eu mesmo por ela e, enquanto a procurasse, tentar confundir a polícia. Perguntei-me sobre o absurdo da ideia e conclui que absurdo é viver o resto dos meus dias sem Catalina. De repente, Roberto Carlos mandou tudo para o inferno, no rádio-despertador, e com um tapa no *off* calei-o. Eu estava ansioso; já eram seis horas da manhã do dia primeiro de abril. Era tempo de me levantar e pôr a ideia para funcionar. Lembrei-me do calendário de parede que eu tinha trazido do escritório e guardado na estante da sala. Ao abri-lo, dele saltaram as flores de outono que Catalina mandou Jairo imprimir. Beije o calendário, desenhei mais um coração, um para cada dia que ela estivesse longe de mim. Fui até a janela da sala, para espiar se o *chefe* já tinha acordado. Lá estava ele, o velho Manuel Antonio, morador da primeira casa onde estão guardados todos os documentos, as agendas, os livros contábeis verdadeiros, e não os falsos, que estão no mausoléu 37, e até armas. O *chefe* ficou senil e passa o dia no portão a admirar as mulheres que cruzam a rua. Isso não significa que ele perdeu o poder, sempre segui suas ordens. Quando passo por ele, tem mania de dizer: *Cuidado*. Baixei os olhos, dando com o maldito gato que insiste em mijar na minha porta, impregnando a minha vida com aquele

cheiro dos diabos. Tinha vontade de matá-lo, mas ele pertence ao *chefe* e não sou louco. Sabia que tinha pouco tempo para a ideia, em breve eu ia ser preso. Ninguém suspeitava de Manuel Antonio, nem que eu tinha ido morar na vila porque ele queria ter seu contador sempre por perto. Para todo efeito, Manuel Antonio vivia de aluguéis de imóveis espalhados pela cidade, administrados pela Severo Pena Contabilidade. Antes de ir para o escritório, visitei Manuel Antonio em sua casa, contei-lhe o meu plano. Disse-me apenas: *Cuidado*. Demorei girar a maçaneta, avancei, acendi a luz e dei com a mesa de Catalina. Que saudade! Fui ouvir os recados na secretária eletrônica. Sabia que meus telefones estavam grampeados. Por isso optei por ligar para os pequenos clientes a fim de que procurassem outro escritório de contabilidade. Quando avisei da mudança de Catalina, era porque queria que os federais acreditassem que essa era a razão do seu desaparecimento. E, sobre a minha doença, também era para confundi-los e pressioná-los quanto ao tempo que dispunham. *A declaração do imposto de renda, Severo Pena?* Procure outro escritório, ora bolas! Coisa convincente para os que gravavam minhas conversas. Ao final do dia, a contabilidade estava encerrada e os federais confusos e preocupados, era o que eu esperava. Não precisava comunicar ao Jairo, o dono da gráfica; ele que fabricava os talonários de notas frias. Combinamos que ele ia sempre deixar o telefone fora do gancho. Espalhei a notícia de que a gráfica estava falida. Orientei o Jairo aparentar estar deprimido, ameaçando suicídio. Não é que o Jairo se matou por acidente? Ele se esquecera de que tinha recarregado o revólver. Brincando com a arma, meteu uma bala na cabeça. Sua morte acabou sendo boa para a ideia. Como diz o povo, morto não fala.

Pobre Jairo. Gostava dele. Até o Garcia, seu irmão, acreditou no suicídio por causa das dívidas. O que eu não contava era que os federais tivessem acesso ao e-mail de Catalina, enviado de uma *lan house*: *Eu te odeio. Já sei de tudo. Você é mau e o homem mais chato deste mundo. Você nunca mais vai me ver.* O e-mail que me deixou arrasado, e me fez chorar baixinho, dentro do banheiro do escritório. Sentado no vaso sanitário, chorando sem parar, quando lembrei a minha verdadeira origem, bem diferente da que inventava para os outros.

O ressentimento aflorou na minha alma no dia do sepultamento de minha mãe. Dona Maria morreu por causa do protozoário *Trypanosoma Cruzi*, que causa a doença de Chagas, quando o seu coração inchou até explodir. O dia mais triste de minha vida. Conduzi seu corpo ao cemitério, atrás da Igreja Matriz, numa tarde nublada, perfeita para funerais, quando as flores se tornam mais tristes. Poucas pessoas estavam presentes ao sepultamento, entre elas o contador Ataliba Martins. O caixão foi depositado na gaveta 37, um das mais baratas, comprada pelo patrão. Despedi-me de minha mãe prometendo vingança. O alvo estava bem à frente, Ataliba Martins. Olhava para ele com extremo desgosto enquanto o caixão era engavetado. Quando me abraçou, na vã tentativa de consolar-me, dizendo que a vida prosseguia e que eu era jovem e tinha um futuro pela frente, senti ódio. Antes de partir, Ataliba aconselhou-me a tirar três dias de licença do escritório, alertando que trabalho intenso me aguardava. Assistindo-o desaparecer entre as sepulturas, trinquiei os dentes e cerrei os punhos, decidido de que era chegada a hora de pegar o que era meu. O salário que eu ganhava no escritório era medíocre, trabalhava como um animal de carga, fazendo as anotações nos livros, conferindo toda a papelada, arrumando o arquivo no subsolo, indo à rua como um eterno garoto de recados. Entretanto, o que mais me revoltava era quando os belos filhos de Ataliba Martins apareciam no escritório para lhe exigir dinheiro, e houve vezes em que eles

levaram nos bolsos mais do que eu ganhava após um mês de árduo trabalho. Ataliba Martins não desconfiava de que eu sabia que ele era meu pai. Ele seduziu minha mãe, Dona Maria, a faxineira, no subsolo do escritório, e como dois animais escondidos na escuridão úmida do arquivo, me geraram. Quando Dona Maria contou a Ataliba Martins que estava grávida, o contador se desesperou. Procurou um amigo enfermeiro e perguntou se podia ajudá-lo a livrar-se de um herdeiro indesejável, através de injeções proibidas. Dona Maria aceitou a proposta, porque foi amedrontada pelo contador. Disse que Ofélia Martins, sua mulher, se descobrisse, os mataria, não tinha dúvidas. Para a infelicidade de Ataliba Martins, e minha salvação, as agulhadas não surtiram efeito e vim ao mundo numa manhã de outono, sob forte ventania. Não é por acaso que tenho medo do vento, quando ele uiva como lobo. Ataliba Martins implorou silêncio à minha mãe e lhe prometeu emprego vitalício no escritório, como faxineira, e que jamais deixaria faltar alguma coisa ao filho bastardo, que me ajudaria até que atingisse a maioridade. O canalha ainda sugeriu que ela me contasse que eu era filho de um conhecido violeiro e bêbado da cidade, Heleno Reis, morto por causa da cirrose hepática, um ano depois do meu nascimento. Maria cedeu e, não fosse a fé em Deus e a confissão ao velho padre, teria tomado formicida. Quando me tornei adolescente, Ataliba Martins me transformou em seu escravo contábil. Era dessa forma que passei a ver a suposta proteção, após descobrir a verdade. No dia da morte de minha mãe, ela me chamou e pediu-me perdão e confessou. *Seu pai é Ataliba Martins, não Heleno Reis.* Ao ouvir a confissão, compreendi o ocorrido num determinado fim de tarde, quando todos pensavam que eu já me encontrava na escola

técnica de contabilidade, mas estava arrumando o depósito de documentos no subsolo, onde fui gerado. Ouvi pelas frestas do soalho uma discussão entre minha mãe e Ataliba. Ouvi nitidamente minha mãe dizer-lhe que sentia muita culpa por mentir. Ataliba Martins lhe aconselhou a esquecer o passado. Cheguei a pensar em perguntar a minha mãe sobre o que falavam, no entanto preferi ficar em silêncio, porque julguei que aquilo pudesse prejudicá-la no emprego, além do mais, Ataliba Martins parecia ser um bom padrão para mim. Somente após a revelação, no leito de morte, compreendi por que o inferno está tomado por gente com boas intenções. Ao voltar para a casa amarela, agora salubre, mas vazia, senti profunda decepção com a vida. Restava-me a contabilidade, que estava no sangue, e passei a fazer cálculos do que Ataliba Martins me devia. Deve alto, disse para as paredes da casa amarela. A partir desse dia, comecei a conversar com os objetos, que julgava mais confiáveis que os homens. A morte de mamãe me fez crer que era hora de ter uma conversa séria com o genitor, todavia nem tudo sai como planejamos, porque a vida é um jogo imprevisível em que os movimentos podem surpreender o mais experiente jogador. Eu era jovem, portanto inexperiente. Havia planejado pedir a Ataliba Martins que me reconhecesse como filho, aos 23 anos, e me desse o que tinha direito, a participação no escritório. Era justo, eu havia concluído o curso técnico de contabilidade, e seus filhos não se importavam com a empresa. Caso o contador se recusasse, contaria toda a verdade para Ofélia Martins, de quem ele tinha muito medo. Após os três dias de licença, ainda tomado pela emoção, retornei ao escritório disposto a cobrar a promissória e o encontrei em dia ruim. Ataliba Martins não estava bem de saúde.

O jovem jogador deu lance em hora adiantada. Tudo se passou, quando ouvi sua conhecida queixa de que os filhos só gastavam dinheiro e que Ofélia os acobertava. Enchi-me de raiva e me deixei levar pela emoção, mexendo precipitadamente a peça no tabuleiro. *Eu não lhe dou trabalho! Nem gasto o seu dinheiro! Só lhe poupo. Está na hora de você pagar o que me deve, pai!* Ataliba Martins me olhou aterrorizado, sua respiração começou a falhar, levou as mãos ao peito e caiu morto sobre a mesa de trabalho, diante de mim, tal qual, mais tarde, o velho garçom no restaurante da Avenida Principal. Não podia imaginar tal desfecho. Após o sepultamento do genitor, tomei coragem e contei aos filhos de que era também membro da família Martins e que queria minha parte no escritório. A revelação por pouco não teve um fim trágico; os filhos de Ofélia Martins quase me surraram à porta do cemitério, sendo ainda obrigado a ouvir ofensas à minha mãe. Fugi para a casa amarela. Surpreendentemente, no dia seguinte da briga, o mais velho dos filhos, o que tinha vasta cabeleira loura, procurou-me e me entregou um pacote de dinheiro, quantia suficiente para que eu fosse embora da cidade e começasse a vida bem longe. *Minha mãe mandou lhe avisar que a recusa pode ser perigosa para a sua vida.* Senti mais uma vez ódio indescritível, no entanto me vi obrigado a aceitar a mísera oferta e tomar o ônibus rumo à Capital. Na viagem, olhei diversas vezes para a foto de Dona Maria junto à mesa vazia de Ataliba Martins, no escritório. O contador batera a foto, surpreendendo-a. O ressentimento fixara-se em minha alma e prometi que jamais ia permitir que alguém me enganasse outra vez na vida. Desembarquei na Capital, no velho terminal rodoviário, decidido a não ser um escravo, mas um senhor. Eu era jovem.

O desaparecimento de Catalina tem a ver com o reaparecimento de Walmir Santos. Tudo isso se deu justamente quando o cerco à organização se fechava. A organização começou a ruir na manhã extremamente agradável de 15 de março, mês passado. Após deixar a estação do metrô e dirigir-me ao velho edifício de quatro andares localizado na *Travessa FS*, onde funcionava a Severo Pena Contabilidade. Vi um homem deixando a portaria, apressado, alguém em que não batia os olhos há quase 20 anos. *Não é possível*, disse para a minha velha pastinha preta. O homem era Walmir Santos, que, ao ser interpelado, desequilibrou-se, quase indo ao chão da *Travessa FS*, tamanha foi sua surpresa. Admiramo-nos por um breve momento, tempo suficiente para que os olhos nos confirmassem que realmente quem estava à frente era quem a lembrança nos despertava. *Walmir? Severo?* Na pequena travessa há um bar, ao lado dele está uma cadeira de engraxate, exatamente em frente à porta transparente da barbearia com suas três cadeiras americanas, vazias por ainda ser cedo. O dono do bar, o engraxate e os barbeiros puderam testemunhar nosso reencontro. A luz dourada da manhã alumiava nossas cabeças e revelavam o tempo escrito nos fios dos cabelos. *Vejam quem apareceu*, comentou o barbeiro Celso com os jovens auxiliares. Por sua vez, observou o engraxate Anacleto para uma de suas escovas, *Seu Severo conhece o home*. Segurei o rosto de Walmir entre as mãos, examinando-o, como quem verifica o estado de um objeto

valioso antes da compra num antiquário. *Veio me ver, Walmir?*, perguntei curioso, e as testemunhas puderam ouvir claramente: *Sim*. A afirmação causou estranheza ao engraxate Anacleto. Arrastei Walmir Santos para o interior do prédio, cruzando a estreita portaria sem a presença do porteiro Mariano, subindo as escadas, dispensando o uso do elevador com porta pantográfica. Chegamos ao corredor quase escuro que antecedia o escritório, no segundo andar, sentindo o forte cheiro de cigarro e das espadas de São Jorge plantadas em jarros pelos cantos, numa mistura de decoração e prevenção contra a inveja. Catalina as colocou ali. Notei que Walmir Santos subira os degraus com dificuldade, não porque estivesse com algum problema na perna, mas porque relutava, talvez porque o reencontro lhe fosse desfavorável. Entretanto, vendo-se incapaz de livrar-se de mim, procurou demonstrar alguma alegria. Ao chegarmos junto à porta, ouvi um barulho dentro do escritório, como se um sapato caísse sobre o soalho. Reparei que, no cinzeiro de metal, aparentemente esquecido ao lado da porta, um cigarro quase inteiro estava espetado na areia. Que sorte eu ter chegado cedo, meu amigo Walmir, disse, empurrando a porta do escritório com violência, que, aberta, revelou Catalina sentada numa cadeira, colando tiras de esparadrapo nos pés, com os sapatos de couro azuis largados junto às pernas do assento. Coisa estranha ela estar ali tão cedo. A entrada inesperada assustou-a e caiu sentada no chão, para nosso espanto. A luz da manhã, que penetrava pela janela e escorria generosa sobre o soalho, permitiu que víssemos claramente sua roupa íntima, que era mais azul do que os sapatos e os olhos na face branca, sob os cabelos de fogo. Prontamente Walmir a ajudou a erguer-se, enquanto permaneci emoldurado pela

porta do escritório, surpreso com o que assistia. *Que susto!*, disse Catalina, ficando de pé, ajeitando o vestido florido que eu nunca tinha visto. Havia constrangimento no ar, e fiquei desconfiado. Propus nos sentarmos e conversarmos sobre a vida, mas a reunião se construiu com reticências, como se não tivéssemos nada para dizer um ao outro, o que era esquisito, porque Walmir não aparecia há muitos anos, pelo menos era o que eu imaginava. Catalina fez um café ruim e servido em xícaras para visitas, e uma delas se espatifou no chão. Catalina estava nervosa, era evidente. Aquilo tornou o reencontro ainda mais desagradável. Não me surpreendi quando Walmir Santos anunciou sua partida. Ele estava fugindo. Por quê? Havia algo ali. Despedimo-nos no corredor, e, quando Walmir desapareceu nas escadas, recordei o dia que ele partiu dizendo que ia para o Sul do país e lhe neguei empréstimo. Voltei à sala e observei da porta Catalina retornando à mesa de trabalho, desconcertada. Quando mergulhou seus olhos na papelada sobre a mesa, peguei o cigarro quase inteiro espetado na areia do cinzeiro ao lado da porta e guardei-o no bolso da camisa. Um silêncio pesado cobriu o escritório. Fui ao banheiro. Retirei o cigarro do bolso e o observei atentamente. Ao ver-me no espelho, vi pela primeira vez, atrás de mim, o velho que a avó africana disse que me seguia, mais negro que a graxa para sapatos de Anacleto. Ao deixar o escritório, disse para Catalina que ia engraxar meus sapatos. Ela nada disse, demonstrando indiferença. Desci as escadas e cheguei à portaria. Mariano dessa vez estava à mesa e o repreendi seriamente. Você está falhando no seu serviço. *Cuidado*. Cuidado, não! Quem diz cuidado é Manuel Antonio. Eu disse: *Tome jeito!* Mariano não teve tempo de se desculpar, dei-lhe as costas, bem irritado, e sai do pré-

dio para a *Travessa FS*, indo sentar-me na cadeira do engraxate, ao lado do bar. Pedi a Anacleto que caprichasse nos sapatos, sem pressa, que os tornasse brilhantes como um espelho. O negro sorriu e entregou-me o jornal que trazia na capa análises sobre os efeitos da Revolução de 64, data que se aproximava. Anacleto, o engraxate, tinha sido estivador do cais do porto, tinha o físico de atleta; suas feições eram abrutalhadas, no entanto, o negro tinha no olhar certa ingenuidade. Ele trabalhava para mim há pelo menos sete anos como olheiro da *Travessa FS*, contando-me tudo o que se passava e principalmente se por ali aparecia gente estranha rondando o prédio. Anacleto nutria por mim devoção fora do comum, e havia razão para isso. Nunca esqueceu o dia em que estava ameaçado de despejo da pequena casa no subúrbio, junto à linha férrea, e não sabia onde abrigar a mulher e os cinco filhos. Perguntei-lhe por que chorava naquela manhã fria, quando a *Travessa FS* estava vazia. Anacleto contou seu drama pessoal e lhe fiz a proposta de pagar seu aluguel, mensalmente, desde que ele aceitasse a função de vigiar a *Travessa FS*, sem que ninguém desconfiasse. Anacleto aceitou e eu não podia imaginar que estava contratando o melhor dos olheiros. O vigia chegou a desenvolver um relatório detalhado, anotado num caderno, como o caderno da serpente, mas repleto de erros de português, no entanto compreensíveis, sobre a movimentação diária da *Travessa FS*. Registrava cada fato com o respectivo horário da ocorrência: *12 horas: O portero Mariano decho o predio e foi no bar do Antero toma cachaça. Voltou 13 horas e 10 minutos, atrazado.* A princípio, considerei os relatórios um exagero, mas com o passar do tempo avalei que eles eram de fato importantes, demonstravam

como

estava a vida dos frequentadores da travessa. Através dos relatórios pude perceber que o porteiro Mariano estava em decadência, por causa da bebida, falhando no serviço, e que era tempo de livrar-me dele, antes que causasse problemas. Quando os relatórios se tornaram numerosos, pedi ao engraxate espião que não mais os entregasse diariamente, mas somente nas sextas-feiras, ao final do expediente do escritório. Assim o olheiro procedeu. Toda sexta-feira, às 18 horas, subia as escadas do prédio e enfiava por debaixo da porta um envelope lacrado. Mariano sabia que Anacleto entregava-me algo, mas não imaginava o que era. Curiosidade não lhe faltava, mas ele não ousava comentar nada. Mariano também trabalhava para mim, há pelos menos dez anos. O porteiro tinha a função de filtrar o acesso ao segundo andar, informando pelo interfone sobre quem estava subindo ou quem procurava por mim ou Catalina. Mariano recebia uma gratificação mensal que complementava o seu salário no edifício comercial. O prédio que praticamente pertencia a Manuel Antonio. Mariano tinha uma lista de nomes proibidos de subir. Para isso, mentia com eficiência, informava que eu havia viajado, que o escritório andava fechado por motivo de doença ou mudança de endereço. Quando quem procurava por mim se plantava à porta do prédio, Mariano acionava um código eficaz que criou, a fim de alertar que alguém me cercava na portaria: *O elevador está com defeito. Já mandei chamar a técnica?* Era o que dizia ao interfone. Mas Mariano não percebeu os federais grampeando meu telefone. Foram os relatórios de Anacleto que me despertaram sobre o que vinha ocorrendo. Sem contar que teve um dia, há cinco meses, que um dos federais sentou-se em sua cadeira de engraxate e perguntou se me conhecia.

Conheço pouco, disse Anacleto ao homem, que estava armado e carregava distintivo. Entre Anacleto e Mariano jamais existiu amizade, entretanto o porteiro sentia ciúmes do engraxate, porque era evidente que eu o tratava com mais consideração. Não era para menos, Mariano era um bêbado e suas falhas agravavam-se a cada dia. Era imperdoável ele não estar na portaria àquela hora, quando Walmir Santos visitou o prédio na minha ausência. O terceiro homem a meu serviço na *Travessa FS* era o barbeiro Celso, que trabalhava há quase 20 anos, praticamente desde quando passei a dividir com Walmir Santos a sala do português Manuel Antonio, o *chefe*. Celso não era apenas um simples barbeiro, mas um homem de minha extrema confiança. Ele atuava fora da *Travessa FS*, de várias formas, fazendo para o *chefe* serviços dos mais diversos, principalmente os sujos. Celso era um cão fiel, afinal a organização salvara sua vida quando estava com sérias dívidas no jogo de pôquer. Celso é homossexual e vive cercado de jovens auxiliares que praticam fisiculturismo e gostam de ficar se exibindo na porta da barbearia. Repreendi-o algumas vezes sobre isso, mas desisti, porque os relatórios de Anacleto me provaram que a presença dos jovens musculosos inibe os estranhos. Ninguém sabia que Celso trabalhava para mim, quero dizer, para Manuel Antonio, nem seus auxiliares protegidos, que os chamam de *Tio Celso*. Um das especialidades do barbeiro é o bom relacionamento que tem a capacidade de desenvolver, qualidade que foi bem aproveitada pela organização, em especial no caso do ex-chefe da polícia. Celso foi quem aproximou o policial recém-eleito da organização. Há alguns anos, telefonei para a barbearia perguntando se podia cortar o meu cabelo. Celso disse que era impossível, que naquela tarde tinha de sair

para fazer a barba do recém-empossado chefe de polícia. No dia seguinte, ordenei a Celso, orientado por Manuel Antonio, que investisse nessa relação e que fizesse um levantamento completo de quem ele era, já que na organização corriam boatos de que o homem era ambicioso. Vou averiguar, disse sem questionar. Um mês após a ordem, Celso apareceu com as informações que superaram as expectativas, e as transmiti a Manuel Antonio: *Celso informa que o chefe de polícia é casado, não tem filhos, é bissexual e aprecia os travestis da Rua AS, além de gostar de dinheiro como todos nós.* Sabíamos que Celso não era de jogar informação no lixo, isso significava que ele estava muito bem municiado sobre o caráter do policial. Transmíti-lhe nova ordem do *chefe*. Convide-o para conhecer o escritório de contabilidade; o pretexto para vir à *Travessa FS* será sua barbearia. Sim senhor. Nessa época a organização estava iniciando as operações no mercado negro de armas e necessitava de bons contatos nos meios policiais e militares, a fim de que os negócios corresse bem e expandissem. A exploração de madeira de lei e pedras preciosas estava enfrentando muitos problemas. As questões relacionadas à preservação das florestas atraíam cada vez mais olhares, principalmente de ambientalistas e da imprensa. A gota d'água foi quando um navio foi apreendido pelos federais carregado de madeira de lei com destino à Europa. A apreensão causou sérios prejuízos à imagem da organização, e o *chefe* ficou profundamente irritado com os fiscais, que nada puderam fazer, a não ser evitar prisões, alertando sobre a operação policial. Após alguns dias, Celso trouxe o recado do chefe de polícia, que aceitava o convite. Foi dessa forma que se iniciaram as relações entre a organização e esse homem, hoje senador, que foi muito importante para os negó-

cios. Eu colhia o principal benefício da graxa de Anacleto em meus sapatos, o relaxamento. Justamente o estado de espírito que me conferia frieza para analisar problemas. Anacleto ou qualquer outro engraxate desconhecia inteiramente que eu me sentia relaxado com o seu trabalho, a massagem através do couro. Li as notícias sobre a Revolução de 31 de março e que no Norte do país ossadas de guerrilheiros foram descobertas numa vala comum. Fiquei irritado, não com o fato da descoberta, mas porque a região estava cada vez mais nos jornais, chamando a atenção. Aprendi com *os chefes, o atual e o antecessor*, que a melhor forma de sobreviver no mundo é através do completo anonimato, ser uma espécie de corpo invisível, cujos tentáculos movem-se sem que ninguém saiba a origem da energia empregada para o movimento. Aprendi isso principalmente com o *Águia*. Li outra notícia que me estragou o dia. O ex-chefe de polícia, agora senador, havia sido gravado pelos federais e estava sendo acusado de estar envolvido com o tráfico de armas. Sentindo os efeitos negativos da notícia, que acabaram com os efeitos da graxa de Anacleto, voltei meu pensamento instintivamente para Walmir Santos, que aparecera tão cedo em meu escritório como uma assombração. Quero novos relatórios, Anacleto. Ordenei ao engraxate. Você reparou no homem que encontrei na travessa de manhã? Sim, senhor. Preciso que você se concentre e veja se ele vai voltar aqui quando eu não estiver no escritório. Chama-se Walmir Santos. Não precisa de novo relatório, Seu Severo. Esse homem esteve aqui pela terceira vez, em duas semanas. Nas três vezes Dona Catalina chegou mais cedo. Estranhei muito. Está no relatório que na sexta-feira botei debaixo da sua porta. O senhor não recebeu? Você vai ter um aumento, Anacleto. Parabéns

pelo trabalho. Muito obrigado, chefe! Não me chame de chefe, Anacleto! O *chefe* está acima de nós. O engraxate se desculpou, baixou a cabeça e escovou mais uma vez os meus sapatos, que já estavam brilhando como novos. Eu não havia aberto o envelope do eficiente olheiro. Disso eu me arrependo. Retirei do bolso da camisa o cigarro quase inteiro, Anacleto ficou surpreso. O senhor está fumando? Fumar pode matar, Anacleto. O engraxate balançou a cabeça repetidamente, concordando, como um cão obediente. Retornei ao escritório e encontrei Catalina fechada em si. Observando-a, telefonei ao coordenador do setor de fiscalização de tributos, combinando encontro e prometendo-lhe uma garrafa de vinho francês. Abri o envelope e lá estava Walmir Santos no relatório de Anacleto, com erros de português: *13 de março – 7 e meia da manhã – homi de boa aparência teve segunda vês no seu iscritório – Dona Catalina tava lá – Mariano não tava na portaria. Tava bebo.* Fiz as contas e compreendi que Catalina mudara desde que Walmir reaparecera. Choramingava pelos cantos, e eu não sabia o que era. Lembro bem quando nos tornamos amantes, um ano depois da partida do jogador Walmir. E, após cinco anos juntos, Catalina me propôs casamento, mas lembrei-a de que já era casada. Justificou o pedido dizendo que não amava mais o marido sem nome e que, se eu quisesse, terminaria tudo com ele. Não, meu amor, melhor deixar como está. Aceitou, com uma expressão tristonha. Como fui idiota. Após esse fato, comprei-lhe uma casa antiga, com um jardim e um carro vermelho na garagem. Quando lhe entreguei as chaves, de que eu tinha cópias, presas num chaveiro com um pedaço de papel informava o endereço do imóvel, exatamente no Bairro do Bonde, onde ela morava no pensionato, fiz-lhe apenas uma exigên-

cia, que dividisse a casa somente com seu marido misterioso. Catalina sorriu sem graça. Eu sabia que ela não tinha marido algum, que aquela história tinha sido uma invenção de Walmir, para que ela conseguisse o emprego de secretária. Ela sofria para sustentar essa mentira, e isso me divertia. Nessa altura, eu já atuava na organização, fazendo a contabilidade das negociações com madeira de lei. Vendo-a agora, com 39 anos, sentada à mesa, ignorando-me, como se eu não existisse, sentia-me frustrado. Walmir havia lhe tirado a paz como um fantasma que se ergue da sepultura. Sabia que eles tinham sido apaixonados na juventude, mas, depois de tantos anos, vê-la mexida por dentro dessa maneira me agonizava. Quando vi pela primeira vez Catalina, tornei-me obcecado por ela. Não a conheci no dia em que Walmir a levou ao escritório para a entrevista de emprego. E sim no dia em que eu e Walmir assinamos o contrato de parceria e passamos a dividir a sala, cujo proprietário era Manuel Antônio. Combinara com Walmir um encontro às 15 horas no escritório recém-alugado. Adquiri, nessa época, o estratégico hábito de chegar, pelo menos, 30 minutos antes da hora marcada a qualquer encontro, a fim de reconhecer o local, reparar portas de saída, enfim, todos os detalhes importantes, evitando, com isso, imprevistos. No dia do encontro, ao entrar na *Travessa FS*, vi um casal parado à porta do prédio. Era Walmir Santos segurando as mãos de uma belíssima jovem que devia ter 20 anos, ruiva, pele muito branca, olhos azuis, tornando florida a feia travessa. Ao vê-la, desejei-a. Entrei na barbearia, para não ser visto por Walmir, e quem me recebeu sorrindo e perguntando se gostaria cuidar da aparência foi o barbeiro Celso. Sentei-me na cadeira americana e observei o casal através do espelho, eles se despediram através de um

longo beijo. Suspirei tristemente e pedi ao barbeiro Celso que fizesse um milagre na minha aparência. Depois daquele dia, passei a ocupar mesa no escritório com divisória e torcia para que a moça aparecesse para visitar Walmir, o namorado, o que nunca aconteceu. Na primeira vez que ouvi Walmir pronunciar seu nome senti um arrepio; considerei-o muito bonito: *Catalina*. Fui à biblioteca pesquisar o que queria dizer Catalina e verifiquei que significa “*pura*”. Gostei ainda mais do seu nome. Volta e meia pegava-me repetindo “*Catalina*” pelas ruas ou quando retornava para o mofado quarto 22 do “Flor de Espanha”. Decidi seguir os passos de Walmir, com o intuito de descobrir onde ela residia. Catalina morava numa pensão para moças, administrado por freiras, no Bairro do Bonde. Muita vez tomei café-da-manhã num bar próximo ao pensionato, esperando que ela saísse à rua e tomasse o bonde até a Cidade, onde trabalhava numa boutique fina. Na loja, além de atendente, Catalina era uma espécie de modelo, vestindo as melhores peças da vitrine. Numa manhã fria, trajava vestido e sapatos vermelhos, que a tornavam ainda mais linda, e por pouco não invadi a loja para me declarar apaixonado. Vê-la nos braços de Walmir Santos se tornou doloroso. Somente por que ele é bonito?, perguntava à minha pastinha preta, que comprara perto da boutique. Walmir não a merecia, como não merecia a beleza que ostentava. Como afastar Walmir de Catalina?, perguntei à pastinha preta. Até que por acaso descobri como fazê-lo. Sempre o acaso. Soube algo muito importante sobre o caráter de Walmir Santos. Certo dia, ao fim do expediente, fui à barbearia para aparar o cabelo e, ao sentar-me na cadeira americana, Celso comentou que Walmir não era bom da cabeça. Ao ouvir a insinuação de loucura, quis saber por que dizia aqui-

lo. O barbeiro caiu em si e tentou calar-se, mas era tarde. Lancei-lhe através do espelho um olhar penetrante e perguntei se gostaria que eu cuidasse da sua contabilidade gratuitamente. Fomos a um bar, e Celso se abriu. Contou que era vítima do vício do jogo, que queria se ver livre da doença. Estava com pena de ver um jovem como Walmir seguindo os seus passos, que também havia começado cedo, mas que já tinha 35 anos e começava a comprometer o negócio da barbearia. Pedi ajuda para ver se a barbearia tinha salvação, e lhe prometi analisar as finanças. Foi então que revelou o tesouro. Walmir, meu colega, na última sexta, perdeu uma fortuna e colocou o seu apartamento como garantia de pagamento da dívida, disse o barbeiro, contando ainda que Walmir fingiu não conhecê-lo à mesa de jogo. Afirmei-lhe que estava muito chocado e agradecido e que ia ajudar o meu amigo de qualquer maneira. E que ficasse calmo, que ia estudar sua contabilidade, saber se a barbearia estava de fato comprometida. Celso me agradeceu e voltou à barbearia para encerrar o dia. A contabilidade me ensinara que perder dinheiro é a coisa mais fácil do mundo, e no jogo é como queimá-lo numa fogueira. Saber que meu colega de sala e o barbeiro vizinho eram viciados nas cartas era uma vantagem que devia ser bem guardada, como ouro, e que ia utilizá-la no momento certo. Walmir estava torrando a herança que recebeu dos pais, mortos num acidente de carro, na fronteira do Sul. Saber que era um bem-nascido e incompetente só aumentou o meu desprezo por ele. Até apartamento perto da praia o idiota tinha recebido de mão beijada. Enquanto eu morava num quarto mofado de hotel barato. Filho bastardo. Tomar Catalina de Walmir Santos e arruiná-lo passou a ser o meu objetivo. Numa tarde de sábado segui o casal até

um cinema do Centro da Cidade. Sentei-me logo atrás, sem tirar olhos dos namorados. Estudei cada gesto, cada som, procurando decifrar aquela relação. Antes de começar o filme, ouvi nitidamente Catalina reclamar dos seus desaparecimentos nas noites de sexta-feira. Você tem alguém?, perguntou Catalina. Claro que não, meu amor, respondeu Walmir e beijou os lábios da moça, que correspondeu. Senti raiva da cena. Sexta era dia de pôquer, Celso me contara. Antes de terminar o filme, deixei o cinema, ainda mais certo de que havia encontrado o caminho que me levaria à felicidade. Era hora de usar o barbeiro Celso para a grande jogada. Sentamo-nos num café longe da *Travessa FS*. Disse ao barbeiro que a melhor forma de ajudar o meu amigo era através da consciência. Como assim, Severo?, perguntou-me curioso. Expliquei. Celso, eu quero que você se aproxime de Walmir, convide-o ao jogo e lhe empreste dinheiro. Não tenho para mim, como vou emprestar?, perguntou, espantado. Eu empresto a você; você empresta a ele, ou seja, você não me deve nada. O barbeiro abriu um sorriso imenso, mordendo a isca. Continuei com meus argumentos, dizendo que, ao emprestar dinheiro a Walmir e este, ao perdê-lo, ia se sentir envergonhado por dever ao barbeiro vizinho; com isso, a razão lhe seria restituída e ele certamente ia parar de jogar. Celso viu sentido na ideia. Alertei-o ainda que era apenas uma vez que ia fazer aquilo e percebi que no seu íntimo um rebuliço se passava, que seu vício pelo jogo estava sendo estimulado, afinal, ia ter a chance de jogar com dinheiro alheio sem o compromisso de devolver nada. Insisti de que ele deveria emprestar o meu dinheiro a Walmir, caso contrário estaria me devendo, que não achava justo enganar-me, que confiava nele, e lembrei-lhe que fazia sua contabilidade sem

costrar por isso. Pode confiar em mim, Severo. Sabia que ele estava louco para chegar sexta-feira, para se sentar à mesa do jogo e tentar ganhar tudo o que perdeu, mas, para isso, tinha de arrebatá-lo o vizinho. O viciado em jogo tem a eterna ilusão de que a sorte o espera. Tinha a certeza de que a sorte estava é comigo, não com eles, que em breve teria os dois jogadores em minhas mãos, após a sexta-feira. Não deu outra, os dois naufragaram juntos. Após o desastre no jogo, a completa fêlência. Na segunda-feira, Walmir levou Catalina ao escritório para a entrevista de emprego, apresentando-a como excelente profissional e casada. Tive vontade de rir, porque via diante de mim o pior dos jogadores, que ingenuamente julgava ter nas mãos boas cartas. Sua intenção era evidente: que eu lhe desse o emprego e não pensasse em ter nada com a moça. Julgava-a sua propriedade, porque todo homem tem a ilusão de que é dono da mulher com quem se deita. Ao contratá-la, dei o primeiro passo para separá-los definitivamente. Conteí a Catalina que o barbeiro Celso me contara que nas sextas acontecia uma pesada mesa de pôquer, e que Walmir estava quebrado, que o apartamento que recebera de herança estava comprometido para pagar parte das dívidas no jogo. Conteí-lhe ainda que tinha sido eu quem assumira as despesas com a sala, o condomínio, as contas de telefone. Catalina ficou chocada. Pediu para ir ao banheiro. Pela porta, ouvi seu choro contido. Solicitou-me dispensa aquele dia, porque se sentia mal. Liberei-a mais cedo, e vendo-a ir embora, constatei que o plano corria como eu esperava. A situação da representação comercial de peças para guindaste era péssima. Eu também boicotava o negócio de Walmir, jamais transmitia os recados de possíveis compradores. Não sou seu secretário, disse para a minha pastinha preta. O negócio da

madeira de lei ia muito bem, eu ganhava bom dinheiro, começava a prosperar. Não tardou para que os donos do pôquer surrassem o barbeiro Celso e batessem à porta do escritório procurando por Walmir. Negociei com os credores do baralho as duas dívidas e lhes instruí terror aos jogadores através de ameaças. Celso e Walmir recorreram a mim, e isto muito me agradou. Chegou o dia em que vi Walmir sentado à minha frente, chorando e perdido, confessando sua derrota. Mas ele tinha ainda o que eu mais queria, Catalina. E tinha mesmo. Mesmo tendo contado toda a verdade para ela, os dois continuaram juntos, praticamente por um ano. Walmir lhe prometeu que abandonaria o jogo, promessa que não cumpriu, porque Celso sempre o convidava para jogar. E quando Catalina desistiu do relacionamento, finalmente chegou o dia de Walmir anunciar sua ida para o Sul, porque aparecera boa oportunidade de trabalho, o que era mentira. As ameaças dos credores tornaram-se mais sérias, com risco de morte, alimentadas por mim. Não teve saída, senão deixar a cidade. No dia em que partiu, Catalina mal o cumprimentou. Deixou o escritório e, ao chamar-me no corredor, pediu dinheiro emprestado e dessa vez neguei-lhe com extremo prazer, justificando que eu tinha muitas despesas e que ele já me devia muito dinheiro. Calou-se e desceu as escadas. Fiz questão de lhe acompanhar, e vê-lo deixar para sempre a *Travessa FS* foi uma alegria. Ele estava fora da vida de Catalina. Entrei na barbearia do Celso e contei ao pé do ouvido que eu pagara sua dívida no jogo. Sou eternamente grato, Severo, disse chorando, ajoelhado aos meus pés, para espanto de todos na barbearia. Levantei-o e lhe comuniquei que a partir daquele dia ele trabalhava para o *chefe*. Quem é ele, perguntou. Melhor você não saber. Ele concordou. Sentei-

me na cadeira americana e pedi ao barbeiro que caprichasse no corte, que também fizesse a minha barba e que me deixasse perfumado. *Faça milagre, Celso*. Demos uma saborosa gargalhada. As lembranças ferviam-me a cabeça e alteravam as batidas do meu coração enquanto eu segurava a garrafa de vinho francês que ia presentear o coordenador dos fiscais e observava a mulher que me acompanhava há 19 anos e que já não reconhecia. Nem a beleza era a mesma, Catalina envelhecera. Também não sabia que vestido florido era aquele. Temia que a recente aparição de Walmir tivesse despertado algum sentimento nela, mesmo depois de tantos anos. Esse pensamento me causou um tremor. Seria possível que o amor ainda estivesse vivo entre eles? Como o fogo que ressurge e deve ser debelado? A dúvida me aborrecia. A aparição sorrateira de Walmir Santos no escritório, pela terceira vez em duas semanas, como informara o competente olheiro Anacleto, era de assustar. Precisava esclarecer o que se passava. Era hora de acionar os mecanismos de que dispunha para descobrir quais as intenções do fantasma. Mandei Celso descobrir onde Walmir se hospedara. O que Walmir me despertava era incômodo: *Inveja*. Senti inveja de Walmir Santos desde a primeira vez que o vi, na Avenida Principal, quando acontecia a manifestação dos metalúrgicos por 10% de aumento no salário. Saí à rua levando meus cartões de visita, disposto a dá-los a quem me parecesse bem-sucedido. Ao ver Walmir, bem trajado e o belo rosto, julguei estar diante de um homem vitorioso; ledo engano. Sua aparência me confirmou suspeitas prematuras de que eu era um homem feio, cuja magreza me tornava curvado, apesar da tenra idade, como se levasse o mundo sobre as costas. Ainda por cima, eu puxava da perna direita, como um coxo. A perna

que, há um ano, me fez rolar as escadas da Faculdade de Filosofia, anunciando minha vida em queda. Não foi a cigana que adivinhou meu futuro envenenado, foi minha perna. Depois do tombo, mandei adaptar um salto maior no pé direito dos meus sapatos. Entretanto, era tarde demais; meus joelhos de mais de 43 anos reclamaram, não aceitaram o recurso, informou-me o ortopedista, e eu teria mesmo de me acostumar ao caminhar claudicante. Senti muita raiva disso. Como pude não ter dado atenção a esse problema? Conhecer Walmir naquela época deu-me consciência que minha aparência me prejudicava e que mulher alguma se interessaria por mim. O complexo de feiúra me fez odiar ainda mais meu genitor, o contador Ataliba Martins, simpático, que ao juntar-se à agradável Ofélia Martins, produziu dois belos filhos legítimos, que não mancavam. Um deles, o que me entregou o pacote de dinheiro e transmitiu a ameaça de morte, tinha os cabelos dourados como o sol, os quais me causavam admiração, eu que tenho os cabelos crespos e negros como a graxa de Anacleto. Walmir Santos passou a representar para mim um espelho desagradável. E Catalina gostava de estar diante desse belo espelho. Isso além de me muito irritar, me causava inveja. Muita inveja.

Ao entregar o cartão de contabilista ao belo Walmir Santos, uma bomba de efeito moral explodiu próximo, provocando uma correria dos diabos e, como consequência, nossa separação. Retornei mancando ao hotel “Flor de Espanha”, onde Frederico Ruiz, o Fred, como gostava de ser chamado, aguardava-me ansioso, vigiando a recepção, enquanto falava com alguém no interior do seu gabinete de trabalho. Ao chegar, o espanhol convocou-me, exibindo no rosto um ar de excitação. Severo, disse o espanhol com o seu sotaque arranhado, quero lhe apresentar o doutor Armindo Figueira e o doutor Manuel Antonio. Ao entrar no gabinete, cumprimentei os homens, e um deles se parecia com um corvo, metido num terno negro, com um fino bigode que lhe cobria a fina boca, e no meio do rosto um nariz pontiagudo avançava decidido em direção ao mundo. Mas o que chamava mesmo a atenção, eram os seus dois olhos redondos e negros, com um ar de mistério. O advogado e empresário é, a partir de hoje, meu sócio, anunciou o espanhol. Bem como Manuel Antonio. O corvo me entregou um envelope fechado, e Fred ordenou que eu o abrisse. De dentro dele retirei um diploma universitário de contabilidade em meu nome. Você agora é um contador de verdade, e não apenas um técnico contábil, disse Fred com entusiasmo. O advogado estendeu sua magra mão para um cumprimento, que demorei a retribuir tamanho era o meu espanto ao ver o documento. *Aprecio homens com o seu aperto de mão, contador Severo Pena*, disse o mons-

trengo sentando-se e retirando do bolso uma cigarreira prateada gravada com as iniciais do seu nome. Olhando para o diploma, vendo as letras douradas que reproduziam o meu nome e a profissão, recordei quando cheguei à capital pensando ser um contador, e não desconfiava de que era apenas um técnico de contabilidade, que não tinha poder legal para comandar escritório algum. Na ocasião, ao convidar-me para cuidar da contabilidade do “Flor de Espanha”, Fred quis saber se eu era formado. Sou, respondi ingenuamente, fiz curso técnico em minha cidade. *Você não fez faculdade?*, perguntou o espanhol decepcionado. *Somente contador com curso superior está autorizado a assinar os livros*, explicou Frederico Ruiz abanando-se com o cartão de visitas recém-impreso pelo gráfico Jairo. Experimentei decepção profunda e interpretei que tinha sido enganado pela segunda vez por Ataliba Martins, pai que não tive. Deduzi que ao oferecer-me as condições para tornar-me apenas um técnico contábil, e não contador com curso superior, encontrou um modo de controlar-me e não representar ameaça aos negócios da família. Ele jamais me aconselhou a continuar os estudos, eu que não tinha condições de pagar por eles. O patife nunca me alertou sobre a competência legal que difere um contador de um técnico de contabilidade. Nem no curso técnico me dei conta disso. Má intenção de Ataliba Martins, isso sim, ele que jamais me daria participação no escritório que pertencia à Ofélia e aos belos filhos vagabundos. As conclusões me arrancaram lágrimas diante do primeiro cliente na capital, Frederico Ruiz, o hoteleiro. *Calma*, disse-me, *comprar um diploma é a coisa mais simples do mundo, desde que tenhamos bons contatos*. O diploma ilegal que eu segurava era muito importante. Não havia condições de cursar uma faculdade naquela

altura. Foi Armindo Figueira quem conseguiu o diploma falso de contador. Eu lhe era muito grato por isso. Queremos tratar com você um assunto muito importante e sigiloso, e sabemos que podemos contar com você, disse Fred. *Evidentemente que os senhores podem confiar em mim, afinal, agora sou um contador com diploma.* Disse habilmente e os homens riram com vontade. Fred explicou que estavam iniciando uma sociedade para o envio secreto de madeira de lei para a Europa, através de Espanha e Portugal, e que precisavam que eu levantasse algumas informações junto a algumas pessoas sobre como deveria proceder para enviar com segurança a carga nos portos, sem complicações, *compreende, Severo?* A objetividade de Fred não me espantava, entendera, em pouco tempo de convívio, que ele não veio ao mundo para brincadeiras, que queria enriquecer de qualquer maneira. O corvo, após tragar e espantar algumas cinzas que haviam caído sobre as coxas magras, fez uma observação muito curiosa: *O bom contador não faz contabilidade; o bom fiscal não fiscaliza.* Frederico Ruiz soltou uma de suas barulhentas gargalhadas, e era notório que o corvo e Manuel Antonio não apreciavam aquele comportamento espalhafatoso. Concordei prontamente, pendendo a cabeça como um servo, e continuei atento a ouvir as minhas tarefas, que eram buscar informações de como as carretas chegariam aos portos, o embarque nos navios, a cegueira da fiscalização, os prazos a serem cumpridos, além das notas fiscais frias, enfim, o seguro funcionamento do negócio escuso. Cheguei a duvidar se eu teria competência para tudo aquilo, eu era muito jovem, mas ao ouvir que receberia uma boa comissão pelo trabalho, espantei a dúvida para bem longe. Fred disse ainda que eu teria sempre de fazer algumas viagens ao Norte, a fim de contatar

fiscais confiáveis para as operações, além de preparar detalhado relatório contábil sobre as despesas iniciais, como viagens, hospedagem, alimentação, gratificações, e silêncios. Ao final de duas horas de reunião, Frederico Ruiz afirmou que a sorte batera a minha porta quando escolhi para residir o “Flor de Espanha”. Manuel Antonio disse que o hotel era uma pocilga, e o corvo adicionou o seguinte comentário: *o senhor, em pouco tempo, vai deixar de viver neste pardieiro*. Fred soltou mais uma de suas irritantes gargalhadas, abriu a porta do gabinete e dirigiu-se à recepção, deixando-nos a sós por um momento. Peço que pense bem no que vou lhe dizer agora, falou o corvo: *Nem tudo no mundo dos negócios é definitivo*. E o monstrengo piscou um dos olhos negros e me entregou um cartão sem que o espanhol visse; ele que estava na recepção ameaçando de botar na rua um dos hóspedes em atraso. Guardei o cartão, e Armindo Figueira e Manuel Antonio levantaram-se para ir embora. Senti-me valorizado e respeitado pela primeira vez em minha vida, e isto muito me agradou. Eu, que esperara que Ataliba Martins me reconhecesse como filho e me tratasse com respeito. *Quer fazer curso superior de contabilidade, meu filho?* Ataliba Martins jamais me proporia isso, ou me reconheceria, ele que me tratava no escritório através de um ridículo diminutivo. *Severinho, resolva isto; Severinho, resolva aquilo*. Diminutivo indigno que, em lembrança, me provoca revolta. *Severinho é o raio que o parta!* Enfartou quando revelei saber que era meu pai, fugindo da vida como um covarde. Eu o desprezava e torcia para que estivesse ardendo no quinto dos infernos! Não havia dúvidas de que o corvo e Manuel Antonio tinham gostado de mim. E os olhos do corvo eram arregalados não por acaso. Concluí então que ele não era um corvo, mas uma *águia*,

dessas que enxergam distante a presa. Passei a chamá-lo, comigo mesmo, de “Águia”. Os dois homens entraram no táxi que os aguardava na porta do hotel. Acenamos adeus e, quando o carro dobrou a esquina, Fred olhou com tristeza para a fachada do hotel, incumbindo-me de supervisionar a nova pintura do “Flor de Espanha” enquanto estivesse na Europa, onde ia acertar detalhes com os compradores da madeira ilegal. A fachada estava mesmo uma lástima, combinando com os casarios vizinhos mal conservados e escuros da Rua da L. Experimentei a velha sensação de estar sendo usado mais uma vez na vida, o que me provocava asco. Ao mesmo tempo, segurava o meu falso diploma de contador e entendi que não era hora de queixas, mas de paciência. Tinha a impressão de que, ao acaso, conhecera as pessoas certas, que elas iam mudar minha vida: o *Águia* Armindo Figueira e o português Manuel Antonio, que tanto simpatizaram comigo. Só não compreendia como é que Fred conseguira aproximar-se deles sendo tão nojento. Enquanto Frederico Ruiz se parecia com um camponês abrutalhado que não tomava banho, Armindo Figueira se esforçava para superar sua feiúra e se passar por um empresário educado cheirando a água de colônia. Eu me identifiquei com Armindo Figueira e até desejei que ele fosse o meu verdadeiro pai. Já Manuel Antonio era discreto. Quase que imperceptível. Servir, sem reclamar, aos três senhores, como escravo liberto, aguardando o momento certo para que lado bandear, quando um deles demonstrasse quem tinha mais poder, era o que eu devia fazer. Suspeitava que o *Águia* era o mais forte, no entanto, como diz o povo, as aparências enganam. Em meio a esses pensamentos, de quem precisa sobreviver, olhando a fachada desgastada do hotel “Flor de Espanha”, cuja nova

pintura eu teria de supervisionar, avistei um homem elegante diante do prédio, olhando-o com repugnância, segurando um cartão nas mãos. O homem também olhava para a vizinhança, com desconfiança, e, ao ver uma criança nua e barbiguda numa sacada quase molhando um velho que passava, jogou fora o cartão e tratou sair daquele lugar imundo. Reconheci o homem e fui imediatamente ao seu encontro. *O senhor! Dei meu cartão na manifestação dos metalúrgicos, na Avenida Principal, não foi?* O homem parou no meio da Rua da L, olhando-me assustado. Ele era Walmir Santos, terno bem cortado, anel, relógio e sapatos lustrados. Walmir demorou a reconhecer-me, eu que não estava engomadinho como no dia da manifestação dos operários. Dei-lhe novo cartão, cartão de contador diplomado, diga-se de passagem. *O hotel é meu cliente. Vamos entrar e conversar?* Ele sorriu e suspirou aliviado. Nos sentamos em uma das mesas do feio salão de refeições, ao lado da janela por onde se via a rua pobre, e ouvi o elegante falar de guindastes para uma cidade em crescimento. O jovem Walmir Santos, então com 25 anos, jamais poderia suspeitar que estava diante daquele que arruinaria sua vida e lhe roubaria Catalina, a mulher que amava. Depois de fechar a parceria com Walmir e enquanto Fred estava na Espanha, durante a supervisão da pintura da fachada do “Flor de Espanha”, fui surpreendido por um telegrama: *Contador Severo Pena. Espero o senhor na Confeitaria, às 10 horas da próxima segunda-feira. Assunto do seu interesse. Armindo Figueira.*

Era a primeira vez que visitava a Confeitaria. Li numa placa, junto à entrada, que a arquitetura era fruto da *Belle Époque*, e os salões tinham toque *Art Nouveau*; já os enormes espelhos de cristal tinham sido trazidos da Europa e a molduras eram feitas de jacarandá. Ergui a cabeça e impressionei-me com a claraboia do amplo e bem iluminado salão, além dos coloridos vitrais. *A confeitaria é bonita, não?*, perguntou-me Armindo Figueira vestido elegantemente, dessa vez com a magreza enfiada num terno azul-marinho escuro. Percebi que me vestia mal e que destoava do ambiente. Senti vergonha quando ele me olhou de cima a baixo. Sentamo-nos à mesa, ao lado de um dos grandes espelhos que tornava ainda maior o interior do salão. Como vai, Severo Pena? Estou bem, Dr. Armindo. Por favor, me chame de Armindo. Em que posso servi-lo, doutor... Armindo? Pedimos café com leite e bolo de milho. *Vou ser direto, Severo. Gosto de você. Tenho a impressão de que encontrei a pessoa que procurava. Você é jovem, tem vontade. Não aprecio Frederico. Creio que você esteja servindo-o por necessidade. Proponho-lhe trabalho. Vigiar Frederico. Ser meus olhos e meus ouvidos aqui na capital. Não confio nele e aconselho a ter cuidado. Sendo seu contador, a coisa fica mais fácil. Você vai ver que, em breve, vamos mexer com dinheiro alto e tenho a certeza de que esse espanhol vai querer nos passar para trás.* Fiquei impressionado com a objetividade e segurança do *Águia*. Era calculista ao extremo e dizia o que pensava com os olhos fixos no seu ouvinte e com

as garras pousadas sobre a mesa. O café com leite e o bolo chegaram. Quanto ganho?, perguntei tentando imitar sua maneira direta de falar e o seu tom de voz. O homem era uma inspiração, sem dúvida. Disse-me: 10% no primeiro ano; 20% no segundo e, quem sabe, 50% no futuro. Quem sabe? E bebeu um gole de café com leite, aguardando minha resposta. Aceito. Apertamos as mãos. Nesse momento senti um frio percorrer a espinha, estava diante de alguém muito acima das expectativas. A coisa era séria e não tinha volta. O *Águia* disse que eu era bem-vindo à empresa, que eu tinha um futuro pela frente, dependia exclusivamente da minha lealdade e dedicação. Por um breve instante, pensei estar diante de Ataliba Martins. Aconselhou-me a deixar o “Flor de Espanha” o quanto antes. *O convívio destrói os segredos*, disse. Revelou-me que Manuel Antonio tinha várias salas que poderiam funcionar como meu escritório. Contei-lhe que já tinha fechado parceria com Walmir para ocupar um escritório na *Travessa FS*, no prédio de quatro andares. O *Águia* deu uma risada e contou-me que quase todo o prédio pertencia ao português. Que coincidência. Ficou feliz em saber e me sugeriu atender no escritório pequenos clientes, para justificar o funcionamento do lugar, conferir-lhe uma aura de seriedade. O meu contador vai fazer contato com você e orientá-lo como proceder, além de dar indicações. Sei que você está disposto, mas há muito para aprender sobre o negócio. Vamos lidar com coisa grande, falou e comeu um pedaço de bolo de milho, sujando com farelos o bigode fino. Expliquei-lhe que não estava em condições de me mudar do hotel, que precisava economizar, mas que ia fazer isso. Tirou do bolso um cartão e atrás dele escreveu: *Atenda bem a este jovem, envie-me a conta. AF*. Devia procurar o endereço de

uma loja de roupas masculinas. Sobre morar no hotel, ele disse que eu procurasse um lugar decente, que assumia os custos, que falasse com Manuel Antonio, que ele também tinha algumas casas para alugar, e que, quando os negócios estivessem dando lucro, descontava da minha parte. *Garanto que em um ano você terá sua própria casa*, animou-me o *Águia*. Foi quando pediu que eu prestasse atenção a um rapaz bem vestido que conversava animadamente com duas bonitas moças, próximos de nossa mesa. Olhe para ele. Agora olhe para mim: quem você diria que tem mais dinheiro? Cheguei a pensar em dizer que era ele, que gostava do seu terno azul-marinho, mas preferi dizer a verdade. Fico contente com a sua resposta, mas lhe garanto que sou eu. Entretanto, Severo Pena, a discrição é tudo. Quanto mais dinheiro você tiver, pareça que menos tem. *Assim, você afasta os fracassados, os pedintes e a justiça*. E deu uma bela risada e por pouco pensei que Fred tivesse chegado à confeitaria. Não duvidei do conselho, nem precisei esforçar-me para dar crédito a ele, me era inerente à discrição, talvez por ter sido gerado num porão. Eu detestava chamar a atenção; e jogar dinheiro fora. Não era por acaso que, mais tarde, fui morar na casa 09 da vila monótona, ao lado do *chefe*. Eles me ensinaram e me provaram que era o esconderijo perfeito, o endereço não despertava suspeita. Armindo Figueira tomou um táxi rumo ao aeroporto. Fui até a loja de roupas masculinas. Tornei-me apresentável. Não abusei do gesto do homem, não era conveniente, podia se tratar de um teste da minha personalidade. Peguei apenas um terno, uma camisa, um par de sapatos, um par de meias, uma gravata e três cuecas novas. Antes de sair, o funcionário me entregou uma pequena caixa, presente do *Águia*, um par de abotoaduras com turmalinas azuis, da

cor dos olhos de Catalina. Retornei muito feliz ao “Flor de Espanha” para supervisionar a conclusão da maldita pintura da fachada. O acordo secreto com o *Águia* dava-me certeza de que a sorte estava comigo. Não se tratava de jogo. Tinha saudades desse tempo. Sentia falta de Armindo Figueira. Morreu vítima de um câncer na boca, tanto que fumava. Deixou uma carta nomeando Manuel Antonio seu sucessor, para ciúmes de Fred, que acabou morto a mando do português. Outro eliminado foi o contador de Armindo Figueira, um patife e ladrão chamado Adolfo. Descobri seus roubos e contei a Manuel Antonio, que ordenou que ele fosse jogado de um avião quando sobrevoava a floresta. Tornei-me o contador principal da organização. Manuel Antonio seguia os mesmos passos de Armindo Figueira, como fiel discípulo. Discreto e sério. O que mais me surpreendeu foi que ele, em pouco tempo, se acostumou às duras ordens, só exigia que lhe poupassem os detalhes bizarros. Os primeiros anos foram bons para ele, era um tempo de repressão no país. A floresta era um prato cheio para negócios depois da abertura da grande estrada. Um período em que a organização se tornou muito forte. Infelizmente, os ventos da democracia começaram a soprar sobre o país, e para piorar começou a circular pela imprensa a ideia de que a floresta estava sendo destruída. Os velhos sócios morriam com idade avançada, assim como os velhos políticos também; chegava gente nova e com ideias estranhas. Para piorar, Manuel Antonio começou a ficar doente da cabeça. A organização nunca tinha trabalhado com armas, mas acabou sendo empurrada para o negócio por necessidade. Foi nesse período que Manuel Antonio me ordenou pedir ao Celso a aproximação com o chefe de polícia, justamente num período em que o co-

mércio de drogas se mostrou interessado em armamento e ninguém imaginava que esse segmento ia crescer tanto. Não tínhamos nenhuma intenção de entrar no ramo, mas fomos percebendo que era mais lucrativo que madeira, entretanto, mais perigoso. Não demorou dez anos e estávamos certos. O ex-chefe de polícia, agora senador, tinha bons contatos, e o lucro veio com as armas. Recuperamos tudo o que perdemos com o aperto da fiscalização no envio de madeira e pedras preciosas para o exterior. O dinheiro jorrava. As operações financeiras tornaram-se mais complexas e perigosas, tive de estudar bastante, inclusive inglês e informática. Os computadores chegaram, e as transações bancárias tornaram-se eletrônicas. O *chefe* Manuel Antonio era respeitado e inquestionável, mas sua saúde mental deteriorava-se. Contudo, ele conseguia dar ordens claras, eu o ajudava. Nunca podia imaginar que ele fosse tão longe. Agora é passado. Com a revelação do seu nome e que as provas estão na Casa 09 da Vila monótona, a organização chega ao fim. Cumpro assim o nosso acordo, dou fé e assino. E quero nova identidade.

O que aconteceu a Walmir Santos, eu não tive culpa. Não posso pagar pelo que não fiz. Ao saber de suas visitas recentes a Catalina, como já mencionei, mandei o Celso descobrir onde se hospedara. Quando soube, não quis acreditar. Fui até o lugar. Um dos rapazes de Celso me acompanhou. Fomos a pé, caminhando pela cidade. Disse-lhe: Gosto muito de caminhar pelas ruas da cidade, mesmo mancando, me faz bem respirar sua agitação e histórias, suas construções, verificar os costumes e os acontecimentos que envolvem o povo anônimo forjado pelas necessidades, as ruas de imprevisível destino. Olhou-me com uma expressão tola e percebi que não tinha cérebro, era apenas um gorila. Estávamos nos dirigindo ao velho “Flor de Espanha”, que, após o assassinato de Fred, passou a se chamar “Ás de Ouro”, minha sugestão ao *chefe*, em homenagem ao jogo de pôquer. Passei pela *Rua do O*, pelo *Largo do SF*, pelo *Chafariz*, pelo *Convento do Santo ao Relento*, com o rapaz que o Celso me forneceu, seguindo-me, calado, andando pesadamente, feito guarda-costas. A cidade se transforma a todo instante, outro dia não existia esse prédio, apontei-lhe a construção toda de vidro, nada respondeu, apenas seus músculos falavam enquanto andávamos. Quando chegamos ao *Largo do C*, uma confusão estourou, envolvendo umas cinquenta pessoas; elas cercavam dois policiais que levavam um jovem algemado em direção ao carro de patrulha. Metade daquela gente elogiava a prisão do rapaz, que era acusado de ter roubado um apa-

relho de telefone; a outra metade pedia sua morte por meio do linchamento. O gorila ficou agitado, e lhe ordenei ficar quieto. Ao chegarmos à *Rua da L*, mandei que ele me esperasse à porta do “Ás de Ouro”, antigo “Flor de Espanha”. Na recepção, o funcionário me reconheceu e disse que Walmir estava no quarto 22, como eu mandara, o mesmo que ocupei, quando jovem. Subi as escadas e cheguei à porta do quarto 22. Parecia voltar no tempo, que eu tinha acabado de chegar da Avenida Principal, onde entreguei meus cartões de contabilista. A vida é mesmo absurda. Quem ia prever tal situação? Creio que nem mesmo a cigana ou a avó africana. Bati à porta, e Walmir apareceu magro, abatido, olheiras; mesmo assim, continuava bonito. *Severo?* Posso entrar? Forcei a passagem e entrei, reconhecendo cada canto daquele quarto, revendo as noites que passei ali sozinho, pensando em Catalina e no que seria da minha vida. Notei que Walmir estava à mesa escrevendo, as folhas de papel viradas para baixo, a caneta ao lado. *Por que foi ao meu escritório nas últimas semanas e não me procurou?* Walmir não conseguiu disfarçar o embaraço. Soube que esteve lá três vezes. O que há Walmir? Cerquei-o, não havia como negar. Mas, para minha surpresa, negou. Estive apenas uma vez no seu escritório, no dia em que nos encontramos na travessa. Fui visitá-lo, só isso. *Sou idiota?*, perguntei com veemência. Ele arregalou os olhos, assustando-se. Quem lhe disse que eu estava neste hotel? Sou bem informado. Ficamos frente a frente, a mágoa entre nós. Num só passo, sem que desta vez minha perna direita me traísse, alcancei a mesa e peguei uma das folhas de papel; no alto li perfeitamente: *Querida Catalina...* Walmir tomou a folha de papel das minhas mãos e protegeu a segunda folha deitada sobre a mesa. *O que você quer com Catalina?* Não

te diz respeito, canalha! Já sei de tudo. Gritou. Tudo o quê? Você é um patife! Walmir deu-me um soco e caí perto da janela. Levantei-me, abri a janela e dei um assobio para a rua! Dê a carta!, ordenei. E ele a dobrou, enfiando-a no bolso da calça. A porta do quarto foi aberta com um pontapé, e o gorila partiu para cima de Walmir, dando-lhe uma gravata tão forte que quebrou seu pescoço com extrema facilidade. Walmir estava morto. *Imbecil! Veja o que você fez!* Bati várias vezes na cara do gorila, e ele se refugiou no corredor, encolhido. Walmir estava caído no chão, ao pé da mesa, peguei a carta no seu bolso e dele caiu uma cartela de comprimidos. Li a carta que escreveu a Catalina.

21 de março de 2009.

Querida Catalina,

Durante todos esses anos jamais te esqueci. Antes de ir embora, resolvi escrever esta carta e lhe contar fatos importantes, e sobre o que sinto por você. Estou morrendo, tenho um câncer que vai me matar em breve. Quando soube do resultado do exame, você me surgiu no pensamento. Precisava te ver antes de estar morto. Quando fui embora da capital, não tinha jeito. Eu estava endividado e vinha recebendo ameaças de morte por parte dos que eu devia. A gota d'água foi quando eles ameaçaram matar você caso eu não sumisse da cidade. Achei aquilo muito estranho, mas levei a sério as ameaças. Hoje eu sei por que tudo isso aconteceu. E você precisa saber que houve uma pessoa que fez de tudo para nos afastar. Severo Pena. Descobri tudo recentemente, quando voltei à cidade para te ver. Desde que conheci esse homem, a minha vida se perdeu. É verdade que eu jogava e perdi tudo o que os meus pais deixaram. Era uma doença, mais grave do que esta que tenho hoje, porque o jogo me fez perder você. Se eu pudesse voltar no tempo... Agora é tarde. Tenho muitas saudades de você, meu amor. Nunca te esqueci. Foi Severo quem nos afastou, e quem contratou os que me ameaçavam; quem me contou tudo foi um dos homens que me perseguia naquela época. Paguei a ele para falar, e ele me contou que, quando foi ao escritório me procurar, Severo negociou com ele minha dívida e o contratou para que me perseguisse e expulsasse da cidade. Por que ele fez isso?, perguntei

a esse homem, e ele me disse que Severo queria ficar com tudo o que eu tinha. Tudo o que eu tinha era você, meu amor, então só posso concluir que ele me afastou porque tinha interesse. Como me arrependo de ter apresentado você a esse canalha! Meu Deus, que arrependimento. Eu queria muito que você me perdoasse por tudo de ruim que fiz a você. Ainda me lembro do dia em que te conheci naquela loja de roupas. Você lembra? Entrei e perguntei se, caso você fosse minha namorada, gostaria de ganhar um vestido florido. Você disse que sim, e eu te dei o vestido. Foi bom te ver outra vez num vestido florido. Pena que o canalha me encontrou na travessa. Depois daquele encontro, percebi que eu tinha de escrever essa carta te contando tudo. Só assim, você poderia acreditar em mim. Que saudades dos bons momentos. Peço que você saia da vida desse homem. Fuja para bem longe. Volte para tua cidade de flores, para a casa dos seus parentes. Esse homem é uma sombra e ele mente, ele é o diabo. É o que eu queria te dizer. Sei que, apesar de tudo, você tem em seu coração algum sentimento por mim. Pude notar isso quando segurei sua mão no nosso reencontro naquele escritório maldito. E você estava num vestido parecido com aquele que eu te dei de presente. Pela última vez gostaria de pedir perdão e dizer que eu sempre te amei e...

A carta parou nesse trecho.

O gorila continuava no corredor. Walmir, mesmo sem vida, era bonito. Morreu no quarto 22 do Hotel “Ás de Ouro”, antigo “Flor de Espanha”. Aqui me conheceu, aqui perdeu a vida. Sua morte acidental passou a ter sentido. Catalina jamais poderia ler aquela carta. Chamei o funcionário do hotel e inventamos que ele rolou as escadas por acidente e quebrou o pescoço. O gorila fez o serviço, ajeitando o cadáver no alto das escadas e soltando-o. Fui para a casa da vila, levando comigo o testamento de Walmir Santos. No dia seguinte, desesperei-me. Após o banho e a omelete, reparei que a carta de Walmir estava datada em *21 de março*. Observei cada detalhe do documento, gelei. As duas folhas em meu poder eram rascunho. A data e estar incompleta confirmavam isso. Saí apressado em direção ao hotel “Ás de Ouro”. Não podia telefonar de casa, arrebentara os fios por causa das escutas. Lá chegando, ordenei que revirassem o quarto 22, mas não encontraram a verdadeira carta. Não tinha como revistar o corpo, estava no necrotério. Corri ao escritório. Na portaria, perguntei a Mariano por Catalina. Ele disse que ela estivera cedo e saiu levando uma pasta. Subi as escadas e abri a porta do escritório, para tentar encontrar alguma pista. Foi quando vi o *e-mail*, dizendo que já sabia de tudo e que eu era o homem mais chato deste mundo. Desci, fui à barbearia e ordenei ao Celso que seus homens a encontrassem o mais rápido possível. O telefone da barbearia tocou e era o funcionário do hotel “Ás de

Ouro” avisando que Catalina tinha acabado de sair do hotel, que foi procurar por Walmir e que, ao saber que ele caiu da escada e morreu, partiu chorando. Bati o telefone com raiva. *Por que não deixei alguém vigiando o hotel?* Decerto recebeu a verdadeira carta e foi procurá-lo, disse para o Celso. A carta em poder de Catalina me destruía. Lembrei-me outra vez do calendário de flores, o qual ela idealizou para o gráfico Jairo imprimir, como brinde de fim de ano, isso me remeteu a sugestão de Walmir para que ela fugisse para a cidade das flores, onde tem família. Catalina descendia de holandeses que chegaram ao país fugidos da Segunda Guerra. Os avós e os pais de Catalina eram camponeses que se dedicavam ao cultivo de flores. Não é por capricho que Catalina gosta de flores, mas por afeição; elas lembram-lhe a família distante. Entretanto, a jovem Catalina não quis seguir os passos dos irmãos agricultores; queria vir para a cidade, ao que seus pais eram contrários. Fugiu de casa, vindo para a capital à procura de uma amiga. Ao passar pela boutique na *Avenida NSC*, viu um cartaz colado na vitrine anunciando vaga para vendedora. Embora sem experiência, a dona da loja ficou encantada com a beleza exótica da moça e percebeu que, além de vendedora, podia explorar-lhe como modelo para os vestidos da moda. Uma das vendedoras também era do interior e morava no pensionato das freiras no Bairro do Bonde e apresentou-a a responsável pelo pensionato. Tudo se ajeitou, trabalho e moradia. Depois surgiu Walmir, quando lhe comprou um vestido florido. Não foi o presente em si que a conquistou, mas as flores que a peça estampava e que Walmir escolhera. Sentiu-se identificada com ele, além do rapaz ser bonito, evidentemente. Walmir foi o primeiro homem com quem Catalina se deitou, amava-o profundamen-

te, disso eu sempre tive certeza, e uma das provas encontrei dentro de uma caixa decorada por estampas de flores, debaixo da cama em sua casa, um cartão que ela escreveu a ele no dia do seu aniversário: *Meu amor. Te amo. Te amo. Te amo. O que mais dizer? Te amo. Catalina.* Ao ler o cartão, cheguei às lágrimas. Devolvi o cartão à caixa, mas quase o destruí. Eu tinha consciência de que ela nunca me escreveria um cartão como aquele no dia do meu aniversário. Seus cartões sempre traziam a mesma frase: *Parabéns, Severo. Gosto muito de você. Sua Catalina.* Gostar é bem diferente de amar. Dizer “*te gosto*” é menor do que “*te amo*”. E minha ela jamais foi. Catalina ficou comigo por comodidade, porque a consolei em plena desilusão, dei-lhe emprego, casa, carro vermelho e segurança. A contabilidade bem que podia ser profissão exclusivamente feminina. Precisava encontrá-la. Ficarmos frente a frente. Acabar com tudo de uma vez. Matá-la e depois me matar, como o gráfico Jairo. Não por acidente. Nada mais fazia sentido para mim. Nada. *Dinheiro não é tudo na vida, meu filho*, sempre dizia minha pobre mãe. Eu não acreditava nisso, mas com a perspectiva de perder para sempre Catalina, fazia sentido e um vazio profundo tirou todo o sabor da vida. Quando cheguei à capital, aos 23 anos, tinha prometido à minha mãe que não seria um escravo, mas um senhor. Há bem pouco tempo eu acreditava que tinha conseguido realizar o meu objetivo. Estava errado. Catalina era minha senhora. Sempre fui seu servo. Sentia o coração cortado e sangrando e tinha vontade de me deitar no chão da *Travessa FS* e desistir de tudo. Em meio a esse turbilhão, fui informado pelo barbeiro Celso de que o senador havia enviado um recado urgente. *O senador mandou avisar que o senhor será preso a qualquer momento. Eles querem o chefe.* A informação

| 170 já era do meu conhecimento, tinha outras fontes, e já tinha reparado nos relatórios de Anacleto, a presença de técnicos da empresa de telefonia nos fins de semana. Quando me tornei incomunicável, já sabia que os meus números estavam grampeados, que o cerco se fechava a cada dia. Era questão de tempo. Mas o que me doía e preocupava mesmo era não saber onde estava Catalina. Terminei aqui minha confissão. Cumpro assim a minha parte no acordo. A única coisa que quero é sair daqui e encontrar Catalina. Talvez ela compreenda que tudo o que fiz foi porque a amo. Quando entreguei o caderno com a serpente na capa ao jovem promotor público, o delegado veio me contar com sua voz arranhada que Celso também estava preso e ele confessou algo que ia me destruir. *O que Celso disse é mentira!* Antecipei-me, julgando que o barbeiro me acusava de algo. No entanto, o que Celso me escondera nesses últimos dias foi que Catalina morreu afogada no dia *23 de março*. Os seus rapazes fisiculturistas a encontram na Paria da B, sozinha, e, ao tentarem pegá-la, ela se atirou no mar revoltado e foi pega por uma correnteza. Seu corpo nunca foi encontrado. Agora compreendo o nervosismo de Celso quando eu chegava perto dele para saber se tinha notícias de Catalina. Ao saber da terrível verdade, peguei um lápis com a ponta afiada que estava sobre a mesa de jacarandá do promotor e enfiei-o no meu peito, tentando atingir o meu coração. Fui levado ao hospital e fui salvo, infelizmente.

Fui condenado a 12 anos de prisão. Mas, por ter colaborado nas investigações e ser réu primário, fiquei preso por dois anos e meio. Walmir Santos era a única visita que eu recebia, com o pescoço quebrado e contando que perdera Catalina na mesa de pôquer. Ganhei liberdade no dia primeiro de abril, *dia da mentira*, sob nova identidade, a de Heleno Reis, como se chamava o violeiro bêbado que minha mãe contou ser meu pai. Antes de cruzar os portões da penitenciária, parei e pensei em voltar para a prisão e confessar toda a verdade, que eu, Severo Pena, contador com diploma falso, era o verdadeiro *chefe*; e que o senil Manuel Antonio, que não ficou muito tempo preso, porque morreu em seguida, não passava de um fantoche, ou como diz o povo, *laranja*. E o pobre velho nunca esteve naquela reunião no hotel “Flor de Espanha”, quando fui diplomado contador, portanto, não conhecia Frederico Ruiz, o Fred, e nem Armindo Figueira, o saudoso *Águia*. Minha ligação real com o português era apenas a venda do escritório na *Travessa FS* e a casa 09 na vila monótona. Tornei-me o *chefe*, após a morte de Armindo Figueira, quando em carta indicou-me seu sucessor, foi aí que surgiu a ideia de transformar Manuel Antonio num *chefe* fictício. Tive a ideia quando, ao passar por ele no portão da vila, reparei que já sabia mais quem era e somente repetia: *cuidado*. Conversei com o neto do português, sujeito desprezível, desses que parecem boa pessoa, mas não passam de aproveitadores, que podia tomar conta do seu avô, por-

que me sentia grato por ele ter me ajudado quando jovem, e que, sendo seu vizinho, não custava nada olhar por ele. O neto, que queria se ver livre do traste, concordou todo satisfeito, entregando-me as chaves da casa 01, que passou a ser o meu esconderijo. O velho atendia aos meus pedidos assinando documentos e apenas me dizia: *Cuidado*. Com a alcunha de Manuel Antonio, eu podia circular apenas como contador do *chefe* e transmitir suas ordens. Era perfeita a farsa, livrando-me da culpa o máximo possível, e, caso a polícia me pegasse, teria como me safar. Após criar o *chefe* fantasma, ordenei a morte do espanhol Frederico Ruiz e do contador larápio de Armino Figueira, Adolfo, o que a turma do barbeiro Celso cuidou com eficiência. A eliminação foi muito importante, retirava do meu caminho os opositores naturais dentro da organização. Comprei o mausoléu e o numerei 37, como a gaveta de minha mãe, não apenas para esconder dinheiro ou provas, mas como depósito de alguns corpos, como o de Fred, o contador gatuno, e os filhos de Ataliba e Ofélia Martins, que fiz questão de mandar eliminar como vingança e troféu do meu êxito. Ofélia Martins morreu de desgosto por nunca saber o destino dos filhos, que tanto protegera. Minha mãe, Dona Maria continua sepultada na modesta gaveta 37 do cemitério de minha cidade natal, atrás da igreja matriz. A discrição que Armino Figueira me ensinara, apliquei em cada parte da minha vida, e morar tantos anos na casa modesta da vila, ao lado de Manuel Antonio, era o trunfo que eu carregava na manga e que soube usar diante da Justiça, ele que era o *chefe* com firma reconhecida, através de documentos inquestionáveis. No dia da condenação, o jovem promotor público federal disse que não tinha percebido o quanto eu era inteligente. Fiquei calado. Na pri-

são comprei proteção, ninguém mexeu comigo. E mandei dar fim ao barbeiro Celso, o culpado pelo afogamento da minha Catalina. Outro fato que menti foi sobre a morte de Walmir Santos. Quem o matou foi Anacleto, o engraxate, com suas mãos fortes de estivador, sob minhas ordens. No dia em que fui visitá-lo no quarto 22, não era para saber o que queria com Catalina, mas para eliminar de uma vez sua presença de nossas vidas. Eu ajudei Anacleto a largar o seu corpo do alto das escadas. Anacleto morreu misteriosamente, atropelado por um trem, próximo de sua casa. E Mariano, por ter bebido demais, acabou atropelado. Eu só não contava com a carta, essa sim, a única prova contra mim e que não fui capaz de eliminar. A carta que me impôs a maior das condenações, a privação de Catalina. O meu maior castigo. Já aceitei o fato de que vou ter de conviver com as aparições de Walmir Santos, o belo de pescoço quebrado, lamentando por ter perdido o seu amor na mesa de pôquer. Curioso é que perdemos o mesmo amor por causa de cartas. Graças às aparições de Walmir, nasceu em mim a esperança de que Catalina também me apareça. Ao sair da prisão, o primeiro lugar que fiz questão de ir foi sua casa, a que lhe comprei no Bairro do Bonde. Olhei pela ultima vez suas coisas, suas roupas e peguei um calendário florido, o do ano de sua morte. O carro vermelho estava na garagem, ao lado do jardim ressecado, e coberto de poeira. Abri a porta e me sentei ao volante, segurando-o exatamente onde ela punha as mãos. Lembrei das vezes em que íamos à praia, cortando a serra, e de quando quase morri afogado. Catalina não me salvara. Eu fingi que me afoguei e me delicieei com sua respiração boca a boca. *Como é que pode um menino criado perto do mar não saber nadar?*, perguntava-me Catalina. É que eu sempre

menti sobre mim mesmo. Eu nadava como peixe, e minha perda direita sendo mais curta, como a mentira, até ajudava a tornar-me mais veloz. Eu sempre mentia, porque ao dizer que não sabia fazer algo ou não tinha conhecimento, quem me ouvia julgava saber minhas fraquezas, isto se tornava uma vantagem a meu favor. Eu me fingia de morto. Fechei a casa de Catalina para sempre e me mudei para a casa da praia sob coqueiros, a que comprei para ela e que jamais lhe contei o endereço e a surpresa. Espero por Catalina, todos os dias, por horas, sentado sob o guarda-sol amarelo, tomando erva-mate em copo de vidro, olhando para o imenso mar. Fico sentado, sem desgrudar meus olhos das águas, na esperança de que ela me surja como sereia. Uma cadeira florida está ao meu lado, reservada somente para ela. Enquanto não chega, quem toma conta da cadeira é a minha velha pastinha preta de documentos contábeis com a foto de Catalina. Quando anoitece, volto para dentro da casa e desenho um coração no calendário florido, ao lado da porta, para cada dia respectivo de sua ausência. Depois me deito com sua fotografia e só desperto ao amanhecer, quando o rádio-despertador canta como um galo. E volto para a praia, esperar pelo meu amor. Prometi à minha mãe, Dona Maria, enterrada na gaveta 37 na minha cidade natal, que, se Catalina me aparecer, como sempre faz Walmir Santos de pescoço quebrado, eu, Heleno Reis, nunca mais vou mentir. Finalmente, deixarei de ser *O Contador de Mentiras*.

Este livro foi composto em Adobe
Caslon Pro e Frutiger pela Editora
Multifoco e impresso
em papel pólen 80 g/m²
